IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

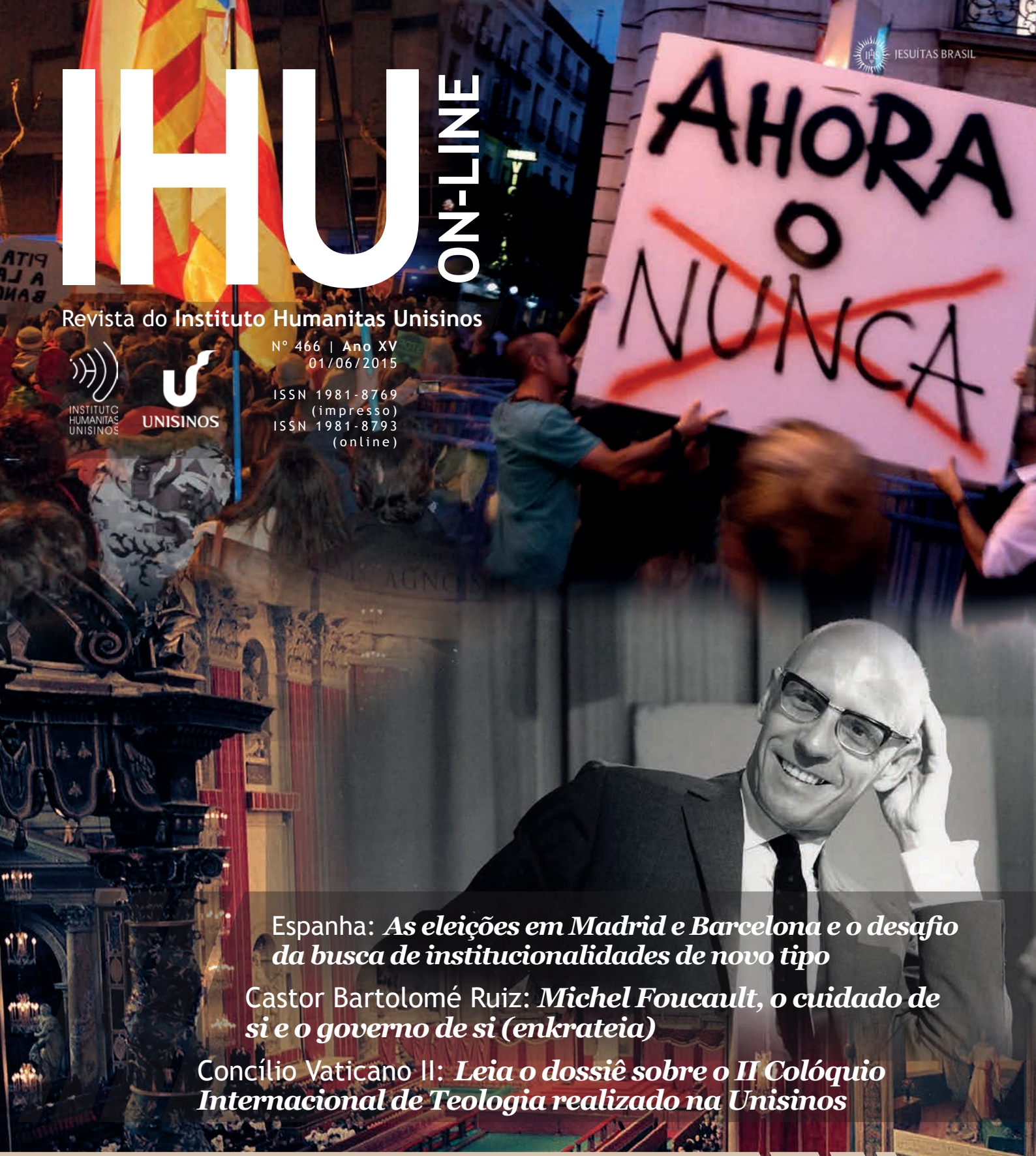
INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Nº 466 | Ano XV
01/06/2015

ISSN 1981-8769 (impresso)
ISSN 1981-8793 (online)

JESUÍTAS BRASIL



Espanha: ***As eleições em Madrid e Barcelona e o desafio da busca de institucionalidades de novo tipo***

Castor Bartolomé Ruiz: ***Michel Foucault, o cuidado de si e o governo de si (enkrateia)***

Concílio Vaticano II: ***Leia o dossiê sobre o II Colóquio Internacional de Teologia realizado na Unisinos***

Pedro Calafate: A dignidade da pessoa humana como fundamento da comunidade internacional

Ugo Baldini: Uma relação obscura. Política, ciência e economia no universo Jesuíta

Christoph Theobald: Os ares do Concílio Vaticano II em movimento

Editorial

Debates IHU On-Line

Três temas são destaques na revista desta semana

As eleições municipais espanholas realizadas na semana passada com a vitória em **Barcelona** e **Madrid** por parte de movimentos que emergiram das grandes manifestações de 2011, conhecidas com 15-M e o desafio da busca de institucionalidades de novo tipo é um dos temas desta edição. **Rudá Ricci**, sociólogo, e **Bruno Cava**, da rede Universidade Nômade e coeditor das revistas Lugar Comum e Global Brasil, contribuem no debate. Para mais informações e análises das eleições espanholas confira as Notícias do Dia publicadas na página do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

"Michel Foucault, o cuidado de si e o governo de si (enkrateia)" é o título do artigo de **Castor Bartolomé Ruiz**, professor e pesquisador do PPG Filosofia da Unisinos. "O que está em questão – escreve - é a possibilidade de criar a própria vida de modo crítico e com poder de si (enkrateia), resistindo à tendência hegemônica de corrosão da capacidade de autonomia efetiva". E o pesquisador destaca duas questões: "a) Quais são os critérios para definir qual é a melhor forma de vida?; b) Qual a importância do Outro numa ética que visa criar uma forma de vida própria?" O artigo aqui publicado é o segundo da série "A filosofia como forma de vida".

Os 50 anos do **Concílio Vaticano II** foi celebrado com a realização do **II Colóquio Internacional IHU**. Três reportagens realizadas com **Massimo Faggioli**, da University of St. Thomas, de Minnesota, EUA, com **Gilles Routhier**, da Universidade de Laval, Canadá, com **John O'Malley**, da Georgetown University, EUA, e os depoimentos de participantes do evento abordam alguns aspectos do evento realizado nos dias 19 a 21 de maio, na Unisinos. A edição traz, ainda, uma entrevista com Christoph Theobald, professor do Centro Sèvres – Facultés Jésuits de Paris. Outras duas entrevistas, respectivamente, com **Olga Consuelo Velez**, professora da Universidade Javeriana, Bogotá, e com **Pablo Bonavía**, teólogo uruguaio, completam o informe.

"A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora (Século XVI)" é a obra que será lançada no dia 02 de junho, na Unisinos, com a presença do seu autor, **Pedro Calafate**, co-coordenador da edição das Obras Completas do Padre António Vieira (Círculo de Leitores, Lisboa, 2013), em 30 volumes. Uma entrevista com o professor da Universidade de Lisboa pode ser lida nesta edição.

"Uma relação obscura. Política, ciência e economia no universo jesuíta" é o tema da entrevista com Ugo Baldini, professor da Università degli Studi di Padova e da Faculdade di Lettere dell'Università di Chieti, Itália.

A todas e a todos uma boa leitura e uma ótima semana!

Crédito das fotos (no sentido horário): Horrapics-Flickr-Creative-Commons / Lothar- Wolleh- Wikimedia Commons / Neil Kandalgaonkar- Wikipédia / Foucault - Site Pensar é grátis

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Jornalistas
João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)
Leslie Chaves – MTB 12415/RS (leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Machado.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br
Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

6 **Destaques On-Line**
8 **Linha do Tempo**
10 **Ugo Baldini:** Uma relação obscura. Política, ciência e economia no universo Jesuíta
15 **José Claudio Alves:** Uma polícia militar e a lógica da guerra

Tema de Capa

18 **#DossiêEspanha:** Rudá Ricci
22 **#DossiêEspanha:** Bruno Cava
27 **Castor Bartolomé** Ruiz: A Filosofia como forma de vida (II)
33 **#DossiêVaticanoII:** Christoph Theobald
39 **#DossiêVaticanoII:** Olga Consuelo Velez
44 **#DossiêVaticanoII:** Pablo Bonavía
46 **#DossiêVaticanoII:** John O'Malley
49 **#DossiêVaticanoII:** Massimo Faggioli
53 **#DossiêVaticanoII:** Gilles Routhier
55 **#DossiêVaticanoII:** Depoimentos
58 **#DossiêVaticanoII:** E se você recebesse uma ligação do Papa, o que lhe diria?
60 **#DossiêVaticanoII:** Johan Konings, Olga Consuelo Velez Caro e Érico Hammes
62 **#DossiêVaticanoII:** Cobertura Colóquio

IHU em Revista

66 **Agenda de Eventos**
68 **Pedro Calafate:** A dignidade da pessoa humana como fundamento da comunidade internacional
76 **Publicações**
77 **Sala de Cinema**
78 **Sala de Leitura**
79 **Retrovisor**

Siga nossas
Redes Sociais

Facebook

Twitter

Blog

Instagram

bit.ly/ihuon

instagram.com/_ihu

twitter.com/_ihu

unisinos.br/blogs/ihu

IHU ON-LINE

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Destaques da Semana

Destaques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 19-05-2015 e 29-05-2015 no sítio do IHU.

Metrópoles e Multidão: das políticas públicas às políticas do comum

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Alexandre Mendes, Doutor em Direito, mestre em Criminologia e Direito Penal e professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Publicada em 27-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1JX6Pdn

Compreender o espaço urbano à luz dos conceitos "metrópole", "neoliberalismo" e "biopolítica" é fundamental para perceber como este se constitui enquanto um "território das lutas e da produção de uma nova subjetividade, aquela correlata às modificações da relação entre produção e espaço", pontua Alexandre Mendes em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail. "A metrópole venceu: ela implodiu-explodiu todos os muros disciplinares que pretenderiam governar o espaço e irrompeu como um fenômeno global", afirma o pesquisador. Na avaliação de Mendes, a metrópole é hoje uma "verdadeira 'fábrica social e difusa', uma nova usina produtiva que opera, não por linhas, moldes e rígidas topologias, mas por redes, modulações e apreensões intensivas do fluxo social". Ele explica que essas "apreensões buscam, justamente, a apropriação de tudo que é produzido em comum através das relações e cooperações que entram em ebulição no movimentado caldeirão das metrópoles".

Crise hídrica. Uma fatalidade climática ou ela foi construída?

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Humberto Miranda, graduado em Ciências Econômicas, mestre e doutor pelo Instituto de Economia da Universidade de Campinas – Unicamp, onde é professor e pesquisador do Centro de Estudos de Desenvolvimento Econômico – CEDE.

Publicada em 22-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1Ap1KIu

A partir da crise hídrica que já afeta alguns estados brasileiros, devem ser feitas as seguintes questões: "Por que chegamos a esse ponto? A quem interessa a crise da água? É uma fatalidade climática ou ela foi construída?", sugere Humberto Miranda em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail. Ele lembra que embora a agricultura tenha demandado um uso expressivo de água com a expansão do agronegócio, a "chamada 'crise hídrica', por seu turno, tem mais a ver com o urbano: indústria e urbanização". De acordo com o professor, o consumo de água industrial e o uso doméstico apresentam uma situação mais complexa, porque estão relacionados "às formas de produção intensivas em recursos naturais (desperdiçam/degradam) ou às características específicas de um segmento em franco crescimento, como o de bebidas alcoólicas e não alcoólicas". Para fabricar apenas um litro de bebida, por exemplo, são gastos entre 1,5 e 3 litros de água.

A Igreja e o processo de abertura que nunca acaba

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Roberto Zwetsch, mestre e doutor em Teologia e professor das Faculdades da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo - EST, do Programa de Pós-Graduação e do Programa de Formação do Conselho de Missão entre Indígenas da IECLB.

Publicada em 21-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1So28wy

"Com o Papa Francisco parece que estamos adentrando um novo tempo da vivência ecumênica, que tem como marcos a Conferência de Missão e Evangelização de Edimburgo em 1910, o surgimento do Conselho Mundial de Igrejas em 1948 e, evidentemente, o Concílio Ecumênico Vaticano II (1963-1965), cujo cinquentenário estamos comemorando num novo momento histórico", pontua Roberto Zwetsch em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail, por ocasião de sua participação no II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. Zwetsch comenta que as declarações de Francisco e o "sentido que ele deu ao seu pontificado", afirmando que é o bispo de Roma antes de ser papa, "já conquistou muita aceitação no mundo luterano".

Feijão transgênico liberado há dois anos está em "banho-maria"

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com José Maria Guzman Ferraz, mestre em Agronomia e doutor em Ecologia, com pós-doutorado em Agroecologia pela Universidade de Córdoba – UCO, Espanha. Atualmente é professor do curso de mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural da UFSCar e professor convidado da Unicamp.

Publicada em 20-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1JHjh0I

O feijão transgênico Embrapa 5.1, liberado no Brasil pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio em 2011, está em "'banho-maria', pois apareceram vários problemas, os quais já tinham sido apontados pelos avaliadores mais críticos, que são chamados de 'pessoas retrógradas que impedem o progresso da ciência', quando na fase destas liberações", informa José Maria Guzman Ferraz, em entrevista à **IHU On-Line** por e-mail. De acordo com o agrônomo, embora tenha sido liberado, o feijão transgênico não foi plantado comercialmente, "porque na fase de multiplicação de sementes ele apresentou problemas que levaram à paralisação da produção". Ferraz lembra que, à época da liberação, os pareceres contrários "recomendavam maiores estudos e apontavam todas estas possibilidades, agora relatadas, mas que foram desconsideradas, e na votação venceu a imprudência e o descaso com a saúde pública".

Jogos olímpicos de 2016: as remoções continuam

Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Entrevista com Alexandre Magalhães, graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e doutor na mesma área pela UERJ.

Publicada em 19-05-2015

Disponível em http://bit.ly/1ekP6k3

As remoções iniciadas no Rio de Janeiro antes da Copa do Mundo continuam, mas agora com a justificativa de preparar a cidade para o novo evento esportivo que vai ocorrer no próximo ano: os Jogos Olímpicos de 2016. Somente entre 2009 e o início de 2014, 20,3 mil famílias foram removidas das favelas das Zonas Sul, Norte/Subúrbio, Jacarepaguá/Recreio dos Bandeirantes para a Zona Oeste, especificamente para áreas dos bairros de Campo Grande, Cosmos, Santa Cruz. Apesar das remoções terem ganhado visibilidade por conta dos jogos, Alexandre Magalhães explica em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail que "as propostas de intervenção sobre as favelas" é algo mais antigo no Rio de Janeiro,. Até a década de 1970, informa, o processo se concentrava "na erradicação como forma principal de ação estatal sobre estes territórios".

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicadas entre os dias 25-05-2015 e 29-05-2015, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana.

E sopra um vento de ar puro... Os dois anos de Papa Francisco em debate

Depois de um longo inverno eclesial, um vento de ar puro e fresco sopra na Igreja. O jesuíta argentino que chegou ao Vaticano com ares de novidade tem conquistado fiéis do mundo todo, caiu nas graças da imprensa, mas também tem mexido com a Igreja, suscitando resistências e contrariedades. Assim tem sido Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco. Entender o pontificado desse bispo que veio lá "do fim do mundo", depois de dois anos de pontificado, é o tema em debate da revista IHU On-Line.

A edição foi publicada na semana em que ocorreu o II Colóquio Internacional Concílio Vaticano II. 50 anos, na Unisinos, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. No evento, mais precisamente na manhã da próxima quinta-feira, serão debatidos, especificamente, "Os dois anos do pontificado do Papa Francisco à luz do Concílio Vaticano II" com a participação de especialistas brasileiros e internacionais.

Leia mais em http://bit.ly/1dGqfqF.

Valorização da sociobiodiversidade continua em segundo plano

Na última quarta-feira, 20-05-2015, a presidente Dilma Rousseff sancionou, com apenas cinco vetos, a Lei que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Infelizmente, com essa aprovação seguiu-se a velha fórmula da política brasileira, onde o que importa são os interesses privados e não os interesses e preocupações da sociedade.

A reportagem foi publicada pelo portal Greenpeace Brasil, 26-05-2015.

Embora importantes, os vetos presidenciais não deram conta de balancear a lei, que ainda é insuficiente para equilibrar a discrepância entre os avanços em pesquisa e desenvolvimento e o respeito à floresta e seus habitantes, especialmente do ponto de vista da repartição de benefícios e do consentimento prévio. O governo perdeu a chance de ouvir as comunidades e movimentos durante a elaboração e tramitação do texto.

Uma das questões polêmicas diz respeito à grande insegurança jurídica em relação ao consentimento prévio ao acesso do conhecimento tradicional, direito assegurado pela Convenção da Diversidade Biológica e pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho OIT. "Embora existam artigos na lei sobre o direito à consulta livre e informada, há gargalos e brechas que podem impossibilitar que isso ocorra de fato", analisa Mariana Mota, de Políticas Públicas do Greenpeace.

Leia mais em http://bit.ly/1ABXTYt

Câmara volta atrás e autoriza doação de empresas para campanhas políticas

Após mais um dia de manobras em meio à aprovação da reforma política, a Câmara dos deputados aprovou na noite desta quarta-feira, 27-05-2015, a inclusão do financiamento empresarial de campanhas na Constituição Federal. Com a nova regra, porém, as doações só poderão ser feitas para os partidos políticos. Os candidatos, por sua vez, só poderão receber doações de pessoas físicas. Na madrugada anterior, os parlamentares haviam rejeitado a doação de empresas. O tema não estava previsto para voltar à votação, mas foi incluído pelo presidente Eduardo Cunha, fruto de uma proposta do deputado Celso Russomanno (PRB-SP), o que causou revolta em parte do parlamento.

A reportagem é de Marina Rossi e Talita Bedinelli, publicada por BBC Brasil, 28-05-2015.

Ainda na noite desta quarta, os deputados também aprovaram o fim da reeleição para os cargos Executivos. A grande maioria dos parlamentares, 452 dos 513, aprovaram a medida, que vale já para os próximos eleitos em 2016, caso passe e uma segunda votação na Casa e no Senado. Atualmente, a Constituição Federal não especifica o tipo de doação permitida. Por isso, os partidos políticos podem receber doações tanto de empresas quanto de pessoas físicas.

Leia mais em http://bit.ly/1AyaXi5

Negros estrangeiros residentes no Brasil detonam nossa fama de "país sem racismo"

Há uma piada entre os brasileiros de que o passaporte daqui é o mais cobiçado no mercado negro porque, não importa qual a sua ascendência – asiático, africano ou europeu – você cabe nele. Mas a realidade é muito diferente.

A reportagem é de Lourdes Garcia-Navarro, publicada no sítio da NPR e republicada no blog Socialista Morena, 25-05-2015. A tradução é de Cynara Menezes.

Estou sentada em um café com duas mulheres que não querem ser identificadas devido à delicadeza do assunto. Uma é caribenha; seu marido é um executivo norte-americano. "Eu achava que seria uma brasileira típica; mas o Brasil que você vê na mídia não é o que conheci quando cheguei", ela me diz.

Como muitos caribenhos, ela se identifica como multirracial. A ilha de onde vem é uma mistura de raças e etnias, então ela estava eufórica de se mudar para o Brasil, que tem a fama de ser um dos lugares mais harmoniosos racialmente no mundo. "Quando cheguei, fiquei chocada ao me dar conta da enorme diferença entre raças e cores, e o que esperam de você – qual é o seu papel, basicamente – a partir da cor de sua pele", ela diz.

Mudar-se para um novo país pode ser difícil; quando você adiciona questões raciais a isso, as coisas podem ficar ainda mais complicadas.

A outra mulher veio de Londres, e também se mudou para o Brasil por causa do trabalho do marido. Ela se autodeclara negra. "Minha pele é muito escura, então quando saio com meus filhos, às vezes as pessoas perguntam: 'Você é a babá das crianças?' E eu tenho de explicar a eles que não, que são meus filhos, que estou cuidando deles", ela diz.

Leia mais em http://bit.ly/1JYJO9V

O desafio de Dublin em festa e o arcebispo admite "Agora devemos mudar"

A primeira proposta de matrimônio chega em transmissão direta no domingo de manhã pela rádio nacional: "Queres casar comigo?" pergunta Linda Cullen a Feargha Ni Bhroin, e a resposta é um "yes!" logo abafado pelos aplausos da redação. O casal de lésbicas irlandesas não perdeu tempo após a esmagadora vitória do "sim" às núpcias gay, aprovadas com 62% no referendum de sexta-feira: "Convivemos há vinte anos, temos duas filhas e o matrimônio é importante para sentir-se realmente uma família igual a todas as outras".

A reportagem é de Enrico Franceschini, publicada no jornal La Repubblica, 25-05-2015. A tradução é de Benno Dischinger.

Para que a cerimônia seja efetivamente celebrada por um oficial de estado civil deverão esperar alguns meses: o parlamento deve modificar a constituição e a fórmula dará a opção de tornar-se "esposos recíprocos" como também "marido e mulher", e o primeiro rito está previsto para o Natal. Mas, no dia após o voto sim já se advertem as consequências de um terremoto epocal, a partir da primeira reação da Igreja católica. É o arcebispo de Dublin, Diarmuid Martin, um dos mais altos prelados da Irlanda, quem reconhece que a ilha mudou e que também a Igreja deve consequentemente mudar.

Leia mais em http://bit.ly/1HWAykh

Eleições em Barcelona e Madri marcam a virada política na Espanha. As duas prováveis prefeitas eleitas são herdeiras de movimentos sociais

Manuela Carmena, uma juíza aposentada com prestígio que usa o metrô e que escapou de uma matança fascista em 1977, e Ada Colau, uma ativista especializada em paralisar despejos hipotecários de pessoas que ficariam sem casa, serão, previsivelmente, as novas prefeitas de Madri e Barcelona. São os principais símbolos da tempestade política que atingiu a Espanha nas eleições municipais e regionais deste domingo.

A reportagem é publicada pelo jornal El País, 25-05-2015.

No caso de Madri, Carmena necessitará do apoio do Partido Socialista (PSOE) para governar. Tudo aponta que será assim. Os resultados oficiais, com 99% dos votos apurados, refletem uma situação de quase empate na capital Madri entre o conservador Partido Popular (PP), o partido do presidente Mariano Rajoy (34,4% e 21 vereadores de 57) e Ahora Madrid, uma coalizão de movimentos cidadãos comandados por Carmena (31,9% e 20 vereadores), assim como uma importante queda do PSOE de Antonio Miguel Carmona (15,34% e 9 vereadores) e um resultado mais pobre do que o esperado para Ciudadanos (11% e 7 vereadores), um novo partido de centro-direita. Carmena fez um discurso no domingo à noite e afirmou que "grandes mudanças ocorreriam na capital".

Leia mais em http://bit.ly/1LQPPnl

ENTREVISTA

Uma relação obscura. Política, ciência e economia no universo Jesuíta

Ugo Baldini revela os nexos que unem estes eixos centrais a partir de uma recuperação histórica da relação da Companhia de Jesus com as monarquias bourbônicas iluministas

Por Andriolli Costa | Tradução: Ivan Pedro Lazzarotto

Diversas são as versões levantadas para explicar os motivos que levaram à expulsão dos jesuítas de diversos países europeus, bem como da posterior supressão da Companhia de Jesus, em 1773. Uma das mais comentadas foca no protagonismo do Marquês de Pombal, em Portugal, e de outros ministros de Estado num embate da racionalidade iluminista contra a escolástica medieval. Outros levantam o desejo maior de centralização das monarquias absolutistas e que, portanto, buscam minimizar a influência do poder eclesial frente ao seu poder político. Por fim, existe a hipótese do desejo de tomar posse das possíveis riquezas da Companhia nos territórios da Coroa.

Pesquisador da Companhia desde os anos 1980, Ugo Baldini encara estas hipóteses com desconfiança. "Todas essas explicações contêm algum elemento real, mas nenhuma é totalmente convincente", aponta, em entrevista por e-mail à revista **IHU On-Line**. Baldini questiona a adoção acima de qualquer suspeita do Iluminismo pelos ministros dos Estados bourbônicos, já que este poderia "colocar limites ao poder absoluto dos governos e ameaçar as justificativas tradicionais da base do poder monárquico".

Por outro lado, trazendo o argumento do controle, por que perseguir sistematicamente os jesuítas, em vez de utilizá-los como um instrumento do governo, "como acontece no Império de Habsburgo durante os reinos de Maria Teresa e de José II, que usaram os Jesuítas como principais especialistas em muitas funções técnicas fundamentais". Da mesma forma, "os bens da Companhia, acima de tudo nas colônias, não tinham valor relevante, como foi sustentado por várias vezes, tanto que as suas províncias missionárias tinham dificuldades financeiras graves e praticamente contínuas".

Ugo Baldini é graduado em Filosofia pela Universidade de Roma. Foi professor de História Moderna na Faculdade de Ciências Políticas da Università degli Studi di Padova e da Faculdade di Lettere dell'Università di Chieti. Foi Diretor do Departamento de Estudos Históricos e Políticos da mesma Universidade. O professor esteve em novembro de 2014 na Unisinos participando do *XVI Simpósio Internacional IHU - Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em setembro de 1759, mais de 1.700 jesuítas foram expulsos de Portugal. Cinco anos depois, a França ordenou a dissolução da ordem no país — que contava com 3 mil membros. Por fim, em 1767, Carlos III decreta a expulsão de 5 mil jesuítas espalhados em todos os territórios espanhóis. O que levou a esta situação, que culminaria na supressão da Companhia, em 1773?

Ugo Baldini - Essa pergunta requer muitas respostas. Uma convencional, muito difundida, é que o Marquês de Pombal[1] e as monar-

1 **Marquês de Pombal** (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da Histó-

quias bourbônicas (mais o pequeno ducado de Parma, também este preso a um ramo da família que expulsou os Jesuítas em 1767) agiram por inspiração de princípios iluministas, considerando a Companhia como a principal força de resistência contra a afirmação daqueles princípios. Essa explicação vê nas expulsões dos Jesuítas um episódio da luta dos "Lumi" contra uma junção de usos, papéis e crenças de origem medieval, identificados como um obstáculo à afirmação da "razão" na organização da vida associada.

Uma segunda é que o Marquês de Pombal e os governos bourbônicos quiseram incrementar o controle absolutista sobre seus respectivos Reinos, como premissa para um incremento da efetividade do governo. Com isso, decidiram reduzir o tradicional espaço de autonomia e prerrogativas detido pelo clero, agindo não contra o clero secular (onde a alta administração era controlada de certa forma pela monarquia), mas contra a mais potente das ordens religiosas, que tinha uma base consistente de popularidade e, proporcionando a instrução de grande parte da nobreza e da alta burguesia, tinha uma grande influência sobre a parte mais representativa da população. Uma terceira (parcialmente ligada à precedente) é que o estado endêmico de dificuldades financeiras no qual se encontravam as monarquias dos países católicos sugeriram o incremento dos bens estatais através do confisco de propriedades relevantes da ordem inaciana.

Todas essas explicações contêm algum elemento real, mas nenhuma é totalmente convincente. Nada prova que o Marquês de Pombal ou os ministros dos estados bourbônicos consideravam acima de qualquer suspeita as ideias do Iluminismo no campo social e político, porque aquelas ideias podiam colocar limites ao poder absoluto dos governos e ameaçar as justificativas tradicionais da base do poder monárquico. O controle absolutista do Estado podia atuar também sem uma perseguição sistemática aos Jesuítas e, mais do que isso, também os usando como um instrumento do governo (como acontece no Império de Habsburgo durante os reinos de Maria Teresa e de José II[2], que usaram os Jesuítas como principais especialistas em muitas funções técnicas fundamentais). Os bens da Companhia, acima de tudo nas colônias, não tinham valor relevante, como foi sustentado por várias vezes, tanto que as suas províncias missionárias tinham dificuldades financeiras graves e praticamente contínuas.

Provavelmente a explicação não seja referida a outro fator, inteiramente diferente daqueles precedentes, mas acima de tudo uma junção, localmente variáveis, daqueles fatores. Um aspecto importante, até então não considerado, é que a expulsão da Companhia era útil também para o interesse pessoal de poder dos ministros. Deve-se então observar que, em todos os Estados, a pressão para a expulsão parece ter sido desejada primeiramente não na vontade pessoal dos soberanos, mas na obra de convencimento desenvolvida acima deles pelos ministros (Pombal, Campomanes[3], Choiseul[4], Du Tillot[5], Tanucci[6]): todos estes detinham um poder muito amplo, baseado no suporte de parte de determinados dirigentes distintos daqueles em relacionamento mais direto com a Companhia; assim, o fim da presença dos Jesuítas poderia parecer a eles como uma condição para a consolidação do poder (não necessariamente num sentido negativo e egoísta, mas também como premissa a uma maior liberdade de ação).

IHU On-Line – Por que os Jesuítas exilados tiveram dificuldade em buscar asilo em Roma? Como puderam se assentar na Itália?

Ugo Baldini – A chegada de aproximadamente 7 mil pessoas à Itália criou objetivamente sérios problemas logísticos e financeiros, tanto ao Estado pontifício (cujas finanças na metade do século XVIII não eram muitas) quanto à Companhia, cujas sedes não tinham espaço para contê-los, nem recursos financeiros para mantê-los. De fato, foi nítido que o acolhimento mais cordial aos exilados nas portas em que chegaram veio dos religiosos de outras Ordens (também dos Dominicanos, antagonistas históricos da Companhia), e não dos seus irmãos Jesuítas.

Em seguida, uma solução foi encontrada pela Cúria Papal (não daquela da Ordem), distribuindo os exilados em uma pequena parte de Roma e em localidades próximas, mas, na maioria, no lado centro-setentrional do Estado Pontifício — nas atuais regiões italianas da Umbria, Marche e Emilia-Romagna. Até a Supressão da Companhia, em 1773, os exilados pertenciam ainda formalmente às suas respectivas províncias, assim foram distribuídos marcando uma localidade àqueles provenientes de determinadas províncias (por exemplo, os mexicanos em Bolonha, os Catalãos em Rimini, etc.).

Os Jesuítas da Assistência Espanhola recebiam uma pequena pensão de Carlos III[7], que, unida aos pequenos ganhos realizados com

ria Portuguesa. Leia a edição 220 do caderno IHU Ideias intitulado O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil, de autoria de José Eduardo Franco, disponível em http://bit.ly/1PQ7NwI. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **José II** (1741-1790): Imperador do Sacro Império Romano-Germânico entre 1765 e 1790. Deteve ainda os títulos de rei da Boêmia e da Hungria e de Arquiduque da Áustria (1780-1790). Filho mais velho de Francisco I e de Maria Teresa. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Conde de Campomanes** (1723-1802): Pedro Rodríguez de Campomanes, político, jurista e economista espanhol. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Étienne-François, conde de Stainville e duque de Choiseul** (1719-1785): foi embaixador e depois secretário de Estado de Luis XV. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Léon Guillaume du Tillot** (1711-1774): político francês conhecido por suas ideias liberais e iluministas. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Bernardo Tanucci** (1698-1783): estadista italiano, conhecido por trazer um governo iluminista ao Reino das Duas Sicílias. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Carlos III da Espanha** (1716-1788): Rei da Espanha e das Índias Espanholas entre 1759 e 1788. Como rei de Espanha, Carlos III tentou salvar o império da sua decadência através de reformas profundas, tais como o enfraquecimento da igreja e dos seus mosteiros, promovendo a ciência e a investigação universitária, facilitou as trocas comerciais e o comércio, modernizou a agricultura e evi-

atividades culturais (ensino privado, atividades nas bibliotecas e nas paróquias, etc.), permitiu que eles vivessem modestamente, mas ao menos de forma decente. Os irmãos portugueses não tinham pensão, e muitos deles foram distribuídos em localidades menores e mais isoladas; isso produziu situações de sofrimento econômico e psicológico, que pareciam corresponder a uma taxa de mortalidade muito mais elevada do que com relação aos espanhóis (aproximadamente 50% de mortes nos primeiros 10-12 anos).

IHU On-Line – A Companhia, surgida na Europa, já havia se espalhado para o Oriente, bem como para o continente Americano, Africano e na Oceania. Com a expulsão e a vinda dos membros para a Europa, há relatos de certo preconceito diante dos recém-chegados dos países do Sul. Como eram vistos pelos outros jesuítas europeus? E pela comunidade eurocêntrica?

Ugo Baldini – A Espanha tinha ocupado por cerca de dois séculos quase metade da Itália, e por isso em geral os espanhóis não eram amados. Com relação aos portugueses, não existiam motivos específicos de ressentimento, mas é possível que a origem ibérica os fizesse se envolver, em parte, nos prejuízos contra os espanhóis. Também no interior da Companhia existiam prejuízos com o componente ibérico, devido às diversidades nacionais e também, em parte, ao fato de que o monopólio espanhol e português sobre todas as missões extraeuropeias (excetuadas as zonas do Mediterrâneo oriental) subordinava os missionários das outras Assistências a superiores quase sempre ibéricos, muito animados pelo orgulho nacional e também diferentes dos demais pela diversidade cultural.

IHU On-Line – Qual foi a importância deste retorno para promover o compartilhamento de saberes plurais adquiridos nestas localidades em um mundo predominantemente eurocêntrico?

Ugo Baldini – Foi de grande importância com relação ao princípio; de fato, porém, foi notável, mas não muito ampla. Dada a situação econômica e o estado de isolamento dos exilados, suas narrações e descrições de eventos e contextos coloniais permanecem em grande parte inéditas (algumas foram publicadas somente no século XX, outras ainda são inéditas). Em geral, pode-se dizer que a influência dos Jesuítas exilados na Itália foi maior nos setores da teologia, da teoria política e da crítica e história literária, porque nestes setores existiam canais de publicações mais imediatos, e porque os mesmos setores estavam presentes nas atividades das Academias das quais muitos Jesuítas tornaram-se membros.

IHU On-Line – Quais foram as principais contribuições dos Jesuítas para a história natural das Américas?

Ugo Baldini – Membros da Companhia detiveram as primeiras descrições de contextos territoriais na íntegra e, acima de tudo, muitos deles foram os primeiros a tentar descrever integralmente as regiões coloniais, unindo os elementos geográficos, cartográficos, naturalísticos, étnico-linguísticos. Para muitas regiões, a geografia, a história natural, a antropologia física e a etnologia foram, até o século XVII, um fato inteiramente "Jesuítico". Para as exigências das suas viagens pelos territórios, as suas descrições foram particularmente importantes para a hidrografia fluvial e a orografia; fundamentais também as contribuições na descoberta e difusão dos valores medicinais de plantas locais (iniciando pela China), das quais aprenderam as propriedades com os indígenas.

IHU On-Line – E no caso do progresso científico, houve contribuições relevantes?

Ugo Baldini – No plano da pura teoria científica, a contribuição dos missionários (daqueles na América e África muito mais dos que na Ásia) pode se definir como insignificante, por uma série de motivos facilmente compreensíveis. As suas condições de vida e atividade não eram favoráveis à pesquisa pura, para a qual não havia nem livros ou instrumentos adequados. Além disso, a estratégia geral da Companhia destinava os missionários cientificamente mais preparados para o campo astronômico e físico-matemático em missões asiáticas (especialmente na China), onde existiam civilizações superiores as quais podiam ser atingidas de maneira maior pela evidência do nível científico da cultura dos Padres. Nas missões americanas foram enviadas poucas pessoas cientificamente qualificadas, e não antes do fim do século XVII.

IHU On-Line – Ao se pensar a relação entre igreja e ciência, é fácil remeter a uma posição intolerante e censora da primeira — tal como ocorreu a Nicolau Copérnico. No entanto, muitos jesuítas eram estudiosos das ciências naturais. De onde vinha esta relação mais intensa dos jesuítas com a ciência?

Ugo Baldini – A imagem de intolerância e censura da Igreja com as ciências torna absolutistas e extremistas certo número de episódios reais. A nova ciência experimental e a astronomia heliocêntrica tiveram opositores também entre os acadêmicos não religiosos, geralmente fixados no aristotelismo[8] ortodoxo até a metade do século XVII, e a mesma oposição também foi em grande parte das Igrejas protestantes. Do contrário, uma

tou envolver-se em conflitos armados. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas — por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

parte não muito pequena dos cientistas mais significativos do século XVII e XVIII foi constituída por religiosos católicos, e em particular pelos Jesuítas. Uma razão pela qual a censura católica historicamente é muito mais conhecida, sendo identificada com o completo sistema de censura eclesiástica, é que a estrutura administrativa do catolicismo, e a instituição neste de órgãos centralizados para a censura (o Santo Ofício e a Congregação do Índice para a Cúria Romana, as Inquisições locais pela Espanha e Portugal), torna o trabalho deles mais "eficaz", sistemático e acima de tudo reconhecido; do contrário, a censura dos protestantes e dos anglicanos foi mais fragmentada, e por isso não foi percebida de forma unitária.

As razões do desenvolvimento da atividade científica na Companhia são questões discutidas. Uma foi certamente o grande desenvolvimento vivido pelo sistema escolástico, que o coloca em competição com as escolas e universidades não religiosas e, então, impõe a criação de muitas cátedras de matemática, que renderam a formação de muitos especialistas e com isso criaram um componente científico permanente. Uma outra razão foi a exigência missionária (principalmente as da Ásia), onde a competência científica era um meio para obter respeito da classe dirigente local e era também um instrumento para as exigências práticas (a partir da necessidade de se orientar em viagens a regiões desconhecidas).

IHU On-Line – Havia limites impostos aos desenvolvimentos e projetos científicos propostos pelos jesuítas?

Ugo Baldini – Existiram limites tanto institucionais como filosóficos e epistemológicos. Enquanto Ordem religiosa, a Companhia era vinculada ao Direito canônico, que proibia aos membros do clero o exercício da advocacia e da medicina. Por esta razão, nas Constituições, Santo Inácio proibia tanto o ensino como a prática pública destas duas áreas (nas universidades jesuítas o direito e a medicina sempre foram ensinados por pessoas fora do clero). Todavia, por exigências concretas, a Companhia sempre teve especialistas em direito canônico, e muitos missionários tiveram conhecimentos médicos, acima de tudo sobre as ervas usadas em terapias (os "simples"). Isso permitiu a alguns deles estudar as propriedades medicinais de novas plantas encontradas nas zonas de missão e usadas pelas populações locais. Todavia não foram os Jesuítas os autores da clínica médica, de anatomia ou fisiologia humana (se excluirmos as análises — feitas pelos matemáticos — das características mecânicas do corpo humano ou do olho como aparelho óptico). Os limites filosófico-epistemológicos foram mais graves e condicionantes.

Tendo adotado a teologia tomista, a Companhia estava vinculada à fidelidade a, pelo menos, alguns princípios da ontologia e da cosmologia aristotélica, que eram adotadas naquela teologia. A fidelidade ao aristotelismo era também uma delimitação das potencialidades da matemática, porque Aristóteles tinha demarcado nitidamente a sua diferença da física e a impossibilidade de usá-la para estudar os processos de formação e transformação dos corpos materiais. Essas razões de princípio, que diferenciavam a filosofia da ciência e a metodologia jesuíta daquelas que se afirmaram a partir de Galileu e Descartes, impediram que os Jesuítas tivessem um papel evolutivo em alguns dos pontos centrais da renovação. Naturalmente este pensamento tem valor sobre um plano estatístico e tendencioso, não estritamente sobre aquele individual (alguns Jesuítas foram abertos às novas ideias e as cultivaram). Por outro lado, os matemáticos e filósofos naturais da Companhia detiveram notáveis contribuições em setores da ciência independente da escolha conceitual ao fundo: a óptica física antes de Newton e a acústica no século XVI foram quase que totalmente "regiões jesuíticas", e em grande parte o foi o estudo do magnetismo. No século XVII, para permanecer formalmente no interior das categorias tradicionais, R. Boskovic[9] se une a uma teoria de fenômenos físicos fundamentais que foi antes de tudo a mais moderna formulada até a metade do século XVIII. O mesmo vale para a matemática: os homens da Companhia foram contrários ao nascimento da geometria analítica e da análise infinitesimal, mas detiveram contribuições fundamentais nos setores mais tradicionais da geometria pura e da trigonometria, além da análise lógica dos processos matemáticos.

IHU On-Line – Estimativas apontam que, quando da expulsão de Portugal em 1759, 20 mil estudantes estudavam em instituições jesuítas — o que mostra a importância da Companhia no ensino do país. No entanto, com a reforma pombalina, muitas críticas surgiram ao ensino jesuíta, tido como "demasiado aristotélico", ou ainda restritivo (valorizando principalmente os próprios membros da Companhia). Qual a pertinência destas críticas?

Ugo Baldini – Naturalmente o ensino dos Jesuítas, em geral e particularmente nos países ibéricos, tinha limitações e defeitos, devido a razões de princípios ou pela influência de tradições que restringiam escolhas possíveis para o ensino em algumas cátedras. Quanto ao fato de que as cátedras estavam confiadas somente a membros da Companhia, isso é verdade para essa como para todas as outras Ordens religiosas, e tem um paralelo em restrição ainda mais presente nas Universidades não religiosas (como a reserva de elevados percentuais de cátedras a pessoas nascidas na sede da Universidade).

Sobre o aristotelismo já respondi, mas observo que muitos críticos das instituições jesuíticas têm uma imagem muito estática, ignorando ou subavaliando os notáveis fatos de evoluções alcançados entre o

9 **Ruder Boskovic** (1711-1787): jesuíta, físico, astrônomo, matemático, filósofo conhecido por ser conselheiro científico da Igreja Católica no Vaticano. (Nota da **IHU On-Line**)

final do século XVI e a metade do século XVIII (por exemplo, por volta de 1740, na maioria dos colégios italianos se ensinava — mesmo que de modo simplificado — a mecânica de Newton[10]). Por outro lado, os termos de uma discussão direta devem ser uniformes: o ensino nas escolas da Ordem não deve ser confrontado com o conteúdo da ciência acadêmica avançada, mas com aquele das cátedras correspondentes nas universidades. Se isso é feito, os elementos de atraso presentes no ensino jesuítico se atenuam muito.

IHU On-Line - O sentimento antijesuítico ainda persiste em alguns países, como Portugal? Existe dificuldade, a partir deste sentimento, de aceitar a colaboração da Companhia para o avanço histórico e científico?

Ugo Baldini - O antijesuitismo foi, com a crítica à Inquisição e à censura literária, o elemento cultural mais forte na crítica "não religiosa" ao catolicismo por mais de dois séculos. Isso se explica considerando que se trata de um reconhecimento implícito: sendo (justamente) reconhecido como o principal órgão de defesa da doutrina católica — em áreas como a teologia, a exegese, o direito, a teoria política, a visão científica —, a Companhia sofreu o ataque principal que na guerra vem diretamente contra o baluarte de um forte identificado como essencial para sua defesa. Por outro lado, a propaganda e a polêmica jesuíta foram bastante unificadas, de todo sorrateiramente, com papel de censura, atribuindo à Companhia muitas das iniciativas de denúncia e das escolhas convictas sobre as Congregações da Inquisição e do Índice, embora essas não tivessem parte formal (o papel diretivo era dos cardeais da Cúria, e os funcionários eram sempre dominicanos ou franciscanos; os Jesuítas podiam ser somente consultores). Dada a grandiosidade da polêmica e a gravidade das acusações contra eles, certos julgamentos se basearam na generalidade da opinião pública (paradoxalmente, nos países católicos tanto e talvez mais que nos protestantes). A fundamentação foi tão profunda que a mudança acentuada dos julgamentos que estavam em curso há mais de 20 anos em nível superior dos estudos teve pouco impacto sobre ela. O processo, porém, está em desenvolvimento, e uma mudança no julgamento histórico, mesmo que junto ao grande público, é inevitável. ■

10 **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu, de 03-08 a 16-11-2005, o *Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein*. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da **IHU On-Line**)

Siga-nos no instagram

@_ihu

https://instagram.com/_ihu/

COBERTURA DE EVENTOS

Uma polícia militar e a lógica da guerra

José Claudio Alves destaca que essa concepção militarizada quer imprimir uma ordem urbana, mas só para alguns. Na verdade, gera tensões e conflitos para corporação e população

FOTO: João Vitor Santos/IHU

Por João Vitor Santos

A capa do jornal carioca Extra, de 21 de maio, materializa uma situação trazida pelo sociólogo José Claudio Alves em sua conferência no Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum, realizada na quinta-feira, 28-05. No topo da página está a manchete que destaca a morte de um médico, esfaqueado enquanto andava de bicicleta na Lagoa Rodrigo de Freitas. Mais abaixo, é lembrada a morte de dois jovens em comunidades cariocas em uma das ações da PM. O primeiro crime choca, o segundo é mais comum e virou rotina. Para Alves, os fatos mostram os efeitos de uma polícia militarizada que busca impor uma ordem na Metrópole. "Mas essa ordem só existe para alguns", destaca, ao lembrar que enquanto a classe média se choca com latrocínios na zona sul, a polícia entra nas comunidades matando e morrendo para impor suas regras.

O professor explica que se a polícia é militar, a lógica é de guerra. "E a essência, o que motiva, é vencer o inimigo. Ninguém vai para guerra para perder". Guerra essa que se anuncia como guerra ao tráfico de drogas. Porém, na verdade, serve uma estrutura que defende uma ideia de ordem urbana que contempla poucos. "O papel que a polícia cumpre hoje é praticamente unilateral, é unidimensional, se estabelece a partir de uma lógica militarizada, que é a que predomina na sua formação. Teoricamente, ela está ali para garantir a ordem, a segurança, mas na verdade trata-se de um papel do Estado de garantir, sim, interesses em determinadas estruturas, determinados segmentos, determinados espaços sociais, econômicos e políticos que estão presentes ali", analisa.

Na prática, o que acontece é a imposição de forças. De um lado o tráfico, e de outro a polícia. No meio, a população, principalmente as comunidades mais carentes. Alves, que vive na Baixada Fluminense, explica que a lógica institucionalizada é a de que a polícia chega aonde o tráfico comanda. Destitui o esquema do tráfico e ela mesma passa a operar o controle do local, movendo toda a lógica da ilegalidade. "Antes era o traficante que mandava e matava. Agora, é a polícia", completa. As consequências são danosas para todos, inclusive para a própria corporação. "Temos a polícia que mais mata e mais morre, que também mais adoece. Sua estrutura hierarquizada imprime essa lógica e não permite uma horizontalidade dentro dos batalhões. Isso faz com que todas ajam da mesma forma, não questionem e sejam pressionados pelo comando".

Herança da ditadura

Mas de onde vem esse espírito militar da polícia? José Claudio Alves explica que há um fator histórico importante. "Esse caráter de força de repressão da polícia se estabeleceu no período da ditadura. Isso desde o caráter hierarquizante até a questão do armamento, pois é preciso cada vez mais estrutura bélica para encarar essa guerra". É por isso que o pesquisador considera que a polícia é a área que menos passou por uma redemocratização. "Tivemos isso em várias estruturas, mas a polícia continua tão repressora como naquele tempo."

O debate sobre a desmilitarização da polícia emerge pós-manifestações de junho de 2013. Para Alves, "porque a classe média experimentou um pouquinho do gosto de como age a PM". Por isso, considera importante o momento para "pegar carona no debate". Mas destaca que ainda é preciso mais. "É errado pensar que para combater o tráfico é preciso repressão, guerra. É uma questão de saúde, de desenvolvimento de uma série de políticas para mudar a realidade das comunidades." Dentro das corporações, há algumas iniciativas, algumas pessoas que começam a questionar o sistema depois de provar da angústia gerada por ele. "São ações pequenas, mas que devem ser destacadas."

Uma desmilitarização não é tarefa fácil. O professor lembra que vai além de realinhamentos institucionais ou jurídicos. "Tirar as 'divisas' da polícia não resolve. Mas pode ser um começo." Para ir além, é preciso políticas que mexam nas estruturas, criando uma polícia não de repressão, mas horizontalizada, disposta a dialogar e reconhecer a comunidade em que se insere. "Difícil, o cenário é complicado. Mas o cenário está posto."

A polícia na Metrópole

Ainda antes da sua conferência, realizada na última quinta-feira, José Claudio Alves concedeu uma entrevista por telefone à **IHU On-Line**, que pode ser lida no sítio do IHU, através do link http://bit.ly/1Qf8yu6.

José Claudio Alves

Graduado em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque, é mestre em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutor, na mesma área, pela Universidade de São Paulo. É professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e membro do ISER Assessoria.

LEIA MAIS...

- **Metrópole e Ordem Urbana. Pela desmilitarização da polícia.** Entrevista com José Claudio Alves publicada nas Notícias do Dia, de 28-05-2015, no sitio IHU, disponível em http://bit.ly/1PZmbTv;
- **As UPPs são uma fuga para a frente.** Entrevista especial com José Cláudio Alves. Entrevista com José Claudio Alvez publicada nas Notícias do Dia, de 08-01-2015, no sítio do IHU disponível em http://bit.ly/1I4oA8p;
- **UPPS e a reestruturação do tráfico no Rio de Janeiro.** Entrevista com José Cláudio Alves publica nas Notícias do Dia, de 24-10-2013, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1dGs0Es;
- **"A lógica do PCC é a lógica da sociedade brasileira".** Entrevista com José Claudio Alves publicada nas Notícias do Dia, de 13-11-2012, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1BCdd2I;
- **Rocinha: uma favela conveniente à classe média.** Entrevista com José Cláudio Alves publicada nas Notícias do Dia, de 21-011-2011, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1FXoIH2.

IHU ON-LINE

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Tema de Capa

#DossiêEspanha

A vitória do Podemos e a expectativa de um efeito dominó contra a austeridade

Para Rudá Ricci, o partido espanhol está crescendo e vai dirigir as principais cidades do país. O perfil jovem e inovador destaca o retrato de uma nova esquerda

Por Patrícia Fachin

O número de votos que os candidatos do Podemos receberam nas eleições municipais e comunidades autônomas na Espanha no dia 24-05-2015, não é "uma total surpresa", avalia Rudá Ricci em entrevista concedida à **IHU On-Line** por telefone. A surpresa, lembra, ocorreu há um ano, quando o Podemos surgiu como consequência das inúmeras manifestações que eclodiram no país com o 15M[1], que tomou as ruas e praças da Espanha em 2011.

De acordo com o professor, atualmente a Espanha vive uma "explosão" de novos partidos, que surgem para atender demandas territoriais. O Podemos[2], partido que tem maior representatividade nacional, congrega "forças de esquerda tradicionais da Espanha, com algumas forças novas" e "trouxe para dentro de si a Esquerda Unida. A Esquerda Unida, por sua vez, é um racha do Partido Comunista Espanhol com ecossocialistas e movimentos feministas". Contudo, explica, "existem também, na Catalunha, articulações troikistas clássicas, principalmente da Quarta Internacional, que é mandelista, ligada a um economista belga chamado Ernest Mandel. Além disso, tem lideranças operárias de muitos sindicatos, e lideranças nacionais contra o arrocho econômico, que é muito parecido com esse que a Dilma criou no Brasil".

O número de votos que elegeu a nova prefeita de Barcelona, Ada Colau[3], porta-voz da Plataforma dos Afetados pela Hipoteca – PHA[4] e integrante do Podemos, deve ser entendido, de acordo com o sociólogo, a partir da presença fortíssima do movimento feminista em algumas regiões da Espanha. "A vitória dessas mulheres, Colau e Manuela, não é à toa. Uma das características da mudança da composição política de 2011 para cá na Espanha vem do movimento feminista, do movimento de autonomia e independência dessas regiões, como é o caso da Galícia e Catalunha. Esse movimento contra as hipotecas é liderado por mulheres", pontua. Para Ricci, o país "está vivendo uma transição forte, com uma crítica forte aos partidos. (...) Mas quando você percebe a eleição dos novos, do Podemos, e do Ciudadanos, que é outro partido que também está crescendo - mas eles são mais liberais -, percebe como esses novos partidos estão corroendo a estrutura do sistema partidário vigente. Ou seja, o país está numa transição que pode ser que comece a se concluir nas eleições nacionais do final do ano".

Rudá Ricci é graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição. É diretor geral do Instituto Cultiva, professor do curso de mestrado em Direito e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior Dom Helder Câmara e colunista Político da Band News. É autor de Terra de Ninguém (Ed. Unicamp), Dicionário da Gestão Democrática (Ed. Autêntica) e Lulismo (Fundação Astrojildo Pereira/ Contraponto), entre outros.

A entrevista está disponível na íntegra no site do IHU, no link http://bit.ly/1RqK2bQ

Confira a entrevista.

1 **15M**: O Movimento 15-M, também chamado de movimento Occupy é um movimento popular formado na sequênciada manifestação de 15 de maio de 2011 (organizado por vários grupos), onde depois de 40 pessoas decidiram acampar na Puerta del Sol espontaneamente, houve uma série de protestos na Espanha. O objetivo foi promover uma democracia mais participativa longe de bipartidarismo e do domínio de bancos e corporações bem como uma "verdadeira separação de poderes" e outras medidas destinadas a melhorar o sistema democrático. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Podemos**: partido político espanhol que foi fundado em 2014, fortemente influenciado pelas ideias do movimento 15M. Um de seus principais representantes é Pablo Iglesias Turrión. Surge num momento de reestruturação da esquerda no mundo. Atualmente, é o favorito para eleição presidencial na Espanha. (Nota da IHU On-Line)

3 **Ada Colau Ballano** (1974): ativista social e política espanhola, fundadora da Plataforma de Afetados pela Hipoteca em Barcelona. Foi cabeça de lista nas eleições municipais de 2015 da coligação eleitoral Barcelona na Comu, formação que foi a mais votada. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Plataforma dos Atingidos pelas Hipotecas (PAH)**: associação apartidária, criada em 2009, gratuita e formada por afetados pela hipoteca na Espanha e solidários a eles. A ideia é questionar o marco legal atual que, segundo eles, está desenhado para garantir que os bancos cobrem as dívidas, enquanto deixam desprotegidas as pessoas hipotecadas por causa do desemprego ou do aumento das prestações. (Nota da **IHU On-Line**)

> *A Espanha está passando por uma transição muito radical e rápida, e os partidos não estão sabendo lidar com essa novidade*

IHU On-Line - Como o senhor interpreta o resultado das eleições municipais e comunidades autônomas na Espanha? O resultado foi uma surpresa em algum sentido?

Rudá Ricci - Em primeiro lugar, gostaria de dizer que o século XXI começou na Europa neste ano, com a eleição do Syriza[1] na Grécia e com a estupenda votação que o Podemos teve em várias cidades da Espanha, especialmente no Sul do país, em Madri, em Barcelona e em outras cidades da Catalunha. Acontece que não se trata de uma total surpresa. A surpresa aconteceu em 2014.

Vamos lembrar rapidamente o que aconteceu na Espanha: em 2011 aconteceram manifestações gigantescas - algo semelhante ao que aconteceu no Brasil em junho de 2013 - e, em 2012, essas manifestações começaram a fazer uma série de ações junto ao Congresso Nacional e aos Parlamentos regionais – o que não tivemos no Brasil.

Em 2012, por exemplo, 50 mil pessoas abraçaram o que seria o Congresso Nacional em Madri e gritaram: "Vão para casa". Nesse momento, as manifestações explodiram nas redes sociais da Espanha – várias universidades analisam essas manifestações há algum tempo e mostram mapas de como foi a repercussão desse ato nas redes.

Em 2013 nasceu o primeiro partido político que saiu das ruas, que é o partido X. Esse partido era, de certo modo, muito radical, porque não queria lideranças políticas e queria que houvesse uma participação de base ampla, especialmente nas redes sociais, ou seja, queriam uma revolução na forma de organização política da Espanha. Mas o que importa para nós é o fato de ter nascido um partido político que surgiu das manifestações de rua. Esse processo, entretanto, não ocorreu no Brasil.

Articulações políticas

Com a politização das manifestações do 15M de 2011, finalmente, em janeiro de 2014 nasceu o Podemos, um partido diferente do partido X, porque congregava forças de esquerda tradicionais da Espanha, com algumas forças novas. O Podemos trouxe para dentro de si a Esquerda Unida.

A Esquerda Unida é um racha do Partido Comunista Espanhol com ecossocialistas e movimentos feministas.

Existem também, na Catalunha, articulações troikistas clássicas, principalmente da Quarta Internacional[2], que é mandenista, ligada a um economista belga chamado Ernest Mandel[3]. Além disso, há lideranças operárias de muitos sindicatos, e lideranças nacionais contra o arrocho econômico, que é muito parecido com esse que a Dilma criou no Brasil. Assim, o principal movimento social na Espanha hoje é o movimento contra a cobrança de empréstimos e hipotecas de casas próprias, porque muitas famílias estão sendo despejadas de suas casas por não conseguirem pagá-las.

Além disso, tem os movimentos feministas e os movimentos de autonomia regional, além do grupo que coordena o Podemos, que é um grupo de professores universitários de Ciência Política, Economia e Comunicação Social, cujo líder principal é Pablo Iglesias. Esse grupo do Podemos é muito inovador e foi consultor dos governos da Bolívia, do Equador e da Venezuela.

Então, eles não são qualquer grupo; são um grupo de esquerda muito hábeis na comunicação, e no Brasil pouco se sabe o que eles estão fazendo. Por exemplo, Pablo Iglesias[4] lançou um livro com uma série de autores que analisam o Game of Thrones[5], que muitos jo-

1 **Syriza**: partido político grego, fundado em 2004 como uma aliança eleitoral de 13 partidos e organizações de esquerda. Surge num momento de reestruturação da esquerda no mundo. Vitorioso na eleição de janeiro de 2015, o líder do Syriza, Alexis Tsipras, foi empossado como primeiro-ministro para dirigir o novo governo da Grécia, viabilizando um governo de coalizão com o partido nacionalista conservador, Gregos Independentes. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Quarta Internacional** (QI): é uma organização comunista internacional composta por seguidores de Leon Trótski (trotskistas), com o objetivo declarado de ajudar a classe trabalhadora a alcançar o socialismo. Historicamente, a Quarta Internacional foi fundada na França em 1938, onde Trotsky e seus seguidores, após terem sido expulsos da União Soviética, consideraram a Comintern ou Terceira Internacional como "perdida para o stalinismo" e incapaz de levar a classe trabalhadora internacional ao poder político. Assim sendo, os trotskistas fundaram sua própria Internacional Comunista. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Ernest Ezra Mandel** (1923 —1995): economista e político belga, considerado um dos mais importantes dirigentes trotskistas da segunda metade do século XX. Além disso, foi significativa a sua contribuição téorica ao marxismo antistalinista. Como economista, especializou-se no estudo das crises cíclicas. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Pablo Manuel Iglesias Turrión** (1978): professor universitário, político, escrito, apresentador e tertuliano de televisão espanhol. Em 2014 foi eleito eurodeputado pela candidatura de Podemos e é atualmente é secretário geral do partido. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Game of Thrones** (A Guerra dos Tronos): série de televisão norte-americana criada por David Benioff e D. B. Weiss. A série é baseada na série de livros As Crônicas de Gelo e Fogo (A Song of Ice and Fire no original), escritos por George R. R. Martin, com seu título sendo derivado do primeiro livro. Sua primeira temporada foi indicada a vários prêmios, incluindo o Primetime Emmy Award de melhor série dramática e o Globo de Ouro de melhor série - drama; Peter Dinklage venceu o Emmy e o Globo de Ouro de melhor ator coadjuvan-

vens estão assistindo na Europa. Veja, ele é muito esperto e organizou um livro com pessoas comentando o Game of Thrones a partir das suas militâncias, ou das suas categorias profissionais, ou seja, são economistas, ambientalistas. A capa do livro é o trono do Game of Thrones, cheio de espinhos, e quem está sentado na poltrona é o Pablo Iglesias. Veja que eles têm uma capacidade de comunicação de massa ampla, sendo muito irônicos.

Eu estou trazendo eles para o Brasil nos dias 20 e 21 de junho, mas me reuni com eles no ano passado, na Espanha. Lá, eles me disseram que não gostam de falar de esquerda e direita, mas, sim, falar de "castas dos de cima e dos debaixo". Segundo essa interpretação, os partidos que acabaram de perder a eleição para eles são os "de cima", que se aliaram aos grandes empresários, que estão expulsando as pessoas de suas casas.

O Podemos está crescendo e será o grande novo partido da Espanha nos próximos meses. Eles é que irão dirigir as principais cidades da Espanha, com um perfil jovem, inovador e de esquerda.

IHU On-Line - Qual a representatividade da eleição de Colau, em Barcelona e de Manuela Carmena[6], em Madri? Qual a expectativa em torno de se ter duas prefeitas que surgiram das manifestações de rua? Qual o significado político disso?

Rudá Ricci – Queria lembrar que no país Basco, que fica a Nordeste da Espanha, a organização feminista é muito forte e em outras regiões do país também. Em novembro e dezembro eu estive em regiões mais rurais da Espanha, em Mérida, e lá o movimento feminista é fortíssimo. Essa é uma cidade polo regional, mas ali o movimento operário e feminista foi muito forte. Com isso, quero dizer que a vitória dessas mulheres, Colau e Manuela, não é à toa.

Uma das características da mudança da composição política de 2011 para cá na Espanha vem do movimento feminista, do movimento de autonomia e independência dessas regiões, como é o caso da Galícia e Catalunha. Esse movimento contra as hipotecas é liderado por mulheres.

Em Portugal, o grupo de esquerda, que é outro partido, que tem esse estilo mais tradicional do Syriza e do Podemos, é liderado por mulheres. Inclusive, nesse evento dos dias 20 e 21 de junho, vamos trazer as duas irmãs Mortágua, que são dirigentes do Bloco de Esquerda. As mulheres estão significando uma expressão dessa mudança política que é muito maior na Europa.

No Brasil também não é conhecido o fato de que há, na Europa, uma articulação muito forte entre esses partidos de tipo novo, como o Podemos, o Syriza, o Bloco de Esquerda de Portugal e a articulação de esquerda na Irlanda. Pelo menos esses quatro grupos estão muito articulados entre si.

IHU On-Line – No Brasil sempre se faz referência ao Podemos como o principal partido que surge desse descrédito com os partidos tradicionais, sem se mencionar esse novo quadro político, com o surgimento de novos partidos regionalizados.

Rudá Ricci – Sim, trata-se de um quadro novo, muito regionalizado. É como se de repente surgisse uma série de novos partidos no Nordeste brasileiro. Na verdade, no Brasil está, timidamente, acontecendo algo parecido.

Por exemplo, o PSOL está ocupando um lugar em algumas regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, em Brasília e no Pará. Mas tem uma articulação em São Paulo e no Rio de Janeiro de autonomistas, ecossocialistas, que vieram do PT, do PCdoB, da Rede e estão formando esse novo partido que se chama Raiz. A Luiza Erundina[7] está vindo para esse novo partido, o Roberto Amaral[8] está discutindo a possibilidade de se vincular a ele, e alguns petistas também estudam a possibilidade de sair do PT e migrar para esse partido. Então, está tendo uma movimentação, mas principalmente do Centro Sul do país. Se vê que está tendo uma quebra do sistema partidário por dentro, porque os brasileiros não conseguem se ver dentro dos partidos criados nos anos 1980. Está tendo uma procura por novos partidos, como foi a procura pela Marina[9] nas eleições passadas. Os brasileiros querem tentar outra via. Isso aconteceu na Espanha, mas lá teve uma explosão nacional.

Eu me reuni com o pessoal do Podemos, na Espanha. Eles marcaram comigo numa praça no centro de Mérida, no inverno. Quando cheguei na praça, não vi ninguém, aí telefonei para um dos membros do partido, que disse já estar chegando. Nesse meio tempo, dei uma olhada para os lados e vi duas pessoas, um senhor e uma jovem, que estavam abrindo um portão e acendendo uma luz numa sala em que tinha uma mesa grande, cheia de jornais. Fui até lá e perguntei se era ali que iria acontecer a reunião do Podemos. Eles confirmaram

---

te. Também conquistou o Emmy de melhor projeto de créditos principais. Possui uma das melhores notas entre os telespectadores para séries em exibição no site IMDb. Possui 14 Emmy Awards. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Manuela Carmena Castrillo** (1944): jurista espanhol, juiz emérito e eleita prefeita de Madri em 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Luiza Erundina de Sousa** (1934): assistente social e Deputada Federal pelo estado de São Paulo, pelo PSB. Foi Coordenadora-Geral da coligação Unidos pelo Brasil, que lançou Marina Silva como candidata à Presidência da República, em 2014. Ganhou notoriedade nacional quando foi eleita a primeira prefeita de São Paulo e representando um partido de esquerda, o PT, em 1988. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Roberto Átila Amaral Vieira** (1939): jornalista, professor e político brasileiro. Foi presidente do Partido Socialista Brasileiro até Outubro de 2014, quando renunciou por ocasião do apoio dado pelo partido ao então candidato a Presidência da república pelo PSDB, Aécio Neves. (Nota da IHU **On-Line**)

9 **Marina Silva** (1958): política brasileira, ambientalista e pedagoga. Foi senadora pelo estado do Acre durante 16 anos. Foi Ministra do Meio Ambiente no Governo Lula do seu início (1/1/2003) até 13 de maio de 2008. Também foi candidata à Presidência da República em 2010 pelo Partido Verde (PV), obtendo a terceira colocação entre nove candidatos. Também foi condidata à presidência em 2015 pelo PSB, depois da morte de Eduardo Campos. Marina era vice de Campos e acabou assumindo a chapa. (Nota da **IHU On-Line**)

e perguntaram de que país eu era e já me convidaram para participar - eu vivi isso no início dos anos 1980, com a formação do PT. O senhor foi um líder importante da região e era do Partido Comunista Espanhol e a jovem era do movimento feminista. Essa era uma das poucas sedes físicas do Podemos na Espanha. Eles se reúnem toda semana, à noite, e cada noite um coletivo deles usa o espaço da sede. Naquela noite, era o dia da reunião das feministas. No dia seguinte seria a reunião do grupo que estava organizando a campanha da eleição que eles ganharam nesse domingo. Então, o que quero mostrar ao falar isso é que há uma autonomia impressionante do uso do espaço da sede. Não tinha um dono: e esse é o Podemos.

IHU On-Line - Quais as expectativas em relação às eleições nacionais do final do ano e qual poderá ser o peso político do Podemos daqui para frente?

Rudá Ricci - Agora é a hora de o realismo cair pesado sobre os ombros de quem vai governar. Eles terão dificuldades imensas para governar, porque não têm dinheiro. Eles vão frustrar os mais radicais, porque vamos lembrar que houve um racha no Podemos no mês passado. O grupo do Pablo Iglesias, que é mais tradicionalista e centralizador em termos de organização, ganhou as eleições internas do Podemos, e os mais inovadores em termos de organização saíram do partido. Então, vamos ter como consequência agora um banho de realismo político. Por outro lado, os cinco deputados eleitos para o Parlamento europeu do Podemos, que foram eleitos no ano passado, vão se encontrar com o Syriza e com os irlandeses com muito mais força. O que temos de entender é que se, por um lado, a crise econômica estará na conta do Podemos e eles terão de inovar em termos de política pública, e agora vem a prova de fogo, por outro lado, agora aumentam as forças políticas da Europa que são contra os pacotes de austeridade, que estão na Grécia, na Irlanda, em Portugal, em todo o leste europeu. Neste momento é possível que estejamos vivenciando o efeito dominó, ou seja, o início de uma nova onda de políticas desenvolvimentistas antiausteridade, fazendo com que o discurso do FMI caia de uma vez por todas em desuso. Vamos lembrar que a crise dos EUA de 2008 gerou um pacote do FMI que foi rechaçado pelo Obama, mas é o mesmo pacote que a Dilma quer implantar no Brasil.

Eu estou falando do pacote da Dilma, porque estamos vendo um possível suicídio político do PT e, nesse sentido, a eleição da Espanha pode significar um farol para enxergarmos o futuro do Brasil. Tenho a impressão de que o Podemos terá a dificuldade de governar na crise, mas terá a vantagem de se juntar aos seus amigos do Syriza, que também são poder. É o início de um efeito dominó que atinge outros países nessa mudança. Vamos lembrar que os três países que comandam essa austeridade são a Alemanha, a França e a Inglaterra. Vamos lembrar ainda que na França, na Áustria, na Bélgica e na Suíça a extrema direita está ganhando ainda mais votos. A Europa está numa radicalidade ideológica dos dois lados muito forte. A eleição do Podemos pode significar uma força para a esquerda nesse momento. Ou seja, tudo está em aberto.■

LEIA MAIS...

- **"A disputa política está nas ruas".** Entrevista com Rudá Ricci, publicada em **Notícias do Dia**, de 27-07-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1n3ZKLx;
- **O enorme fosso entre as ruas e a política institucional**. Entrevista com Rudá Ricci, publicada em **Notícias do Dia**, de 17-03-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1Ln1Ipg;
- **O crescimento do Syriza e do Podemos. Algo a ver com o Brasil?** Entrevista com Rudá Ricci, publicada em **Notícias do Dia**, de 08-02-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1C068rY;
- **Disputa entre PT e PSDB e o pêndulo do eleitorado frustrado e descontente**. Entrevista com Rudá Ricci, publicada em **Notícias do Dia**, de 06-10-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/ZNPb8W;
- **"O PT se tornou o PCB do século XXI"**. Entrevista com Rudá Ricci, publicada em **Notícias do Dia**, de 31-03-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1on82xy;
- **O PT a reboque do lulismo**. Entrevista com Rudá Ricci, publicada em **Notícias do Dia**, de 10-10-2009, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1J8r2xD

#DossiêEspanha

Eleições municipais espanholas: conquistas das frentes cidadãs sinalizam abertura de novo ciclo do sistema político

De acordo com Bruno Cava, estão em jogo nesse momento qual a capacidade e que tipos de estratégias as coalizões vencedoras vão utilizar para impactar o poder

Por Patrícia Fachin

De acordo com Bruno Cava, estão em jogo nesse momento qual a capacidade e que tipos de estratégias as coalizões vencedoras vão utilizar para impactar o poder

As eleições municipais espanholas do último final de semana, que elegeram a nova prefeita de Barcelona, Ada Colau, foram "a primeira expressão eleitoral de um ciclo de lutas iniciado com as revoluções árabes em dezembro de 2010 que foi bastante intenso na Espanha, a partir do Movimento do 15 de Maio (15M)[1] de 2011", comenta Bruno Cava em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Na avaliação do pesquisador, Ada representa "o rosto dessa geração de militantes e novos movimentos" que se opõem ao PSOE e ao PP. A eleição da nova prefeita, pontua, "não se trata apenas de um discurso cidadão em prol do 'social', algum tipo de populismo raivoso e oportunista, mas de toda uma estética e uma lógica organizativa que são de novo tipo em relação às forças partidárias existentes, e que por isso contagiaram cidades inteiras com a força do comum. Existe então uma grande expectativa pelas inovações que o Barcelona em Comum, sob os signos de Ada e da PAH, vai ousar nos próximos anos", frisa.

Se de um lado os movimentos Barcelona em Comum[2] e do Ahora Madrid[3] alcançaram um número significativo de votos nessa eleição, o Podemos, em contrapartida, "aponta para o lado exaurido desse processo", menciona Cava, ao lembrar das relações do partido espanhol com governos da América Latina e ao chamar atenção para o fato de que o partido não se apoia diretamente no 15M. "É por isso que, paradoxalmente, qualquer refundação do Podemos a fim de se reenergizar para as eleições do final do ano precisaria passar não apenas pela retomada do sentido comum do 15M (e das revoluções árabes), com uma revalorização dos círculos autônomos e novos movimentos, como também por uma reconsideração de sua referência sul-americana", adverte.

Bruno Cava é graduado e pós-graduado em Engenharia de Infraestrutura Aeronáutica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA, graduado em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e mestre em Direito na linha de pesquisa Teoria e Filosofia do Direito. É blogueiro do Quadrado dos loucos e escreve, participa da rede Universidade Nômade e é coeditor das revistas Lugar Comum e Global Brasil.

A entrevista foi publicada no sítio do IHU no dia 29-05-2015, e está disponível em http://bit.ly/1LNCZqP

Confira a entrevista.

1 **15M**: O Movimento 15-M, também chamado de "Movimiento de los indignados", é um movimento popular formado na sequência da manifestação de 15 de maio de 2011 (organizada por diversos coletivos), quando depois que 40 pessoas decidiram acampar uma noite na Puerta del Sol espontaneamente, houve uma série de protestos pacíficos na Espanha. O objetivo foi promover uma democracia mais participativa longe do bipartidarismo e do domínio de bancos e corporações, bem como uma "verdadeira separação de poderes" e outras medidas destinadas a melhorar o sistema democrático. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Barcelona en Comú** (Catalão para Barcelona em comum, anteriormente conhecido como Guanyem Barcelona): é uma plataforma de cidadãos cujo objetivo é reunir organizações sociais e políticas progressistas com vistas às eleições da cidade de Barcelona 2015. Sua agenda política é desenvolvida através de uma série de processos participativos, inclui a defesa da justiça social e dos direitos da comunidade, promover a democracia participativa, a introdução de mecanismos para combater a corrupção, e o desenvolvimento de um novo modelo de turismo de Barcelona. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Agora Madrid**: partido político espanhol auto-definido como "candidatura cidadã de unidade popular" e constituído "partido instrumental sem vida orgânica" com o objetivo de apresentar-se às eleições municipais de 2015 em Madrid. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Que avaliação você faz das eleições municipais espanholas? Qual é o significado político da eleição de Ada Colau em Barcelona?

Bruno Cava - Foi a primeira expressão eleitoral de um ciclo de lutas iniciado com as revoluções árabes em dezembro de 2010 que foi bastante intenso na Espanha, a partir do Movimento do 15 de Maio (15M) de 2011. Há uma relação direta entre o 15M e as frentes cidadãs que conquistaram resultados extraordinários nessas eleições. Ada Colau[4], do Barcelona em Comum (antigo Guanyem), venceu na capital da Catalunha, com 25% dos votos; enquanto Manuela Carmena[5], do Ahora Madrid, obteve um resultado percentual ainda maior (31%), ficando em segundo lugar por apertada margem na maior cidade da Espanha.

Coalizões cidadãs semelhantes venceram em La Coruña e ficaram em segundo lugar em Cádiz e Zaragoza, além de outros bons resultados noutras cidades pequenas e médias. Os dois partidos tradicionais que se revezam no poder, o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE)[6] e o Partido Popular (PP)[7], juntos desabaram de 80% para 50% dos votos válidos. O PP perdeu as maiorias absolutas nas 10 comunidades que governava. Portanto, são resultados históricos que sinalizam a abertura de um novo ciclo institucional, sinalizando uma tendência de esgotamento do sistema político representativo conhecido por "Régimen de 1978", isto é, o regime da redemocratização pós-ditadura franquista. O significado extrapola o cenário espanhol ao demonstrar como é possível transpor o ciclo de lutas para a ocupação de instâncias de poder, com alto poder de contágio no resto da Europa e no mundo. Põe-se em questão, daqui por diante, qual a capacidade e com que estratégias essas coalizões vencedoras poderão impactar as formas de poder na fugidia e vacilante franja entre instituições e mobilizações.

IHU On-Line - Pode-se dizer que essa eleição é fruto das mobilizações que ocorrem na metrópole, ou seja, é fruto do comum?

Bruno Cava - Todos os temas de protesto do 15M reapareceram com força nesta eleição: "Não pagaremos pela sua crise", "Não nos representam", "Democracia real já", "Não somos mercadoria nas mãos de banqueiros e políticos"... As campanhas de Barcelona em Comum (BC) e Ahora Madrid (AM), apenas para ficar nas duas principais cidades, foram construídas com o apoio entusiasmado de redes, mídias e coletivos que, nas palavras do pesquisador Bernardo Gutiérrez, compõem o "ecossistema do 15M". Ou seja, sem a estrutura tradicional de financiamento dos partidos tradicionais, BC e AM funcionaram quase que exclusivamente devido a uma rede de alta intensidade que ocupou as redes sociais, as assembleias de bairro e as tertúlias (grupos de discussão na cidade), gerando um efeito de escala. Foi uma ação do tipo "multicamada", em que dinâmicas moleculares (redes transversais de singularidades) sustentam um efeito molar (tomada do poder), ao mesmo tempo que a vontade de vencer o Régimen no plano eleitoral (as campanhas) realimentam uma agitação no nível molecular (novos agenciamentos). Nisso, o processo de mobilização tocou um nervo positivo do trabalho metropolitano contemporâneo, ao fomentar uma disputa no tecido biopolítico em que funciona a metrópole hoje, onde molar e molecular são duas dimensões articuladas e indissociáveis das formas de produção e controle.

IHU On-Line - Como as eleições municipais espanholas são interpretadas à luz do conceito de comum?

Bruno Cava - O "comum" é um conceito que explica o ciclo de lutas das revoluções árabes, 15M, Occupy, Gezi Park na Turquia, mobilizações na Islândia, no Iêmen, na China, jornadas de junho no Brasil, praça Maidan na Ucrânia, e um longo etcétera de novos coletivos, ocupações e lutas. O comum, declinado no singular (e não 'commons') explica porque essas não são lutas unicamente políticas, como se fossem apenas um antagonismo ao capitalismo globalizado e integrado. São lutas que exprimem também uma nova composição do trabalho vivo, com múltiplas dimensões simultâneas: são políticas, econômicas (o comum é produtivo), biopolíticas (produzem formas de vida), cosmológicas (trazem outras concepções de natureza, de humano, da Terra). Antonio Negri[8], por exemplo, quando fala do "comum em revolta", aponta como mesmo as revoltas mais destrutivas e antagonistas trazem, atrás do "não", um "sim" maior, uma positividade de reexistência e novos arranjos produtivos e de vida.

4 **Ada Colau Ballano** (1974): ativista social e política espanhola, fundadora da Plataforma de Afetados pela Hipoteca em Barcelona. Foi cabeça de lista nas eleições municipais de 2015 da coligação eleitoral Barcelona na Comu, formação que foi a mais votada. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Manuela Carmena Castrillo (1944): jurista espanhol, juiz emérito e eleita prefeita de Madri em 2015. (Nota da IHU On-Line)

6 **Partido Socialista Operário Espanhol** (PSOE): é um partido político da Espanha, fundado em 1879. Na atual legislatura 2011-2015 é o principal partido da oposição. Faz parte do Partido Socialista Europeu. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Partido Popular (PP)**: partido político conservador da Espanha fundado em 1989, definido nos seus estatutos como de centro reformista. Tem a sua origem em Aliança Popular, quando se uniu com o Partido Democrata Popular e Partido Liberal Espanhol em 1989. É um dos dois partidos majoritários da Espanha, junto ao Partido Socialista Operário Espanhol, de âmbito estatal com representação nas Cortes Generales. Faz parte do Partido Popular Europeu (PPE), da Internacional Democrata de Centro (IDC), e da Unión Internacional Democrata (IDU). Sua organização juvenil são as Nuevas Generaciones (NNGG). No Congresso Nacional de 2008, Mariano Rajoy foi reeleito Presidente Nacional e María Dolores de Cospedal, Secretária-Geral. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Antonio Negri** (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publicou o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Em seguida, publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt – sobre esta obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da IHU On-Line, de 29-11-2004. O último livro da "trilogia" entre os dois autores Commonwealth (USA: First harvaard University Press paperback, 2011), ainda não foi publicado em português. (Nota da IHU On-Line) (Nota da **IHU On-Line**)

Barcelona em Comum e Ahora em Madrid, mais do que grupos que aspiram a tomar uma esfera política, exprimem um complexo de fatos de vida que estão muito além de uma vontade de poder: está em questão toda uma forma de organizar a vida, de viver a democracia, a organização, a produção social e colaborativa. Essa multiplicidade não pode ser reduzida a mero multiculturalismo, como se fossem apenas plataformas voltadas a exprimir a diversidade de pautas. Não. A indignação que as impele contra o sistema político existente, o Régimen, é baseada nessa multiplicidade.

O comum é antagonista, porque as formas existentes de exploração e dominação não podem admitir uma alternativa capaz de produzir governamentalidade e, efetivamente, destituir e substituir o poder. Isto exprime o grau de aposta, e de desafio, dessas plataformas. O "poder do Podemos", como explica o pesquisador madrilenho Raúl Sánchez Cedillo, consiste nessa multiplicidade criativa e conflitiva do comum. E é essa a única força capaz de, efetivamente, mudar a "correlação de força" e impedir, daqui por diante, uma reocupação pelas instâncias do Régimen montado sobre a farsa bipolar entre PP e PSOE.

IHU On-Line - Ada Colau, ao longo dos últimos anos, atuou como porta-voz da Plataforma dos Afetados pela Hipoteca – PHA. Por que e em que medida Ada Colau se torna uma alternativa política em relação aos demais representantes políticos espanhóis?

Bruno Cava - Ada Colau é uma militante e co-organizadora do principal movimento autônomo da Espanha, que foi um dos maiores protagonistas do 15M. A PAH existe desde 2009 com um programa contra os despejos pelo não pagamento de prestações da casa própria. Mas não só. É um programa de resgate cidadão, em meio a medidas de austeridade fiscal e repressão de movimentos adotadas indistintamente pelas forças políticas nos governos. Mais do que reivindicar ações diante dos governos e suas falsas polarizações, a PAH constitui ela própria redes de solidariedade, com foco na moradia, endividamento, ajudando os imigrantes sem documentos e acesso à saúde, exercitando o autogoverno e a cooperação transversal. A PAH se desenvolveu bastante, quantitativa e qualitativa com o 15M de 2011, se desdobrando em mais de 150 núcleos pelo país, com concentração na Catalunha.

Ada é o rosto dessa geração de militantes e novos movimentos, em total contraposição aos burocratas cínicos do PSOE ou do PP. Não se trata apenas de um discurso cidadão em prol do "social", algum tipo de populismo raivoso e oportunista, mas de toda uma estética e uma lógica organizativa que são de novo tipo em relação às forças partidárias existentes, e que por isso contagiaram cidades inteiras com a força do comum. Existe então uma grande expectativa pelas inovações que o Barcelona em Comum, sob os signos de Ada e da PAH, vai ousar nos próximos anos.

IHU On-Line - Quais os desafios que ela enfrenta no sentido de governar mantendo o apoio às lutas populares contra as hipotecas?

Bruno Cava - A hipótese municipalista se baseia na avaliação de que é preciso primeiro tomar o que é mais próximo, mais concreto, mais rápido. É preciso começar de algum lugar e a escala da cidade é entendida, segundo essa hipótese, como o primeiro terreno para medir forças com a classe dominante e a sua armadura de consensos e polícia.

No entanto, esse municipalismo não pode ser confundido com um localismo romântico, como se fosse possível construir um enclave de comum em meio à devastação da crise política-econômica. Isso já não funcionou com a Comuna de Paris, no século XIX, que dirá no momento em que a metrópole é imediatamente atravessada por processos globais de financeirização, que fagocitam com grande facilidade áreas de "autogestão" e/ou "sustentabilidade".

A hipótese municipalista só tem vigor, portanto, quando dotada de força de propagação, quando puder ser exercitada em muitas cidades, de maneira disseminada. Por isso, é fundamental que não haja ilusões de que enclaves ou localismos resolverão qualquer problema, mas uma preocupação estratégica em concatenar governos municipais entre si e com forças para além dos limites territoriais e noutras escalas.

IHU On-Line - Quais as diferenças das eleições e dos movimentos que ganharam expressão em Madri e Barcelona?

Bruno Cava - Ambos têm uma dimensão tática declarada: ganhar as eleições de 2015. São, por isso, abertamente "eleitoralistas". O primeiro tabu que esses grupos enfrentaram foi dizer: precisamos e podemos ganhar eleições. Nisso, tiveram que romper com dogmatismos movimentistas ou anarquistas, que são os primeiros a condenar a organização eleitoral como "projeto de poder" ou "oportunismo". Pois é, de fato, um projeto de poder e é oportunista: como tem de ser, num momento em que os movimentos e ativismos vivem uma sequência de impasses, derrotas e autofagias (devorando-se uns aos outros, culpando-se, desmobilizando-se).

É uma saída fácil? Certamente que não, e só quem participou desses processos sabe do grau de cerco midiático, político e afetivo que seus ativistas e articuladores enfrentaram. O sucesso veio, em meio a tudo isso, graças à capacidade de dosar a indignação incontornável com a composição de diferentes, o que significa deixar de lado tabus, dogmas, símbolos sagrados. Nenhuma dessas plataformas venceu apenas dizendo seu nome, como se defendesse uma ideia ou uma bandeira.

Barcelona em Comum foi um espaço de confluência, preenchido por novos movimentos como a PAH e as Mareas (como a Marea Branca, ligada à pauta da saúde), mas também setores ambientalistas e esquerdistas, inclusive vindos de setores críticos de partidos pequenos como a Esquerda Unida (IU) e Equos, e uma capacidade fina de compor com pessoas que não participavam de nenhum ativismo ou

movimento mais organizado, e que estavam indignadas com a crise econômica, a corrupção e a falta de perspectiva.

O Ahora Madrid vem de um processo semelhante, um pouco menos estruturado, de confluência entre grupos de contestação do consenso bipartidário PP-PSOE sem deixar de lado a inovação organizativa, tais como o "EnRed" e o "Alternativas desde Abajo". O Ahora Madrid não tinha uma figura como Ada, mas mesmo assim fez uma campanha envolvente a partir da criatividade em rede.

IHU On-Line - Quem são os ativistas do Guanyem e do Barcelona em Comum? Em que eles se diferenciam do Podemos?

Bruno Cava - O Podemos está concentrado na disputa da eleição nacional espanhola, marcada para o segundo semestre. O Podemos não participou diretamente das eleições municipais, concorrendo apenas nas regionais (ou "autonômicas"). Nelas, tiveram um resultado modesto, com uma média nacional de 12% dos votos. Depois de conquistar 8% dos votos nas eleições ao Parlamento Europeu em maio de 2014, o Podemos impressionou ao tomar a dianteira nas pesquisas eleitorais, ultrapassando PP e PSOE, oscilando na faixa entre 20 e 30% das preferências. Além de aderir às coalizões de Barcelona em Comum e Ahora Madrid, o Podemos contribuiu na medida em que sua emergência no último ano gerou uma onda de otimismo sobre a possibilidade de concorrer e vencer contra os grandes partidos. Existem semelhanças e diferenças entre o processo Podemos e os de Ahora Madrid e Barcelona em Comum, mas nenhum dos três existiria sem o 15M, que produziu o "comum" a partir do que cada um dos projetos hoje se apoia.

Alguns analistas traçam uma dicotomia apressada entre Podemos e as plataformas municipalistas, a fim de fazer a apologia ou a condenação de um ou outro aspecto, segundo as várias estratégias de composição (ou crítica) desses processos.

Em linhas gerais, basicamente, o Podemos teria uma linha verticalizante e centralista, operando com uma cúpula de expertos comunicadores, em busca de uma ligação sem mediações com o "cidadão comum", com maiorias sociais, com aqueles que, para além dos signos de esquerda ou direita, querem uma renovação da política que reconduza a economia a sua função social.

Então, a verticalização seria necessária, para aproveitar a oportunidade histórica das eleições de 2015: sem uma alternativa de poder, o Régimen não teria como ser destituído somente pelos movimentos de luta. Além disso, não é possível uma "síntese horizontal" dos movimentos e redes, sendo necessário um tipo de "cadeia de equivalentes" para servir de guarda-chuva ao espírito do 15M.

O hegemonismo do Podemos, com essa superconcentração comunicativa na cúpula, seria um mal necessário a fim de derrotar eleitoralmente o bloco bipolar PP e PSOE e ocupar o poder. Já Barcelona em Comum e Ahora Madrid seriam mais horizontais, mais movimentistas, mais fiéis à utopia do 15M, e por isso menos dependentes da ocupação dos grandes meios de comunicação e da ação conjunturalista de cúpulas estratégicas, a quem deveríamos conceder um mandato excepcional e temporário, quase um tipo de "ditadura comissária" da multidão, a fim de não deixarmos passar a "janela histórica" de tomada do poder.

Essa contraposição, no entanto, tem limitações claras, a situação é mais complexa do que isso. As relações entre Podemos e as plataformas municipalistas são sobretudo de interpenetração e não de separação. Assim como Pablo Iglesias do Podemos, Barcelona em Comum e Ahora Madrid necessitaram de um rosto expressivo (Ada Colau e Manuela Carmena) para fazer convergir a indignação e o desejo de mudança. Todos os três convergiram num programa mínimo de resgate cidadão, sem se deixarem rotular pelos discursos, signos e tradições já existentes, à direita ou esquerda. E ambas as plataformas municipalistas souberam driblar rótulos, evitar teses defensivas, para afirmar uma síntese de indignações e desejos numa nova força.

A diferença, talvez, esteja no fato que nem Ada nem Manuela contrapuseram estratégia hegemonista x tática de movimento, teoria do discurso hegemonista x militância "grassroots", conseguindo assim uma síntese mais ampla e mais potente. Por isso, o Podemos precisa aprender com o 24M eleitoral para reorientar seus rumos na direção do que é mais potente, com vistas à eleição nacional no segundo semestre. O "poder do Podemos" é o 15M em seu manancial de vitalidade política e organizativa, e não uma "máquina de guerra eleitoral".

IHU On-Line - Quais as implicações de o Podemos se inspirar nas visões políticas do "comum" que surgiram na América Latina, como Bolívia, Equador e Venezuela?

Bruno Cava - O Podemos reivindica a experiência de governos na América do Sul, como Bolívia, Equador, Paraguai e Venezuela, por onde passaram os membros de sua cúpula, na qualidade de pesquisadores e consultores governamentais, ao longo da década passada. O antropólogo argentino Salvador Schavelzon, num artigo recente, escreveu essencialmente que o Podemos faz uma tradução cultural enviesada dessas experiências. Para ele, o que há de mais inovador e democrático nas experiências constituintes sul-americanas consiste num novo paradigma de desenvolvimento endógeno e pluridimensional, assentado sobre as lutas e modos de vida indigenistas: o "bem viver"; bem como a capacidade não de criar um poder indígena, mas de indigenizar o poder, por exemplo, com a matriz boliviana da plurinacionalidade.

O Podemos levaria à experiência espanhola pós-15M, em vez dessa riqueza cosmológica e biopolítica, apenas o foco no "social", segundo uma tradição histórica populista e hegemonista da América Latina. Isto aparece, por exemplo, na ausência de proposta plurinacional para Catalunha, País Basco e Galícia, assim como numa visão econô-

mica essencialmente keynesiana[9] de seu programa econômico.

Como escrevi com Alexandre Mendes ao Le Monde Diplomatique de maio, eu concordo em parte com essa análise. O esgotamento do ciclo constituinte na América do Sul não se dá, me parece, apenas pelo esgotamento da abertura aos movimentos indigenistas, sindicalistas de novo tipo ou altermundistas (como defendem, por exemplo, a boliviana Raquel Gutiérrez ou o uruguaio Raúl Zibechi); como se os governos "progressistas" deixaram de sê-lo a partir de um determinado ponto. Esse esgotamento se dá, sobretudo, pela incapacidade de os governos lidarem com uma mutação na composição de classe que foi contemporânea aos próprios governos e que não estava, portanto, apenas no ciclo insurgente que determinou a tomada do poder.

Para além de movimentos e identidades subalternas, que tiveram o seu papel parcial nesse esgotamento, este está associado também à transformação da produção social nas condições do subdesenvolvimento, a uma transformação que excedeu as instituições políticas e econômicas com que os governos constituíram uma governamentalidade (na acepção de Foucault). Essa mutação, exprimida por exemplo no levante brasileiro da multidão de junho de 2013, é a mesma das revoluções árabes. Aqui não há nenhuma "ideia fora do lugar", nenhum nivelamento despropositado, mas a compreensão que a dimensão global do ciclo de lutas deriva de uma nova composição de classe que é global - de resistência e êxodo de um capitalismo, que há 40 anos se apresenta globalizado e financeirizado. É fácil acusar generalizações e exigir respeito à diferença geográfica: o difícil é apreender a dimensão global no local e vice-versa, o que o capitalismo aliás faz muito bem desde pelo menos os anos 1970.

O tecido biopolítico ultraconectado da metrópole energizou as revoluções árabes, revoluções já de novo tipo e que não podem ser explicadas, em chave colonialista, como meras revoltas pelo pão ou, em tom liberal, pela democracia contra arcaicas ditaduras. O 15M espanhol já é, de fato e de direito, essa nova composição de classe mundial, contagiada desde a Praça Tahrir e a insurreição de Túnis. Por isso, hoje sucede um grande quiproquó interoceânico: os indignados do Podemos fazem referência aos governos "progressistas" na América do Sul no exato momento em que estes se esgotam enquanto poder constituinte, mas o esgotamento tem a ver, antes de qualquer coisa, com a afirmação de uma nova positividade do trabalho na metrópole, uma nova composição de classe frente ao capitalismo global. Esta positividade biopolítica é a mesma que, irrompida das revoluções árabes, catalisou o ecossistema do 15M de 2011, e que viria, por sua vez, com quatro anos de desdobramentos, impasses e encruzilhadas, propiciar a existência de algo como o Podemos.

O enigmático aqui é que o Podemos discursivamente aponta para o lado exaurido desse processo (governos na América do Sul, especialmente o venezuelano), em vez de se apoiar diretamente no 15M, que já seria um passe qualitativo aos impasses das lutas globais (e do próprio Podemos). É por isso que, paradoxalmente, qualquer refundação do Podemos a fim de se reenergizar para as eleições do final do ano precisaria passar não apenas pela retomada do sentido comum do 15M (e das revoluções árabes), com uma revalorização dos círculos autônomos e novos movimentos, como também por uma reconsideração de sua referência sul-americana.

A recente saída de Juan Carlos Monedero, o podemita da cúpula mais ligado ao chavismo, não pode ser encarada apenas como uma concessão aos ataques difamatórios, um reconhecimento de fraqueza diante da campanha de "desconstrução", promovidos pelo status quo PP-PSOE, mas como uma oportunidade, antes que seja tarde demais, para uma refundação. Nisso, está em jogo não apenas o "poder do Podemos" e sua desejada eficácia no voto. Mas o devir de um inteiro ciclo global que, num tempo crítico de embates e reviravoltas, aguça os corações de quem deseja mudar o mundo e a sua própria existência nele.■

9 **Keynesianismo**: pensamento da Escola Keynesiana. Teoria econômica consolidada por John Maynard Keynes, que consiste numa organização político-econômica oposta às concepções liberais. Sua base é a afirmação do Estado como agente indispensável de controle da economia. O objetivo é conduzir a um sistema de pleno emprego. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **Metrópole como usina biopolítica**. Artigo de Bruno Cava, publicada na revista **IHU On-Line** 464, de 27-04-2015, disponível em http://bit.ly/1AyAqYA
- **O lastro da crise: peemedebismo é a lógica que sustenta o PT**. Entrevista com Bruno Cava, publicada na revista **IHU On-Line** 461, de 23-03-2015, disponível em http://bit.ly/1ACnY9W
- **A esquerda e o desejo por trás do rugido da plebe.** Entrevista com Bruno Cava, publicada nas **Notícias do Dia**, de 05-07-2013, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/K1bX4l
- **A esquerda desconectada e o impasse das novas manifestações**. Entrevista com Bruno Cava, publicada nas **Notícias do Dia**, de 15-04-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/K1bX4l
- **A reeleição de Dilma e a síndrome do 'menos pior'**. Entrevista com Bruno Cava, publicada nas **Notícias do Dia**, de 29-10-2014, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1wCezcM

ARTIGO

A Filosofia como forma de vida (II)

Michel Foucault, o cuidado de si e o governo de si (enkrateia)

Por Castor Bartolomé Ruiz

"Aprender a cuidar de si significa saber governar-se. É clara a intersecção ético-política destes dois termos e suas correspondentes práticas. Só poderá ser bom governante da pólis quem antes tenha aprendido a governar sua vida", escreve Castor Castor Bartolomé Ruiz.[1]

Castor Bartolomé Ruiz é professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003); *Os labirintos do poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006).

Eis o artigo.

I

A filosofia, ao menos desde os tempos de Sócrates[2] (século V a.C.), tinha como principal objetivo ajudar a criar uma *forma de vida*. A vida não tinha uma única forma que a formatasse, mas cada sujeito deveria criar a forma de sua vida de acordo com as opções axiológicas e suas convicções epistêmicas. A filosofia tinha como missão ajudar os sujeitos a não viver uma mera vida animal (*zoe*) aprendendo a construir uma *forma de vida* própria que, enquanto vida humana, fosse além da mera sobrevivência imposta pela vida biológica.

Os gregos tinham dois conceitos diferentes para nomear a vida. A vida determinada pela ontologia da espécie e pela natureza biológica de cada indivíduo era denominada pelos gregos de *zoe*. Para designar a nova *forma de vida,* ou a vida constituída além da mera sobrevivência biológica, os gregos usavam o termo *bios*. *Bios* era a vida humana construída como uma forma de viver que vai além da mera determinação da vida biológica. O ser humano se diferenciava dos animais porque tinha o poder de criar uma *forma de vida,* um modo de existência além das meras determinações da natureza biológica. O resto dos seres vivos tem que se limitar a viver uma única vida, a *zoe,* determinada pelos imperativos da natureza de sua espécie. Só o ser humano tem o poder de criar uma *forma de vida* além da mera *zoe*. A filosofia tinha como principal missão ajudar as pessoas a criarem essa *forma de vida*.

II O *ethos* e a forma de vida

Nas sociedades antigas, o conceito *forma de vida* poderia ser interpretado de muitas "formas", havia uma visão plural sobre as formas de vida que era possível criar para a vida humana. As diversas escolas filosóficas surgiram em torno das diferentes *formas de vida* que propunham. Platônicos e neoplatônicos, aristotélicos, estoicos, epicuristas, cínicos, céticos eram escolas filosóficas que se diferenciavam pela forma de vida que propunham. O aparato conceitual desenvolvido por cada escola, *episteme*, tinha por finalidade auxiliar na constituição da forma de vida dos sujeitos, que significava criar um *ethos* ou modo de vida. A fi-

1 O professor publicou na edição 461, de 23-03-2015, o artigo A Filosofia como forma de vida, disponível em http://bit.ly/1KxRiPj. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Sócrates** (470 a.C.–399 a.C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia* e *Críton*). (Nota da **IHU On-Line**)

> ***A filosofia, ao menos desde os tempos de Sócrates (século V a.C.), tinha como principal objetivo ajudar a criar uma forma de vida***

nalidade filosófica de criar uma *forma de vida* é uma tarefa essencialmente ética. Aliás, a ética era entendida como uma prática constitutiva da *forma de vida* dos sujeitos. Só há ética no modo como o sujeito constitui sua vida. Como consequência, esse *ethos* influía nas formas coletivas que os sujeitos criaram nas pólis, *política*. Havia uma estreita relação entre a forma de vida (e*thos*) e a forma política de governo.

III

A preocupação da filosofia por ajudar os sujeitos a criar uma *forma de vida* foi desaparecendo a partir do século V d.C., transferindo esta tarefa para a teologia cristã, que vinha se consolidando como um saber que adaptou a mensagem bíblica e a tradição sapiencial oriental, própria da teologia semita, aos parâmetros da filosofia grega. A absoluta maioria dos teólogos cristãos dos primeiros séculos eram filósofos ou foram formados em escolas filosóficas, por este motivo a influência da filosofia na teologia cristã foi vista como algo muito natural. Inclusive, para uma parte significativa dos pensadores cristãos, a teologia cristã, do modo como eles a estavam construindo, era vista como a culminação da filosofia clássica. Transferir para a teologia a responsabilidade por criar uma forma de vida foi percebido neste momento como um passo natural da filosofia. Pierre Hadot[3] considera que foi principalmente nesta transição que a filosofia declinou para a teologia sua originária missão de criar uma *forma de vida*. Michel Foucault[4] considera que o momento crítico desse declínio aconteceu no século XVII, quando a razão moderna separou definitivamente o conhecimento da ética, o saber do modo de ser. O que Foucault denominou de "momento cartesiano" representaria o declínio definitivo da filosofia moderna em sua missão de auxiliar os sujeitos a criar uma forma de vida.

Vários autores contemporâneos voltaram parte de suas pesquisas para esta problemática da filosofia como *forma de vida,* entre eles: Pierre Hadot, Michel Foucault, Giorgio Agamben.[5] Cada um dirigiu seu olhar por um motivo diferente e com um objetivo específico, mas todos eles identificam na filosofia um saber que tem a potencialidade de constituir *formas de vida* para os sujeitos. No caso específico de Foucault e Agamben o interesse pela filosofia como *forma de vida* deve-se, também, ao fato de que estes autores percebem nessa potência da filosofia uma possibilidade de constituição da autonomia efetiva dos sujeitos e, como consequência, uma prática que possibilite resis-

3 **Pierre Hadot**: filósofo francês, é um dos coautores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Suas pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra confira a revista Síntese 75 (1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em http://bit.ly/ihuon119; edição 203, de 06-11-2006, disponível em http://bit.ly/ihuon203; edição 364, de 06-06-2011, intitulada *'História da loucura' e o discurso racional em debate,* disponível em http://bit.ly/ihuon364; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon343, e edição 344, *Biopolitica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em http://bit.ly/ihuon344. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em http://bit.ly/ihuem13, *Michel Foucault*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Universitá di Macerata, Universitá di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em http://bit.ly/jasson040907. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em http://bit.ly/ihuon236. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em http://bit.ly/ihuon81. (Nota da IHU On-Line)

tir aos dispositivos biopolíticos de sujeição e controle que dominam nossas sociedades. Para Foucault e Agamben, a filosofia como *forma de vida* é uma prática capaz de criar estilos de vida com autonomia efetiva que resista aos ingentes aparatos de domesticação social, oferecendo uma alternativa à hegemonia dos dispositivos de controle das condutas e neutralizando o predomínio da sujeição voluntária dos indivíduos aos apelos da maquinaria biopolítica dominante.

IV *Epiméleia heautoû* (cuidado de si) e a forma de vida

Foucault destacou em suas pesquisas sobre a filosofia antiga a importância do termo *epiméleia heautoû* (cuidado de si) como eixo central da prática filosófica da *forma de vida* na filosofia antiga. *Epiméleia heautoû* é um termo amplamente utilizado pelos diversos filósofos gregos e romanos desde Sócrates até Santo Agostinho.[6] O termo designa uma prática específica do sujeito sobre sua subjetividade que lhe permite constituir uma forma própria de existência.

Tomando como exemplo a obra *Alcibíades*, de Platão, encontramos o termo *epiméleia heautoû* pela primeira vez em sua forma mais elaborada. Alcibíades é um jovem da aristocracia ateniense que tem pretensões de atingir altos cargos de governo na pólis, para tanto se dirige a Sócrates, enquanto filósofo, para que lhe ajude a preparar-se para essa missão. Sócrates, utilizando seu método maiêutico, lhe interroga acerca do modo como ele *cuida de si* (*epiméleia heautoû),* levando-o a descobrir que não tinha nenhuma preocupação nem experiência prática sobre o cuidado de si. Nesse caso, alguém que não sabe cuidar de si, como pretende cuidar dos outros? Ainda mais, alguém que não sabe se governar, porque não sabe cuidar de si, como pretende governar os outros?

Alcibíades chega até Sócrates cheio de vaidades pela estirpe aristocrática a que pertence e pelo futuro promissor que se imagina como governante de Atenas. Sócrates mostra-lhe o seu despreparo total para governar os outros uma vez que nem aprendeu a governar-se. Alcibíades descobre que não tem nenhuma habilidade (virtude) desenvolvida no cuidado de si, por isso está sem preparo para o exercício das virtudes essenciais para o governo de sua vida e, como consequência, sem capacidade para poder governar outros.

Sócrates continua a questionar, mas o que é cuidar de si? Cuidar dos bens é cuidar de si? Cuidar da casa? Cuidar do corpo? Tudo isso não é cuidar de si, mas cuidar das coisas. Então o que é cuidar de si? Foucault destaca que o ponto crítico da prática do cuidado de si se cruza com a noção de governo. Cuidar de si e governar-se se identificam na filosofia antiga. Cuidado e governo são práticas assimiladas. Aprender a cuidar de si significa saber governar-se. É clara a intersecção ético-política destes dois termos e suas correspondentes práticas. Só poderá ser bom governante da pólis quem antes tenha a aprendido a governar sua vida.

V

Ainda permanece a questão, o que é governar a vida cuidando de si? Todas as escolas filosóficas antigas coincidem no diagnóstico, embora se diferenciem no método que propõem para o cuidado de si. Em primeiro lugar, o dilema que guia a problemática do *epiméleia heautoû* é a liberdade ou a escravidão. A pessoa tem que aprender a não ser escrava de si e das influências sociais. Como alguém pode ser escravo de si? Escravo é aquele que não tem vontade própria ou cuja vontade é arrastada por outras forças sem que ele as consiga dominar. Este é o ponto crítico do *epiméleia heautoû* e do governo de si. Não tem maior escravo que aquele que é escravo de si mesmo porque perdeu ou não desenvolveu a capacidade de domínio de si (*enkrateia*).

Os gregos distinguiam entre vício e virtude. Chamavam de vício aquilo que escravizava o indivíduo, virtude (*areté*) o que lhe dava a potência da felicidade (*eudaimonia*). O vício, denominado por eles de *pathos* ou paixão, era a força interior que domina o indivíduo conduzindo-o para formas nefastas de vida. O vício escraviza o indivíduo impedindo-o de governar sua vida por si mesmo e lhe arrasta a praticar hábitos (*hexis*) destrutivos de sua existência. O vício é um hábito destrutivo, a virtude é um hábito construtivo. O vício é um hábito que dobra a vontade negando-a, a virtude é um hábito que domina sobre a vontade governando-a. Vícios como ambição, cólera, ódio, inveja, luxúria, avareza, gula, preguiça tornam o indivíduo um escravo de si, por isso aqueles que não desenvolveram a virtude do domínio de si (*enkrateia*) são denominados pelos vícios. De igual forma, as influências sociais, honras, honores, riquezas, status, induzem os indivíduos a influenciar-se para atingi-las sem perceber o quanto eles se submetem para conseguir o que a sociedade almeja como melhor. Esta dupla polaridade pode tornar o sujeito escravo de si e dos apelos sociais.

Todas as escolas filosóficas coincidem, com breves divergências, neste diagnóstico da escravidão e também coincidem em que a filosofia tem por objetivo propiciar uma prática que possibilite a liberdade, entendendo esta como capacidade de governo de si. Há consenso em todas as escolas filosóficas de que o meio para atingir a liberdade é a virtude, para atingir a virtude é necessário o *epiméleia heautoû*. O cuidado de si é concomitante com a prática da virtude. Consegue-se ser virtuoso em algo se se mantém uma adequada

6 Santo Agostinho (Aurélio Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em http://bit.ly/ihuon421. (Nota da IHU On-Line)

prática do cuidado de si. E vice-versa, só é possível o *epiméleia heautoû* através da prática contínua da virtude. A diferença entre as escolas filosóficas começa quando há que escolher o modo como atingir essa virtude e também se diferenciam na definição de qual a virtude mais importante para conseguir a liberdade de si. No centro das diferenças filosóficas, permanece a convergência de que o *epiméleia heautoû* é a prática que define a filosofia enquanto tal e que a virtude é o objetivo principal do cuidado de si para atingir o governo de si.

VI

Poderíamos dizer que uma virtude inicial do *epiméleia heautoû* é a *enkrateia* (poder de si, domínio de si). Um primeiro objetivo do *epiméleia heautoû* é habilitar o sujeito para ter o domínio de si (*enkrateia*) e conseguir não ser dominado por outros, mesmo que esse outro sejam os impulsos viciosos da natureza. Esse domínio de si é uma habilidade que deverá se transformar em hábito (*hexis*) para conseguir não ser dominado pelos impulsos negativos da natureza, vícios, nem pelas más influências sociais.

Os gregos, diferentemente dos modernos, tinham a convicção de que a liberdade não era algo natural. Não somos livres por natureza, temos que aprender a ser livres, para tanto é imprescindível que o sujeito se habilite na prática contínua e permanente do domínio de si (*enkrateia*). Sem essa virtude inicial, o indivíduo estará muito vulnerável às influências de todo tipo e será facilmente conduzido por outros ou levado pelos impulsos mais primários. A tarefa primeira da filosofia, através do *epiméleia heautoû*, era conseguir que o sujeito tivesse a *enkrateia* e através dela conseguisse governar com autonomia sua vida, conduzindo com liberdade efetiva suas decisões a fim de construir a *forma de vida* que escolheu viver. A liberdade era entendida como capacidade de governo de si. Liberdade e governo eram dois conceitos assemelhados na filosofia antiga. Só é livre quem tem poder e capacidade para se governar. Os estoicos levaram esta convicção ao extremo de considerar a possibilidade de um escravo, como Epícteto, ser um exemplo de homem livre e, vice-versa, considerar um homem livre juridicamente um escravo de si porque não é capaz de governar seus impulsos e vícios mais primários.

VII

O cuidado de si é uma prática ética que habilita o sujeito para constituir uma forma de vida específica. O sujeito há de decidir qual a forma de vida que escolhe. Lembramos que, para os gregos, a diferença de nossas sociedades pós-metafísicas, a escolha pelo bem ou pelo mal é algo evidente que se consegue através da razão, a qual mostra que o bem é a virtude e o mal o vício. Por isso, a escolha do modo de vida exigia também conhecimento (*mathesis*) correto, embora não poderia se reduzir a conhecer. O primeiro conhecimento exigido era o *gnôti seauton* (conhece-te a ti mesmo).

Conhecer sem praticar uma forma de vida era a negação da filosofia. Ninguém poderia se considerar filósofo só porque conhecia conteúdos. Os conteúdos filosóficos deveriam conduzir a uma forma de vida sem a qual ninguém poderia ser denominado de filósofo. Cada escola filosófica identificava-se pela forma de vida que propunha para viver. A forma de vida qualificava a filosofia para ser filosofia e não mera *mathesis*. Diferentemente da filosofia antiga, a filosofia moderna enfatizou o valor filosófico do *gnôti seauton* (conhece-te a ti mesmo), já que a modernidade valoriza o conhecer como a marca essencial da filosofia, e ignorou quase que por completo a outra dimensão da filosofia clássica *epiméleia heautoû*. Na filosofia clássica estas dimensões não eram excludentes. O *gnôti seauton* é uma condição necessária para o objetivo principal *epiméleia heautoû*. Porém o que determina se alguém é filósofo ou não é sua *forma de vida*, os ensinamentos devem ser parte constitutiva do modo de viver. Mas, se alguém ensinasse algo sem vivê-lo, seria denominado de *retórico* ou *sofista*, porém nunca de filósofo. Os debates entre sofistas e filósofos, que se alastraram ao longo dos séculos, tinham por delimitação a *forma de vida* destes e o descompromisso com qualquer forma de vida por parte dos sofistas. Sofista era denominado aquele pensador que vendia conhecimentos ou vivia dos conhecimentos filosóficos (leis, lógica, retórica,...) sem se preocupar em levar uma vida coerente com aquilo que ensinava. Pelo contrário, filósofo era aquele que, mesmo dando aulas e cobrando pelo que ensinava, se esforçava por viver uma vida acorde com aquela filosofia que ensinava. Os melhores filósofos eram identificados por seu estilo de vida e não pelo discurso, por isso Sócrates não escreveu nada. Os cínicos eram as escolas filosóficas que levavam a forma de vida de modo mais estrito, viviam em extrema austeridade para obter a total liberdade, praticavam a *parrésia* (dizer franco e verdadeiro) sempre que tinham oportunidade e apenas escreviam os princípios de sua escola filosófica, pois consideravam que a verdadeira filosofia se realizava na *forma de vida cínica*.

VIII A forma de vida e a biopolítica

Foucault realiza a pesquisa do cuidado de si na filosofia antiga no contexto das suas pesquisas coetâneas sobre biopolítica. Foucault sempre enfatizou que o método genealógico não pode nos induzir a imitar o que outras pessoas e épocas fizeram, mas pode nos iluminar num duplo sentido. Primeiramente a genealogia nos permite construir uma consciência crítica de nossas verdades e discursos, sua origem histórica e seu significado no presente. Em segundo lugar, oferece-nos aberturas para pensar nosso presente de modo crítico e alternativo.

As pesquisas de Foucault sobre a ética do cuidado de si se conectam com a problemática biopolítica no ponto crítico da sujeição do indivíduo e da possibilidade de sua autonomia. A lógica biopolítica atual governa os outros através do gerenciamento de suas vontades. Os dispositivos biopolíticos visam a governamentalidade das condutas. Este neologismo proposto por Foucault, *governamentalidade,* define o tipo de governo como governo das vontades ou governo dos outros.

Os dispositivos biopolíticos contemporâneos investem maciçamente em produção de "subjetividades flexibilizadas". Este tipo de subjetividade adapta-se com facilidade e rapidez às demandas do sistema. Por não cultivar a *enkrateia* (domínio de si), as subjetividades flexibilizadas são facilmente influenciáveis e, como consequência, são governamentalizadas com alta maleabilidade. Este modelo de subjetivação é induzido em grande escala na nossa contemporaneidade por uma ampla gama de dispositivos que estimulam determinadas condutas e formatam comportamentos. Neste marco biopolítico, os indivíduos que se constituem com subjetividades flexibilizadas são alvos altamente vulneráveis aos apelos de propagandas, dos métodos de controle e das técnicas de normatização de condutas.

Este modelo de subjetivação produz a massificação como forma de vida. O individuo massificado tende a reagir segundo o comportamento da maioria. No cerne do indivíduo massificado opera um dispositivo mimético através do qual o indivíduo tende imitar a maioria; sua individualidade se autoafirma ao fundir-se nos comportamentos majoritariamente observados. A massa arrasta o comportamento individual fundindo as decisões "livres" do seu comportamento com a imitação mimética da maioria. Subjetividades flexibilizadas reagem coletivamente a modo de populações massificadas. O indivíduo massificado é governado como população cujas demandas tendem a ser induzidas, conduzidas e administradas segundo os estímulos naturais de uma espécie. Neste marco biopolítico, é possível perceber que nas denominadas sociedades de massas rege um alto índice de sujeição voluntária.

Em nossa contemporaneidade, a despeito de falar tanto da liberdade, nunca se criaram tantos mecanismos sociais de normalização. Mesmo enunciando-se à exaustão que vivemos em sociedades livres, em nenhuma outra época da humanidade houve uma rede tão densa de manipulação de condutas e indução de comportamentos. Ainda que se proclame formal e juridicamente que todos nascemos livres por natureza, nossas sociedades investem amplamente em mecanismos de controle e vigilância de condutas com objetivo de induzir os sujeitos a normatizar seus modos de vida aos padrões requisitados pelas demandas estruturais. A liberdade é efetivamente corroída pelos dispositivos biopolíticos de sujeição e controle. Este modelo biopolítico de governo dos outros está produzindo, em ritmo acelerado, uma massificação dos comportamentos que nega a autonomia efetiva dos sujeitos e estimula o mimetismo massificador dos comportamentos. A autonomia é só formalmente defendida já que efetivamente se promovem modos de subjetivação de submissão voluntária. Isso traz como consequência uma espécie de totalidade sistêmica no modo de vida. O modelo homogeneizante dos modos de vida massificados provoca uma sensação de individualidade no contexto de uma identificação cada vez mais indiferenciada de todos com o todo. O indivíduo massificado é governado com docilidade. As subjetividades flexibilizadas pelos dispositivos de controle se submetem com muita docilidade aos apelos indutores de condutas assimilando-os como parte de sua própria "decisão livre". A massificação tende a ser a versão moderna do súdito ou da sujeição voluntária.

IX

Neste contexto de maquinaria biopolítica, entende-se a pertinência e a urgência de pensar *formas de vida* que possibilitem aos sujeitos criarem uma autonomia efetiva nas suas vidas. Essa autonomia não virá por meras reflexões conceituais ou metaéticas transcendentais, mas através da criação de práticas éticas que ajudem os sujeitos a criar uma *forma de vida* alternativa.

Nestes debates não se persegue a consecução de uma autonomia absoluta ou a efetivação de uma liberdade ideal, mas uma prática de vida que possibilite o máximo de autonomia em cada contexto histórico e a prática de liberdade dos sujeitos como capacidade de autogovernar-se nos limites das contingências históricas. A autonomia sempre é uma prática possível e nunca uma totalidade dada, a liberdade apresenta-se como prática histórica que pode ampliar-se ou encolher-se e não como um modelo transcendental a ser atingido. Do mesmo modo que não encontramos a autonomia pura nem a liberdade total, podemos esforçar-nos em construir modos históricos de maior autonomia e formas práticas de mais liberdade. O que está em questão é a possibilidade de criar a própria vida de modo crítico e com poder de si (*enkrateia*), resistindo à tendência hegemônica de corrosão da capacidade de autonomia efetiva.

X

Neste esboço de debate ficam abertas muitas questões, entre elas destacamos duas: a) Quais são os critérios para definir qual é a melhor *forma de vida*?; b) Qual a importância do Outro numa ética que visa criar uma *forma de vida* própria?

A ética do cuidado de si e a filosofia como forma de vida ressaltam a potencialidade e a responsabilidade do sujeito em criar sua forma de vida. Para os antigos, não tinha perigo da ética do cuidado de si recair num narcisismo egoísta, pois a noção de bem e de justiça eram constitutivas da razão humana e pelo raciocínio

correto se chegava ao bem, à verdade e à justiça evitando que o sujeito confundisse a noção de *eudaimonia* com seus próprios interesses. A noção de interesse próprio, tão hegemônica na modernidade, era neutralizada na filosofia antiga pela convicção de que o bem, a verdade e a justiça eram inerentes à natureza humana e acessíveis pela reta razão. Para os antigos, o mal era, essencialmente, ignorância, pois se a pessoa tivesse um conhecimento correto da natureza e de si mesmo perceberia que ao fazer o bem faz o bem para si mesmo e com isso produz seu melhor interesse.

A perspectiva racionalista da verdade e do bem ético, dominante nas sociedades antigas, está em profunda crise em nossa contemporaneidade. Há convicção de que os valores que vivemos são nossa criação e nossa responsabilidade. Somos criadores dos valores que decidimos viver e por isso totalmente responsáveis pelo que criamos. Esta perspectiva histórica dos valores trouxe novas questões, que não eram para os antigos, especialmente a possibilidade de escorregar para um relativismo ético onde o bom seja aquilo que melhor propaganda tem ou aquilo que se impõe com mais força. No caso específico que nos ocupa, surge a questão sobre o critério ético para criar uma forma de vida que não se transforme num egoísmo narcisista ou em um individualismo egoísta, tão em voga.

O relativismo ético está entre nós e coloca-nos questionamentos difíceis de resolver. Um exemplo concreto atinge, inclusive, o sentido da própria noção de forma de vida ou cuidado de si. Não é casualidade que o modelo neoliberal de sociedade esteja empenhado em desenvolver o modelo de subjetivação individual a partir do que foi denominado "empresário de si". Este termo se oferece como referente ético dos novos sujeitos liberais.

A fórmula "empresário de si" espelha a lógica biopolítica que produz modos de subjetivação em que o sujeito se catapulta a si mesmo como modelo de empresa e de negócios. Tudo na sua vida vira um empreendimento, uma oportunidade de negócios, uma possibilidade de lucro. O empresário de si sabe aproveitar todas as dimensões da vida (família, amizades, lazer, afetos, encontros, etc.) em oportunidades para beneficiar-se. O empresário de si aprende a rentabilizar todas as facetas da vida a modo de empreendimentos e oportunidades de benefícios. A vida se torna um campo ilimitado de empreendimentos com potencialidade de rendimentos. Tudo está sob a ótica do negócio (não-*otium*), nada escapa à utilidade do interesse próprio. A vida, nesta fórmula, é capturada no íntimo da liberdade do sujeito como recurso produtivo em toda sua potência. O paradigma de subjetivação do empresário de si reflete o horizonte biopolítico ao que se pretende conduzir a totalidade da vida humana no modelo capitalista de produção.

O empresário de si é uma fórmula sintética da perversão mercantilista do cuidado de si como forma de vida, ela está em franca expansão em nosso modelo neoliberal. Deste modo, a problemática do cuidado de si e da forma de vida foi colonizada, também, pela lógica capitalista do lucro, pela utilidade do interesse próprio e pela mercantilização biopolítica.

XI

Ao nosso ver, as questões sobre o critério ético da forma de vida e o papel do outro na ética do cuidado de si estão entrelaçadas. A alteridade humana é o critério ético que desde uma exterioridade interpela a interioridade dos critérios do bem e do justo, lembrando que o sujeito é uma alteridade humana para os outros e por isso tem a potência de definir-se como sujeito. A alteridade humana é o limiar de referência para a eudaimonia do sujeito na medida em que sua própria condição humana é alteridade a partir da qual haverá de definir os valores mais condizentes para sua realização como sujeito. Mas a alteridade interpela, também, como alteridade do Outro. A realização do sujeito numa *forma de vida* não pode ser ao preço da negação do outro, como pregam as morais do interesse próprio e do egoísmo racional. O outro, que é condição necessária para o *epiméleia heautoû* (Foucault desenvolve a importância do mestre e do amigo como outro), é o referente ético da minha própria ação. A alteridade humana é o critério ético pelo qual podemos optar ou negar, porém somos responsáveis por esta primeira opção. Se ultrapassarmos o limiar da alteridade humana relativizando seu valor como uma coisa a mais entre as outras, estaremos abrindo as portas para a barbárie, mais uma vez.

Reduzir a alteridade humana a mera objetivação relativa possibilita utilizar a vida humana, o outro, como uma coisa útil, instrumentalizando-a como recurso natural eficiente. Reconhecer seu valor em si repõe um critério ético, o da alteridade humana, a partir do qual poderemos pensar em criar uma *forma de vida* em que a vida humana seja inseparável de sua forma uma vez que outorgamos o valor ético da realização plena da vida como critério de uma forma de viver.

A alteridade humana, repetindo que o sujeito é uma alteridade para os outros, é o critério ético que nos resta para pensarmos uma prática ética, uma forma de vida que procura a eudaimonia do sujeito sem recair num narcisismo individualista nem submeter-se a uma heteronomia autoritária.

Estes debates acompanharão a humanidade até o final dos tempos, como corresponde ao modo aberto da *forma de vida* humana. Contudo, isso não nos exime da urgência e da responsabilidade de pensarmos alternativas de *formas de vida* que não se sujeitem voluntariamente aos dispositivos da maquinaria biopolítica dominante. ■

#DossiêVaticanoII

Os ares do Concílio Vaticano II em movimento

Christoph Theobald destaca que o encontro deixa mais do que documentos, traz novos ares para a Igreja. E, no pontificado de Francisco, os ares são postos em movimento

Por João Vitor Santos |Tradução Vanise Dresch

Quando é promovido um encontro, reunião ou assembleia — especialmente se é muito longo —, a expectativa fica pela sua conclusão. Em geral, essa conclusão e as ideias debatidas são materializadas em escritos, cartas de intenção, documentos em geral. O Concílio Vaticano II, enquanto grande encontro eclesial, gerou seus documentos. No entanto, para entender as propostas desse encontro é preciso ir além desses papéis. Para o teólogo francês Christoph Theobald, o maior legado do Vaticano II é a experiência vivida, a narrativa que se construiu ao longo das assembleias. "É, em primeiro lugar, a experiência que foi vivida pelos bispos. Uma experiência que tem várias facetas. Na verdade, é a experiência de ouvir juntos a palavra de Deus. Ouvi-la novamente no mundo moderno", destaca.

No entanto, se engana também quem pensa que essa experiência se deu só entre os bispos reunidos dentro da Basílica de São Pedro. "O Concílio Vaticano II foi o primeiro a ser difundido pelas mídias de massa, televisão e rádio", recorda Theobald. O efeito disso foi o compartilhamento dessa experiência com os demais cristãos. Foi como se a Igreja estivesse aberta, dialógica e deliberativamente. "Havia observadores e também uma espécie de osmose que vivi, enquanto jovem cristão, entre opinião pública e o que estava acontecendo dentro do Concílio. Isso dava outra imagem da tradição católica e cristã", completa.

Ao longo da entrevista, concedida à **IHU On-Line** durante o II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade, Theobald também reflete sobre como essa experiência do Concílio aparece no pontificado de Francisco. O teólogo ainda analisa do que trata a chamada "Reforma de Francisco" e fala sobre o tema do diálogo inter-religioso na França.

Christoph Theobald é professor do Centre Sèvres – Facultés Jésuites de Paris. Também é diretor da revista Recherches de Science Religieuse, e colaborador em diversas redes de reflexão teológica. Dentre seus escritos, destacam-se as seguintes obras: *A revelação* (2002), *Transmitir um Evangelho de Liberdade* (2007), ambas publicadas no Brasil por Edições Loyola, e *O cristianismo como estilo: uma maneira de fazer teologia na pós-modernidade* (2007). Sobre o Vaticano II, sua grande obra é *La Réception du Concile Vatican II: Accéder à la source I* (Paris: du Cerf, 2009, 944pp). O segundo volume deverá ser publicado no final de 2017. A obra mais recente de *Le Concile Vatican II. Quel avenir ?* (Paris : Cerf, 2015)

Nos Cadernos Teologia Pública, uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, foram publicados três artigos de Cristoph Theobald. Confira no final da entrevista. Ainda neste mês de junho será publicada, em Cadernos Teologia Pública, a conferência de C. Theobald proferida no II Colóquio Internacional IHU sobre o Concílio Vaticano II. 50 anos depois.

Confira a entrevista.

> *A ideia de reforma está presente no início do Vaticano II. A ideia de missão emerge progressivamente. Com Papa Francisco, há uma convergência das duas*

IHU On-Line - O que foi, simbolicamente, o Concílio Vaticano II? Quais as diferenças de outros concílios?

Christoph Theobald - O Concílio Vaticano II foi o primeiro a ser difundido pelas mídias de massa, televisão e rádio. Eu lembro muito bem: era ainda um menino numa escola não católica, e às 9h, na hora da abertura do Concílio, o professor responsável veio falar conosco. Disse que algo histórico estava acontecendo e que deveríamos ir para casa assistir ao Concílio pela televisão. Foi um choque inicial para mim essa assembleia enorme, com 2300, 2500 bispos num palco muito teatral. Não sabia exatamente o que era, mas logo percebi que era um acontecimento histórico.

A segunda coisa que também contou e pode servir como analogia com os dias de hoje é a figura do Papa João XXIII[1]. Estávamos habituados com a estatura do Papa Pio XII[2], aquela estatura vertical e asséptica. Agora, tínhamos as formas redondas do Papa João XXIII, que encarnava e simbolizava a bondade. Era um cristianismo de bondade vivido por muitos na época.

Um terceiro aspecto que destaco, simbolicamente: vimos pela primeira vez uma Igreja deliberativa. Não só que celebra, mas que faz perguntas, debate, delibera, discorda. E eu me lembro de uma sexta-feira à noite, estávamos em família à mesa para o jantar, e ouvimos um famoso jesuíta contar sobre como foi a semana no Concílio. Isto tornou minha fé católica de jovem muito viva, questionadora e acho que minha vocação de teólogo surgiu nesse momento.

Percebemos aí a pretensão do Concílio de reinterpretar a fé cristã no mundo contemporâneo. Para mim, de certa forma, foram esses pontos que fascinaram as pessoas e há uma opinião favorável a respeito dele. Foi uma fase de descolonização, havia as nações emergentes e se percebia como estava surgindo na época uma Igreja que habitava a totalidade do planeta.

IHU On-Line - Com esse seu relato, percebemos que as pessoas de fora da Igreja viveram o clima do Concílio. Correto?

Christoph Theobald - Exatamente. Pela primeira vez o Concílio não se deu unicamente dentro da Basílica. Havia observadores e também uma espécie de osmose que vivi, enquanto jovem cristão, entre opinião pública e o que estava acontecendo dentro do Concílio. Isso dava outra imagem da tradição católica e cristã. Devo acrescentar que minha mãe era protestante convertida ao catolicismo. Este é um ponto importante, pois ela viveu esse momento como uma grande libertação. Ela se tornou católica depois da guerra, e viveu pela primeira vez a experiência ecumênica.

IHU On-Line - Assim, é impossível afirmar que o legado do Vaticano II são seus documentos?

Christoph Theobald - Não, não são somente os documentos. É, em primeiro lugar, a experiência que foi vivida pelos bispos. Uma experiência que tem várias facetas. Na verdade, é a experiência de ouvir juntos a Palavra de Deus. Ouvi-la novamente no mundo moderno. Além disso, havia a experiência da liturgia. Vários textos nos mostram que a diversidade da liturgia gerou um aprendizado dentro do Concílio. Podemos descobrir isso nesse momento, formando uma unidade. É o que chamei de gramática gerativa do Concílio.[3] É uma maneira de interpretar o que está nas escrituras, da palavra de Deus, de uma forma atual.

Na verdade, é viver a interioridade, a experiência da oração tanto individual como comunitária. Tudo isso junto numa experiência de deliberação. Evidentemente que nem todos os bispos ouvem a Palavra de Deus da mesma maneira. Nem todos os bispos interpretam da mesma maneira os textos históricos. Os bispos e as comunidades não entendem também como essa polifonia pode se tornar uma verdadeira música. Aí que surge a imagem central de João XXIII, de uma Igreja pentecostal, dando sentido a isso.

IHU On-Line - Quais são as potencialidades pastorais de *Gau-*

1 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi canonizado em 2013 pelo Papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Papa Pio XII (1876-1958): nascido *Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli*, foi eleito Papa em 2 de março de 1939. Foi o primeiro Papa nascido na cidade de Roma desde 1724. (Nota da IHU On-Line)

3 **As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma "gramática gerativa" das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja**. Artigo de Christoph Theobald publicado Cadernos de Teologia Pública, edição 77, disponível em http://bit.ly/1GRXwKD. (Nota da **IHU On-Line**)

***dium et Spes*[4]? Como entender essa constituição?**

Christoph Theobald – A primeira potencialidade de futuro de *Gaudium et Spes* é o fato de nos propor uma maneira de proceder, discernindo os sinais dos tempos. *Gaudium et Spes* pela primeira vez é um texto consciente de seu enraizamento histórico. O que estamos dizendo aqui não é atemporal. O hoje de ontem, o hoje de hoje, o hoje de ontem e de amanhã não é o mesmo presente. Essa interpretação do mundo moderno e das escrituras que precisa ser recomeçada cada vez que houver mutações da história na sociedade. Isso é notável, uma espécie de consciência histórica e ao mesmo tempo um método que não é pronto e acabado.

É preciso reconhecer, pois existem elementos — e isso foi muito discutido — que apontam para o inacabamento do Concílio Vaticano II. É preciso distinguir o método e o resultado obtido em 1965 com a tarefa de recomeçar esse trabalho que o Concílio realizou. O que demonstro[5] é que a situação entre 1965 e 2015 é completamente outra, trata-se de um ponto a ser discutido desde outro paradigma social e de tempo. Este é o primeiro resultado.

> ***O Concílio Vaticano II foi o primeiro a ser difundido pelas mídias de massa, televisão e rádio***

A segunda potencialidade de futuro é o que podemos chamar de visão messiânica do cristianismo. Ou seja, o horizonte não é somente a Igreja e apenas os seres humanos presentes, mas sim, também, o futuro da humanidade. Mas afinal, qual é o futuro da humanidade em todas estas mutações? É aqui que a tradição bíblica e judaica, em particular a tradição cristã, convoca para o que Teilhard de Chardin[6] chama de ponto Ômega; ou seja, uma espécie de orientação. Esta visão messiânica foi muito marcada pelo grupo que chamamos no Concílio de Igreja dos Pobres. Um grupo que se formou em 1962, bem no início do Concílio, com várias pessoas importantes e que desejou que o eixo do Concílio fosse voltado para a evangelização dos pobres. Não foi assim, mas influenciou muito o Concílio. Dom Helder Câmara[7] estava nesse grupo.

É notável que esse grupo influenciou todos os grandes textos do

4 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a Gaudium et spes, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da Lumen Gentium, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. Leia também: A Gaudium et Spes 50 anos depois e o Papa Francisco como o parteiro de uma igreja global. Conferência de Massimo Faggioli publicada nas Notícias do Dia, de 21-05-2015, disponível em http://bit.ly/1JerEBX. (Nota da **IHU On-Line**)

5 A reportagem sobre a conferência de Theobald durante o II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade está disponível em http://bit.ly/1LNzAr7. A íntegra da conferência será publicada no Cadernos de Teologia Pública. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em http://bit.ly/ihuon140. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em http://bit.ly/ihuon304. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria,* na edição 135, de 05-05-2005, em http://bit.ly/ihuon135 e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em http://bit.ly/ihuon142, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em http://bit.ly/ihuon143. Leia também a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em http://bit.ly/1l6IWAC; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em http://bit.ly/1pvlEG2; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em http://bit.ly/1pvlJJL. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Dom Helder Câmara** (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da **IHU On-Line** número 125, de 29-11-2005, a Dom Helder Câmara, publicando o artigo *Helder Câmara: cartas do Concílio* em http://bit.ly/ihuon125. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em http://bit.ly/ihuon157. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da **IHU On-Line**, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Helder Câmara – o santo rebelde*. O material pode ser acessado em http://bit.ly/ihuon227. Veja também as entrevistas "A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Câmara", disponível em http://bit.ly/1uFCR7r; e "Dom Helder Câmara: A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina", ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em http://bit.ly/1S1nSy7. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia "Dom Helder Câmara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização", publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em http://bit.ly/1cL289g. (Nota da **IHU On-Line**)

Concílio. Por isso que no início de *Gaudium et Spes* temos essa fórmula de que tudo que é humano tem eco no coração de um cristão e em particular aquilo que acontece com os pobres. Temos aí essa visão, que não é integralista, englobando o mundo, e sim uma visão messiânica que tenta alcançar o último na sociedade. São as duas grandes potencialidades de futuro desse texto.

IHU On-Line - É uma potencialidade que se pode dizer que leva em conta a cultura local?

Christoph Theobald - Sim. É o global e local ao mesmo tempo. Porque já percebemos que no Vaticano II há uma espécie de articulação entre os dois níveis. Há uma civilização global que está nascendo. Ainda não pudemos perceber bem, naquele momento, as ambiguidades dessa civilização global — o capitalismo, o liberalismo, também não percebíamos a questão ecológica, por exemplo. Ainda assim, é o global compreendido a partir do local. No local o menos é o que é mais importante.

IHU On-Line - O senhor defende uma mudança na estrutura eclesial? Por quê? Como?

Christoph Theobald - Vamos, antes, nos entender sobre essa questão de mudança de estrutura. A hierarquia não pode existir sem o que *Lumen gentium*, capítulo II, chama de "povo de Deus". E aí está a relação com a questão anterior. Ou seja, povo messiânico, diz o texto, que em primeiro lugar é uma expressão local. Mas que também tem uma expressão global. Esse povo é muito pequeno. Aí que surge a ideia, no Vaticano II, de que esse povo está na diáspora.

Em 1965, estamos saindo da cristandade que engloba tudo e chegamos a uma Igreja de muitas células locais. Voltamos àquela ideia do Novo Testamento, de que toda a Igreja está presente num lugar. A Igreja de Corinto, Atenas, Roma eram pequenas células. Igrejas locais e caseiras, então uma diáspora, uma dispersão. Estamos chegando cada vez mais, na Europa, à situação de uma igreja em diáspora. E aí que surge a questão da estrutura. O que vai contar nesse momento? O que vai contar, em primeiro lugar, na linha da primeira carta de Paulo, é o carisma de um e de outros.

> ***A incultura religiosa gera o fundamentalismo, o extremismo e também pode gerar violência***

A Igreja não tem que se compreender a partir da hierarquia. Ela precisa ser compreendida a partir daquilo que Deus dá de fato a cada um dos fiéis. E é nessa associação com o bem comum, o carisma, aquilo que cada um representa para o bem comum da comunidade, é aí que encontramos o lugar do ministério. No Vaticano II, há concepções diferentes do ministério. De um lado a concepção muito sacerdotalizante, que nos vem do Concílio de Trento[8], e mais na figura do padre que acompanha, que educa e que se preocupa com os carismas de cada um dos fiéis. É a garantia da unidade.

IHU On-Line - Pensando assim, podemos dizer que essa reforma das estruturas a que se refere está relacionada à reforma de Francisco, que vai para além de uma reforma da Cúria?

Christoph Theobald - Sim. Há algo muito interessante no Papa Francisco que já tem uma história. Durante o Vaticano II, Paulo VI esteve muito sensível ao decreto sobre a missão.

Em relação à concepção da missão, estamos saindo de uma divisão bipartite do mundo, de uma parte já cristianizada e os países ainda em missão. Diria que temos uma eclesiologia para os países já cristianizados, é a *Lumen Gentium*[9], e uma eclesiologia para os países de missão, que depende da Propaganda Fide e isso é *Ad Gentes*[10]. Há, portanto, uma espécie de desequilíbrio. Em 1975 se descobre que, por fim, todos os países são de missão, cristianizados ou não. Há um famoso texto de 1944, do Cardeal Suhard[11], de Paris, intitulado "França país de missão". Então, devemos dizer: Europa país de missão, Ásia país de missão, América Latina país de missão... E como se vê, isso aparece pela primeira vez na *Evangelii Nuntiandi*.[12]

---

8 **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Lumen Gentium** (*Luz dos Povos*), é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja, enquanto instituição. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas. Sobre o tema, confira os **Cadernos Teologia Pública** número 4, intitulado *No quarentenário da Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Ad gentes:** em 7 de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI promulgava o decreto Ad gentes, sobre a "Actividade Missionária da Igreja", um dos documentos mais relevantes e mais trabalhosos que resultaram do Concílio Vaticano II. A ele se deve toda uma revolução na forma de encarar e praticar a missão. E também o respeito pela cultura, pela história e pelas religiões dos povos a evangelizar. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Emmanuel Suhard Célestin** (1874-1949): foi um francês cardeal da Igreja Católica. Serviu como arcebispo de Paris de 1940 até sua morte, e foi elevado ao cardinalato em 1935. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Evangelii Nuntiandi**: exortação apostólica editada em 8 de dezembro de 1975 pelo Papa Paulo VI. Afirma o papel de cada cristão (não só os ministros ordenados, sacerdotes, diáconos e, ou religiosa, ou do pessoal da igreja profissional) em difundir o Evangelho

A ideia de reforma está presente no início do Vaticano II. A ideia de missão emerge progressivamente. As duas nunca estão ligadas. Mas, com o Papa Francisco, há uma convergência das duas. É da missão que vem a ideia de saída que permite que a Igreja se reforme a si mesma. Esse é o aspecto original da ideia.

Tem razão ao dizer que é mais do que uma simples reforma da Cúria. Ligado a isso está a noção dos discípulos, de missionários. A comunidade é missionária, a diocese é missionária, a Igreja não deve mais estar centrada sobre si mesma. Ela deve estar descentrada em direção a Cristo e à sociedade nas quais está inserida. Então, para uma reforma da Cúria, no centro desta, não deveria figurar a Congregação para Doutrina da Fé[13], e sim uma congregação para missão, o anúncio do Evangelho. Este é o ponto original do Papa Francisco.

IHU On-Line - Então, a reforma da Cúria é parte muito pequena da reforma proposta por Francisco?

Christoph Theobald – Sim. Mas, mesmo assim, essa questão é importante por ser simbólica. Podemos entender a reforma da Cúria como uma simples reforma administrativa e já tivemos algumas reformas da Cúria. Reforma burocrática, redução de pessoal... Mas o problema é: será que a Igreja precisa dessa Cúria? E aí entra outro problema com relação à mudança estrutural que é a descentralização. A questão do local e global entra aqui. Como entender a Igreja a partir da Igreja universal ou compreendê-la a partir das comunidades e Igrejas locais?

Podemos pensar numa ideia de descentralização em que os continentes recebem uma autoridade. A Igreja de Roma interviria como uma corte de apelação ou cassação. Seria um tribunal superior. Mas estamos longe disso. Por enquanto, é utópico, pois a transferência de competências é muito complicada. E a Cúria está presente demais no imaginário do católico. Mas observe o primeiro gesto do Papa Francisco, primeiro Papa que vem de outro continente. Seu primeiro gesto foi fazer-se acolher como bispo pela Igreja de Roma. Não primeiramente como Papa, mas primeiro como bispo de Roma. E este gesto é extraordinário, de recepção, pois ele se inclinou para o que o povo o abençoasse como novo bispo. Só depois ele abençoou o povo.

IHU On-Line - Quais suas expectativas sobre a próxima encíclica de Francisco, que deve tratar do Meio Ambiente?

Christoph Theobald – É um dos pontos decisivos que mudou desde o Vaticano II. Uma questão que emerge, dentro de nosso sistema capitalista neoliberal, é como viver a transição energética e demográfica, duas coisas intimamente relacionadas, juntamente com uma transição ecológica? Essa é a tripla transição. Podemos ter, aqui, cenários catastróficos. Na tradição bíblica, tivemos cenários apocalípticos. Jesus, de vez em quando, usava ameaças: "como vocês podem dizer que as coisas vão melhorar? A torre caiu sobre as pessoas, mas também pode cair sobre vocês se não se converterem". Cenários catastróficos não vão fazer com que a humanidade se converta. E aí que surge algo muito específico da tradição cristã: é uma esperança.

Qual é o desafio ecológico? Consideramos que o planeta que conhecemos hoje foi herdado por nós. Somos os herdeiros e não fizemos nada por este planeta, e temos a responsabilidade de transmiti-lo para as gerações futuras para que ainda continue sendo habitável. Isto já é dizer implicitamente que a humanidade não é feita de uma, duas, três ou quatro gerações habitando o planeta, mas que a humanidade é uma unidade que engloba todas as gerações. Dizer isso é dizer implicitamente a ressurreição. Como cristão, é uma maneira de representar a ressurreição. Nós acreditamos que o planeta não é só para nós, mas também para as próximas gerações que nascerão e que ainda não conhecemos.

Não podemos agir unicamente como se o planeta pertencesse somente à nossa geração e que com nossa morte tudo acaba. Devemos agir de modo a pensar que a terra tem de permanecer para os outros. A fé na ressurreição nos permite ver isso. Encontrar energia, a força interior para mudar nossos comportamentos. Esta é a contribuição da fé cristã para a questão ecológica e para essa tripla transição, geracional, energética e ecológica.

IHU On-Line - De que forma o estudo teológico incide sobre a fé?

Christoph Theobald - A fé não é algo evidente. Senão, deixaria de ser fé. Isso vale para a existência individual, e para que alguém viva toda a sua vida é preciso entender que isso valha a pena. Às vezes, atravessamos situações que não são fáceis e novamente nos vemos diante da questão: nossa existência tem sentido? Não podemos separar a fé desse questionamento fundamental. É notável na enunciação quando lembro daquela cena, no início de Lucas, em que Maria é uma mulher que questiona. E quando ela questiona: 'seja feita de acordo com a tua palavra'. Mas isso supõe que ela interroga o interlocutor. Eu penso que honrar a Deus é interrogá-lo. As grandes questões de 'por que', 'até quando', 'onde estás', são vistas nas grandes figuras proféticas da tradição bíblica. Até a última questão de Jesus: 'meu Deus, por que me abandonaste?'.

Tento ilustrar através desses exemplos que a fé sempre está em busca de compreensão. E compreender não é destituir. É nos condu-

---

de Jesus Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Congregação para a Doutrina da Fé:** a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da **IHU On-Line**)

zir sempre para uma maior profundidade do mistério da existência humana, do planeta no qual vivemos, e por fim do mistério de Deus. Essa é a tarefa da Teologia. Desde o Vaticano II, há uma nova tarefa para a Teologia. Vivemos numa pluralidade de culturas e sempre nos descobrimos diante de uma Bíblia plural, que é uma biblioteca, que precisamos interpretar. Interpretar a Bíblia, a tradição, a pluralidade das culturas. Sem teologia é impossível anunciar o Evangelho de maneira ajustada a cada cultura. Esta é a tarefa da teologia de hoje.

Às vezes, encontramos um movimento de sentimentalização da fé. Como se a fé fosse algo aéreo, longínquo, distante da existência cotidiana. Se a fé for encarnada, ela tem uma tarefa de interpretação. Isso é muito importante para aqueles que anunciam o Evangelho, os pregadores, aqueles que fazem a catequese fazer teologia. É difícil expressar o Evangelho de maneira simples. Qual a dificuldade? Podemos nos perguntar como Jesus fez isso? Ele falou através de parábolas, que são formas complexas de se expressar não expressam um sentido moralizador simplesmente.

IHU On-Line - O tema diálogo inter-religioso é tratado no Concílio Vaticano II e está muito presente no pontificado de Francisco. Esse é um tema ainda muito delicado na França? Como a Igreja na França conduz essa discussão?

Christoph Theobald - É uma questão delicada, porque na França houve os acontecimentos de janeiro com Charlie Hebdo e há uma tradição laica. Há duas coisas envolvidas no diálogo inter-religioso. Em primeiro: qual é o lugar que a sociedade dá para a expressão das religiões? Percebemos atualmente que a simples distinção a que tende a laicidade francesa estabelece entre o público e o privado, pressupõe que na esfera pública haja ausência total do religioso, que deve manter sua religiosidade somente na vida privada. Isso não pode funcionar. O Vaticano II não expressa apenas a liberdade religiosa, mas milita também pela liberdade da expressão das religiões. E quando as religiões aparecem no espaço público, torna-se muito complicado.

Surge aqui uma segunda questão: a troca entre as religiões. Por isso que o termo diálogo inter-religioso é ambíguo. Diria que se trata inicialmente de diálogo cotidiano, entre os muçulmanos e cristãos. Na minha comunidade jesuíta, a grande parte das pessoas que trabalham é muçulmana. Como viver então juntos cotidianamente? Há questões de vida que se apresentam. Nos subúrbios parisienses, como as pessoas vivem o dia a dia? Aí que está o respeito, os cristãos sendo convidados pelos muçulmanos e vice-versa. É uma espécie de hospitalidade que pode se formar e, em longo prazo, pode transformar as coisas. ■

LEIA MAIS...

- **As grandes intuições do futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma "gramática gerativa" das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja. Cadernos de Teologia Pública**, edição 77, disponível em http://bit.ly/1RvnrLt;
- **As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo. Cadernos de Teologia Pública**, edição 58, disponivel em http://bit.ly/Un8P6J;
- **Lumen Fidei. "Uma fé mais itinerante que doutrinal".** Entrevista com Christoph Théobald, publicado em **Notícias do Dia**, de 13-07-2013, no sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1EEQrXZ
- **Perfil - Christoph Theobald**, publicado na IHU On-Line 315, de 16-11-2009, disponível em http://bit.ly/1QfC2YN
- **''Caros jovens, estudem teologia.''** Artigo de Christoph Theobald, publicado em **Notícias do Dia**, de 27-06-2014, no Sítio IHU, disponível em http://bit.ly/1FS3ydm
- **O cristianismo como estilo.** Entrevista com Christoph Theobald, publicada na **IHU On-Line** 308, de 14-09-2009, disponível em http://bit.ly/1KCMT0D
- **Por uma Igreja pluripatriarcal e não somente centrada em Roma.** Entrevista à edição 408 da **IHU On-Line**, de 12-11-2012, disponível em http://bit.ly/ZkWPmg

#DossiêVaticanoII

Pontificado de Francisco: avanços e expectativas

A teóloga colombiana Olga Consuelo Velez analisa os avanços da Igreja com Francisco, mas também destaca pontos que ainda precisam evoluir

Por Patrícia Fachin

"As pessoas estão amando tanto o Papa, que parece que a Igreja é o Papa", comenta Olga Consuelo Velez em entrevista concedida à **IHU On-Line**, pessoalmente, por ocasião da sua participação no **Colóquio Internacional IHU - *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade***, promovido na Unisinos de 19-05-2015 a 21-05-2015. Em conversa com a **IHU On-Line**, Olga chama atenção para a tão questionada "centralidade" da Igreja de Roma antes da chegada de Francisco e enfatiza que embora o pontífice traga uma "fama" para a Igreja e indique novos ares, com tanta referência a ele "acabamos novamente marcando a centralidade da Igreja na imagem do Papa". Segundo ela, a igreja ideal seria aquela em que "o papa não fosse o centro, mas que Jesus fosse o centro". Diante do apreço atual que se tem com os dois anos do pontificado, ela questiona: "Quando vamos abandonar essa centralidade tão marcada? E quando a Igreja será mais autônoma?".

As críticas da professora da Pontifícia Universidade Javeriana dizem respeito à falta de perspectivas em relação a mudanças estruturais. Contudo, Olga enfatiza que Francisco está "valorizando" a descentralização da Igreja, considerando as decisões tomadas nas Conferências Episcopais de cada país. "Na *Evangelii Gaudium*, ele faz referência a muitas conferências de outros países, ou seja, faz das suas palavras o que foi dito nas conferências. Isso é bom. E de algum modo ele retoma o uso do termo 'povo de Deus', que depois de 20 anos ficou um pouco esquecido por medo que houvesse uma identificação com o marxismo", exemplifica.

Durante o Colóquio, Olga participou da **mesa-redonda "O novo teologizar a partir do Vaticano II"** e afirmou que o Concílio "já não responde aos desafios de hoje. O que se fez, se fez, agora temos de avançar". Para ela, passados 50 anos do Concílio, ele começa a ficar "desatualizado". "Se no Concílio se falou de ecumenismo e do diálogo inter-religioso, hoje temos de considerar que a maioria das pessoas já não é mais católica, porque as pessoas estão migrando para outras religiões ou não estão mais crendo em Deus. Então, já não se trata mais de falar de uma abertura a outras religiões — algo que o Concílio conseguiu; agora se trata de ver de que maneira a Igreja irá falar num contexto de pluralismo religioso ou pluralismo cultural". Ela testemunha: "Eu já fui a muitos encontros em que os indígenas dizem que não querem que a religião católica seja o que os constitui, porque querem recuperar as suas próprias crenças. Então se trata de outro contexto. Se o Vaticano II deu uma possibilidade de abertura, o mundo já mudou".

Olga Consuelo Velez é doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e autora de, entre outras obras, **Reflexiones en torno al feminismo y al género** (Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2004); **El método teológico. Fundamentos /especializaciones/ enfoques** (Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2008).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os aspectos positivos dos dois anos do pontificado de Francisco e acerca de quais pontos podem se esperar melhoras?

Olga Consuelo Velez – Em geral, o Papa Francisco tem transmitido uma imagem de um pontificado próximo, simples, preocupado com os pobres. Adota outra maneira de ser, a qual não estávamos acostumados, porque Bento XVI, por ser alemão, tinha um jeito de ser alemão, mais rígido, sério. Nesse sentido, Francisco gera um impacto imediato em sua imagem. Todos os gestos que ele tem feito de se aproximar dos doentes, quebrar o protocolo tantas vezes, é um ar fresco a uma Igreja que é tão rígida.

Mas falta que tudo isso se coloque não somente na pessoa dele, mas na estrutura eclesial. Esse é o maior desafio, porque a maioria das pessoas não tem se convertido a esse jeito dele. Elas falam para observarmos o jeito do papa, ficam contentes com o papa, mas as estruturas não mudam. Ainda não vi nenhum padre amigo meu que tenha me dito para não chamá-lo mais de monsenhor. Não vejo os padres se perguntando a si mesmos como podem se tornar mais próximos, sem estar presos aos títulos.

IHU On-Line – Que tipo de mudança estrutural você espera?

Olga Consuelo Velez – Mudanças na estrutura que façam com que a Igreja deixe de estar tão centralizada e possa ser um pouco mais descentralizada. Eu sei que as Conferências Episcopais de cada país têm certa autonomia, mas a mentalidade não é essa. Sinto que todas as Conferências não são capazes de mudar nada, no sentido de serem autônomas, porque sua referência é sempre ao que disse o papa, ou as Conferências têm medo de pronunciar algo que não esteja de acordo com a visão de Roma. Isso nos faz ter uma Igreja muito dependente do papado.

O Papa Francisco, neste momento, está jogando com uma linha dupla: por um lado, que bom que ele está dando uma imagem diferente à Igreja, mas, por outro, as pessoas estão amando tanto o Papa, que parece que a Igreja é o Papa. Eu gostaria de uma Igreja em que o Papa não fosse o centro, mas que Jesus fosse o centro. Em uma entrevista, Francisco disse: "não digam que amam o Papa, digam que amam Jesus". Essa é minha preocupação: a boa fama do Papa é boa porque precisávamos, mas acabamos novamente marcando a centralidade da Igreja na imagem do Papa. Quando vamos abandonar essa centralidade tão marcada? E quando a Igreja será mais autônoma? Isso não quer dizer não estar em articulação com Roma, porque justamente o papado tenta ser um símbolo da unidade, mas uma coisa é isso, e outra coisa é a dependência absoluta.

Encontro muitos padres, bispos e leigos que têm uma dependência absoluta do que o Papa fala. Em minhas aulas sinto isso, e, agora que o Papa Francisco fala tanto dos pobres, aproveito para dizer aos meus alunos que antes, quando eu falava dos pobres, eles diziam que eu era da Teologia da libertação, mas agora não sou eu quem diz, e sim o Papa. Mas eu digo isso para chamar atenção para a lógica com a qual eles pensam, que é de sempre afirmar somente o que o Papa diz.

IHU On-Line - Que linhas gerais do Concílio Vaticano II aparecem no Pontificado de Francisco?

Olga Consuelo Velez – O Papa está valorizando essa descentralização da Igreja com as Conferências Episcopais. Na *Evangelii Gaudium*, ele faz referência a muitas conferências de outros países, ou seja, faz suas palavras o que foi dito nas conferências. Isso é bom. E de algum modo ele retoma o uso do termo "povo de Deus", que depois de 20 anos ficou um pouco esquecido por medo que houvesse uma identificação com o marxismo. Esse papa retoma esse termo e fala dos pobres com bastante força.

Mas, por outro lado, o Concílio Vaticano II já não responde aos desafios de hoje. O que se fez, se fez, agora temos de avançar. O Concílio começa a ficar desatualizado porque agora temos uma situação muito diferente. Se no Concílio se falou de ecumenismo e do diálogo inter-religioso, hoje temos de considerar que a maioria das pessoas já não é mais católica, porque as pessoas estão migrando para outras religiões ou não estão mais crendo em Deus. Então, já não se trata mais de falar de uma abertura a outras religiões — algo que o Concílio conseguiu; agora se trata de ver de que maneira a Igreja irá falar num contexto de pluralismo religioso ou pluralismo cultural. Eu já fui a muitos encontros em que os indígenas dizem que não querem que a religião católica seja o que os constitui, porque querem recuperar as suas próprias crenças. Então se trata de outro contexto. Se o Vaticano II deu uma possibilidade de abertura, o mundo já mudou.

IHU On-Line – Acerca de que outros pontos o Concílio não oferece mais respostas?

Olga Consuelo Velez – Além desses que mencionei, o Concílio não oferece resposta ao tema da mulher. Esse é um tema que está pendente, porque nem o Concílio tratou muito disso. Em alguns países praticamente ainda não existem mulheres doutoras em teologia. Não há uma possibilidade total de sermos mais protagonistas. E o Concílio não falou desse tema num momento em que as mulheres haviam tomado consciência do seu papel e de não serem, como o Papa disse, "a cereja do bolo". Não, nós não queremos ser a cereja do bolo, mas queremos ser iguais, estar aí partilhando com os homens. Essas são mudanças de mentalidade, e numa sociedade em que a mulher quer ser o centro e a substância das coisas e não somente uma participação, como a Igreja responde a isso? Esses dias o Papa

comentou que as mulheres têm de contribuir a partir de seu gênero feminino, ou seja, sendo somente a "cereja do bolo". É preciso mudar a antropologia feminina, porque o importante para a Igreja é que a mulher tenha características próprias, enquanto os homens não precisam tê-las, porque o importante para a Igreja é que nós mulheres possamos contribuir com algumas características, enquanto para os homens a situação é diferente. Eu sinto que os homens são vistos como a "base do bolo" e as mulheres são apenas o detalhe diferente. Não tem de ser assim: os dois devem ser a "base do bolo" e o detalhe diferente.

IHU On-Line – De onde surgiu a necessidade de relacionar teologia com discussão de gênero?

Olga Consuelo Velez – Isso vem da sociedade, porque em uma sociedade em que a mulher era subordinada, todos estavam tranquilos, porque isso era normal, mas depois que a mulher conquistou e reconheceu seu lugar, e quis ocupar o lugar de igual, vieram as perguntas das feministas. Elas disseram que a religião era uma das causas de manter a subordinação das mulheres. Aí, as mulheres teólogas não se tornaram feministas, mas escutaram as feministas e disseram que sim, a religião é uma das causas dessa submissão da mulher. E a partir do estudo da Bíblia e da doutrina, se concluiu que a leitura da Bíblia estava invisibilizando as mulheres. Então, começou-se a resgatar a imagem das mulheres.

Quando estudei o catecismo, somente aprendíamos sobre a imagem dos grandes profetas, enquanto as mulheres da Bíblia eram tratadas a partir da imagem de Eva, que comeu a maçã. Parece que as imagens que conhecemos são de mulheres más. Nós não estudávamos as mulheres com tanta força como estudávamos os patriarcas. As mulheres teólogas, portanto, passaram a fazer releituras das mulheres, das doutrinas, dos tratados teológicos e se deram conta de que alguns, explicitamente, tratam da mulher como protagonistas.

Se os teólogos e teólogas estão atentos aos desafios do mundo, têm de se perguntar como estamos vivendo e trabalhando esses desafios na teologia e aí surge a necessidade de fazer uma teologia de gênero, uma teologia feminista. Surge ainda a necessidade de fazer uma teologia que ofereça respostas às questões culturais, às questões econômicas e sociais. Um dos mandatos do Vaticano II é justamente o de escutarmos os desafios do mundo e os sofrimentos do mundo. Então, se a teologia escuta isso, passamos a fazer uma teologia ameríndia, uma teologia da mulher, da libertação, porque se escutam os clamores. E esse é um esforço a responder aos desafios do mundo.

IHU On-Line – Que contribuições essa discussão de gênero pode oferecer à Teologia?

Olga Consuelo Velez – Que possa ser uma teologia onde homens e mulheres estejam presentes. Agora, a palavra gênero tem muita complicação, e a Igreja tem muito medo dessa palavra porque, no fundo, essa categoria diz que as identidades sexuais são produto da cultura. Então, a Igreja tem medo de que a partir de agora cada um pode escolher se quer ser homem, mulher, meio homem, meio mulher.

Eu acho que de fato essa palavra tem problemas, mas na origem, essa categoria analítica da sociologia nos chamou atenção de que muitos dos estereótipos atribuídos a homens e mulheres são culturais e não essenciais. Então que o homem não chore é algo cultural, porque comprovamos que os homens querem chorar, mas ficam reprimidos porque a cultura diz que eles não podem. Nesse sentido, a categoria gênero, na sua origem, e nesse ponto concordo com ela, serve para perguntar se os estereótipos que se atribuem aos homens e às mulheres são essenciais ou podem mudar. Eles podem mudar e de fato devem mudar.

Essa discussão, como eu a entendo, ajuda que homens e mulheres recuperem o seu ser integral e, a partir daí, possam construir a Igreja sem que as mulheres sejam de um jeito e os homens de outro, para depois se complementarem. Ao contrário, nós somos diferentes, temos nossos dons e nos complementamos enquanto seres humanos e não por sermos homens ou mulheres.

Agora, não podemos esquecer que as teorias de gênero se estendem a outras identidades sexuais. Não sei nada disso, esse não é meu campo de estudo, mas sei que é uma realidade que está aí e que tampouco podemos fechar os olhos para ela. Na *Javeriana*, por exemplo, que é uma universidade católica, existem professores homossexuais e são bons professores e nós somos colegas. Por isso pensamos que temos de teologizar sobre isso. São desafios que a Igreja tem de tratar.

IHU On-Line - Como o Papa está abordando tanto as discussões de gênero, chamando atenção para o que ele denomina de "colonização de gênero", quanto as discussões feministas?

Olga Consuelo Velez – A Igreja tem uma postura pastoral de misericórdia e acolhimento, e ninguém nega isso, ainda mais agora que o Papa fala sobre o tema. Mas quando abordamos a doutrina, temos de ver que o Papa é filho de sua época. Além disso, a palavra gênero tem um problema para a Igreja, o qual eu compreendo — será que por isso vou ser considerada tradicionalista? —, que é a pluralidade das identidades sexuais. Então, quando os bispos escutam essa palavra, eles devem pensar que se perdeu a identidade masculina e feminina. O Papa responde com um certo prejuízo a essa questão, porque se você estudar, verá que se trata simplesmente de uma categoria de análise das ciências sociais, a qual nos tem ajudado a dialogar com essa questão.

No que se refere à mulher, o Papa, assim como muitos homens e mulheres, ainda não tem claro como falar da mulher e do homem não como a mulher sendo algo anexo ao homem, mas pensar que homens e mulheres são essenciais e suplementares. Na Igreja ainda se tem essa mentalidade de que a mulher é suplementar a algo que falta ao homem. Define-se a mulher como mãe, como esposa, como filha. A pergunta seria: Por que não definir o homem também como pai, como esposo, como filho? Parece que o homem é simplesmente homem e a mulher é sempre em relação ao homem. Não sei se Francisco vai conseguir mudar essa visão, porque ele é filho da cultura patriarcal.

O Papa é um pastoralista e não está fazendo doutrina. Teria de se aproximar mais a teologia à reflexão pastoral e continuar com mais autonomia e liberdade para falar desses temas. Ele disse que prefere uma Igreja ferida. Temos de correr o risco de dizer algo e depois ter de recuar se for preciso. Mas às vezes se tenta dizer algo novo e vem uma série de pessoas tentando calar o que se disse, porque é algo escandaloso. Eu entendo a Igreja ferida não somente como saindo para fazer pastoral, mas uma Igreja que busca também um desenvolvimento intelectual e teológico.

IHU On-Line – Como a Igreja pode dialogar com o pluralismo?

Olga Consuelo Velez – A Igreja deve definitivamente deixar seu papel de se sentir protagonista, como se ela fosse o centro e os demais tivessem de vir à Igreja porque ela tem misericórdia deles. A Igreja tem de passar a falar de igual para igual, vendo o que pode aprender dos outros e o que pode oferecer a eles com gratuidade. Esse proselitismo tem de mudar, e a evangelização não pode mais ser algo como resgatar os maus que estão em outras igrejas, mas dialogar e aprender mutuamente. A Igreja tem de ser o testemunho e a clareza; não pode ser imposição, mas um fundamento.

Na universidade temos um curso de graduação de Ciências Religiosas, que tem alunos de diferentes religiões. Claro que com um bom fundamento bíblico podemos explicar — muitos são pastores e são carismáticos, mas não sabem muitas coisas sobre a Bíblia — e ensiná-los a estudar. Num primeiro momento, eles rejeitam o que falamos, mas depois, quando começam a aprender a interpretar a Bíblia seriamente, mudam de ideia e fazem algo diferente. Com isso, quero dizer que a evangelização se dá pela via do diálogo e pelo fundamento de mostrar o que os textos significam. Às vezes nós sabemos mais da igreja deles do que eles próprios, porque eles ingressaram nas igrejas à medida que foram convertidos, mas não porque sabem a gênese da sua igreja. Quando eles estudam, podem ter mais clareza não para que se tornem católicos, mas para que possamos ter consciência de que podemos aprender uns com os outros e fazer um caminho.

IHU On-Line – Como interpreta a queda do número de católicos ou o crescimento de outras religiões ou até o crescente número de pessoas sem religião após o Concílio?

Olga Consuelo Velez – Esses dados mostram que o caminho do secularismo não seguiu uma linha reta. Imaginava-se que todos iriam ficar sem fé e aí teríamos de falar para os sem fé. Mas não foi isso que aconteceu. Mudamos de fé e a procura se dá de outro jeito. Minha interpretação sobre isso é de que o ser humano é definitivamente religioso e procura, a cada época, manifestações religiosas, e o que fica em crise são as estruturas eclesiásticas. Se as igrejas não são capazes de reformar suas estruturas, o pessoal não quer ficar em estruturas milenares e inamovíveis.

O Concílio fez mudanças e tentou abrir-se ao mundo, mas a estrutura da Igreja não mudou totalmente. Logo no início, de fato, as comunidades foram para os bairros, as comunidades religiosas se renovaram. Mas, como houve problemas, ficou uma igreja ferida, como disse o Papa Francisco, porque muitas pessoas se equivocaram ou tiveram problemas e a Igreja se assustou e voltou atrás, reforçando as estruturas. Então, as comunidades religiosas saíram aos bairros, mas como tiveram problemas e tiveram de recuar, agora parecem ainda mais tradicionais do que antes. Como há medo, se afirmam as estruturas. Algumas pessoas preferem ficar fora dessa estrutura da Igreja e buscam estruturas mais flexíveis, e outras retomam essa estrutura com mais força e permanecem aí porque têm segurança.

Isso mostra que causa e efeito não são tão claros e por isso temos de estar abertos ao que acontece amanhã, porque as coisas mudam de forma surpreendente. Pensávamos que a religião iria acabar e todos virariam seculares, mas não, surgiram novas religiões. Depois, pensávamos que a Igreja estava caminhando para um inverno eclesial, mas de repente nomearam o Papa Francisco e em dois anos parece que mudou a ideia de que estamos no inverno. Ao menos estamos na primavera e vamos ver se chegamos ao verão. Se o Papa continuar, talvez se solidifiquem algumas mudanças, mas tudo pode acontecer. Passamos do inverno à primavera, e depois podemos permanecer na primavera ou voltar para o inverno.

IHU On-Line – Em que sentido a Igreja agora é diferente da Igreja comandada por Bento XVI e João Paulo II? A Igreja de fato mudou ou o que há no momento é uma expectativa em torno de mudanças por conta da figura de Francisco?

Olga Consuelo Velez – É uma primavera anunciada, mas não uma primavera concreta. Todavia, as flores não estão em todas as partes. O Papa parece um ramalhete de flores passeando pelo mundo, mas nas igrejas particulares não sei se há tantas flores. Há uns dias ouvi a entrevista de um padre no Peru, dizendo que a Teologia da Libertação não serve para nada, o

que serve é o capitalismo, porque o capitalismo cria empresas que dão trabalho aos pobres do Peru. É um discurso feito no pontificado de Francisco. Então esse padre, que não é da teologia da libertação, quer desmontá-la. Não vi nenhum bispo se manifestar sobre o que esse padre falou.

IHU On-Line – Se a Igreja adotasse uma postura de maior abertura, isso garantiria que mais pessoas se convertessem ao catolicismo ou que um número maior de pessoas seguisse os valores do catolicismo?

Olga Consuelo Velez – Não, acho que não, porque estamos num contexto diferente e já não temos uma cosmovisão tão marcada, mas a Igreja seria mais testemunha; é isso que a Igreja tem de ser. Às vezes penso que não se trata de ter mais adeptos à Igreja, mas que as pessoas tenham referência de valores que valem a pena serem seguidos. Então, as pessoas, embora não sejam ligadas à Igreja, podem ter uma referência de algo que vale a pena nesta vida. Com a mentalidade do pluralismo, não se trata de ter mais adeptos, mas de oferecer sentido à vida das pessoas e capacidade de fraternidade, justiça social. Se a Igreja tem mais clareza do seu testemunho, isso será bom para o mundo e é isso que interessa, porque a Igreja não é feita para ela mesma. O objetivo não é que a Igreja seja a Igreja mais poderosa como foi no passado, mas que ela faça bem a este mundo e que todas as pessoas possam gostar desse bem que a Igreja irá fazer.

IHU On-Line – Além dos valores que a Igreja já prega, que outros ela pode vir a oferecer neste momento de pluralismo e multiculturalismo?

Olga Consuelo Velez – A Igreja não pode perder seu caráter profético. E profético é mais que testemunho de caridade — a Igreja tem muitas obras de caridade, o que é muito bom —, mas a Igreja tem muito medo de dizer uma palavra profética frente à realidade social e política. Romero, que será beatificado nesta semana, justamente é um símbolo de uma palavra profética que se levanta contra as injustiças. Os valores de fraternidade, por exemplo, são valores humanos, porque do contrário não viveríamos em comunidade. A Igreja tem de dar essa capacidade de profetismo e de solidariedade com os pobres, falar de uma presença do sagrado não "nas nuvens", mas aqui nesta Terra, cuidando dos pobres e da natureza, e ser capaz de valorizar esse mundo com mais finura evangélica. O reino de Deus anunciado por Jesus é isso: uma palavra profética frente à realidade da sua época; por isso mataram Jesus. A Igreja tem de correr o mesmo risco e anunciar a palavra de Jesus.

IHU On-Line - Como a Igreja na Colômbia tem recebido o pontificado de Francisco e como o pontificado reflete na Igreja colombiana?

Olga Consuelo Velez – Com a mesma ambiguidade que está sendo recebido em todos os lugares do mundo. Ninguém vai falar mal do Papa. Então a maioria das pessoas fala bem. Mas já ouvi alguns padres dizendo que Francisco está rompendo a tradição e nesse sentido há um certo desgosto. Alguns até dizem que se nos descuidarmos ele nos levará ao comunismo ou ao marxismo. Mas isso se escuta mais nos círculos oficiais.

Por outro lado, como disse no início, não tenho visto nenhum padre ou bispo dizendo que quer abdicar de cargos e títulos e tampouco tenho visto as pessoas ou os padres deixando de ter seus carros maravilhosos. Não vejo práticas oficiais de que de fato a Igreja deva ser mais simples.

IHU On-Line – Há um entusiasmo de que o Papa faça algo e assuma uma postura diferente, mas isso não significa que a postura dele será adotada pelos cristãos ou pelas igrejas no mundo?

Olga Consuelo Velez – Exatamente. Essa é a minha preocupação, especialmente na Igreja colombiana. Agora, por outro lado, o povo colombiano está contente com o pontificado. Mas a Igreja teria de se perguntar por que as pessoas estão tão contentes.

IHU On-Line – Como vê o discurso de pessoas que eram contrárias à Igreja, e que agora manifestam publicamente apreço pelo Papa?

Olga Consuelo Velez – Vejo como positivo, mas é uma interpelação, porque eles teriam de dizer isso de nós. É o que mais ou menos disse Gandhi, ou seja, que gostava de Cristo, mas não do testemunho dos cristãos. Isso teria de ser uma interpelação para nós, ou seja, como as pessoas gostam tanto do Papa por ele ser tão simples, por alegrar-se com as situações simples e por ser misericordioso. É isso que teríamos de fazer. Onde estávamos que não fazíamos isso? É uma vergonha para nós o fato de não estarmos fazendo o que o Papa faz agora. É também um sinal de que as pessoas não estão esperando grandes coisas, mas que detalhes marcam uma linha e, portanto, o Evangelho pode ser significativo.

IHU On-Line – Já que o Vaticano II não responde mais aos desafios do mundo de hoje, como deve se fazer teologia daqui para frente?

Olga Consuelo Velez – Justamente vou falar que a relação entre teologia e magistério atua nesse círculo hermenêutico. Se não houvesse teólogos abertos à modernidade, o Concílio não teria acontecido. Mas o Concílio deu uma carta de cidadania à teologia, e assim a teologia produziu o Vaticano II e pode continuar seu esforço de responder aos desafios de hoje. Temos novos campos e, portanto, não precisamos só fazer memória ao Concílio, mas olhar para frente. A teologia tem de continuar fazendo seu trabalho porque, embora seja tão lenta a articulação, vai se criando uma nova mentalidade.■

#DossiêVaticanoII

A recepção do pontificado de Francisco no país mais secular da América Latina

Pablo Bonavía destaca a postura do Papa ao colocar o doutrinal a "serviço do anúncio e vivência original da fé" e a repercussão no Uruguai

Por Patrícia Fachin

O Uruguai, considerado o país mais secular da América Latina, vive um momento de "transição" em relação ao papel e à centralidade da religião na vida das pessoas, disse Pablo Bonavía à **IHU On-Line**, em entrevista concedida pessoalmente quando esteve na Unisinos, participando do II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. A atual situação eclesiástica do Uruguai é consequência de "um período de certa pobreza em nível de proposta eclesial", explica. Segundo ele, a "pastoral 'agressiva'" realizada depois do Concílio Vaticano II e de Medellín cedeu lugar a "um período de empobrecimento, de incapacidade de oferecer uma proposta para a sociedade como um todo", com o término do episcopado de Monsenhor Carlos Partelli.

Na avaliação dele, os desafios da Igreja uruguaia "são grandes" e a "figura do Papa Francisco pode significar um estímulo" no sentido de enfrentá-los. Contudo, enfatiza, "ainda veremos se as provocações de Francisco e se o entusiasmo pelo carisma pessoal dele poderá se converter em uma compreensão de sua proposta de Igreja, que passa precisamente por sair ao encontro dos desafios da sociedade, sem prepotência".

Para Pablo Bonavía, a principal mensagem de Francisco nos dois anos de seu pontificado concentra-se numa sugestão de "voltar ao Jesus dos Evangelhos, ao elementar de Jesus, e isso não somente no sentido de recuperá-lo no mais original e radical cristianismo, mas também de atualizá-lo e *ressignificá-lo*". Isso significa, pontua, afirmar que "a vivência do Evangelho tem o primeiro lugar. A pastoralidade que ele vive e aplica envolve não subordinar a vida da Igreja ao doutrinal, mas colocar o doutrinal a serviço do pastoral".

Pablo Bonavía é sacerdote uruguaio do clero diocesano de Montevidéu. É coordenador do Observatório Eclesial da Ameríndia e professor de Teologia na Faculdade de Teologia Monseñor Mariano Soler. Foi coordenador-geral da Ameríndia Continental até 2008.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a expressividade da religião, e do catolicismo em especial, no Uruguai?

Pablo Bonavía - O catolicismo no Uruguai está num momento de transição, porque vivemos um período de certa pobreza em nível de proposta eclesial. Houve uma capacidade de apresentar propostas após Medellín, com uma pastoral "agressiva" — no bom sentido da palavra —, com a presença de laicos e a partir de uma imagem de Igreja comprometida com a dignidade do ser humano. Mas, logo após o período do episcopado de D. Carlos Partelli, que era o bispo de Montevidéu, e que participou do Concílio Vaticano II e de Medellín, veio um período de empobrecimento, de incapacidade de oferecer uma proposta para a sociedade como um todo, e a Igreja tornou-se mais autorreferencial e encerrada em sua dinâmica interna, com pouca capacidade de diálogo com a sociedade. Os desafios que temos nesse momento são grandes e a figura do Papa Francisco pode significar um estímulo, porque realmente necessitamos voltar a sentir que todos somos sujeitos na Igreja.

Tivemos um período em que o laicato se sentiu marginalizado, e o grande desafio hoje é desenvolver uma pastoral recorrendo aos desafios que vêm de Francisco e também da sociedade latino-americana. Precisamos voltar a dizer a todos os integrantes da Igreja que eles são sujeitos e que suas experiências valem.

IHU On-Line – O que significa ser sujeito em diálogo com a Igreja?

Pablo Bonavía – Ser sujeito na Igreja significa dizer que a experiência de cada pessoa e de cada comunidade é levada em conta e valorizada pela Igreja local e que, por pertencerem à Igreja local, podem pertencer à Igreja universal. Há um costume de que as ordens venham da autoridade, mas isso pode ser invertido, porque as autoridades têm de saber escutar não somente as pessoas que consideram importantes, mas também o povo comum e os setores marginalizados da sociedade. Ser sujeito significa dizer que a experiência original de cada cristão vale e que cada cristão não é simplesmente um soldado que acata ordens.

IHU On-Line - Com o pontificado de Francisco, percebe alguma mudança na Igreja uruguaia e até mesmo um entusiasmo de uruguaios em se tornarem cristãos? Como os uruguaios têm recebido o pontificado?

Pablo Bonavía – Creio que ainda veremos se as provocações de Francisco e se o entusiasmo pelo carisma pessoal dele poderão se converter em uma compreensão de sua proposta de Igreja, que passa precisamente por sair ao encontro dos desafios da sociedade, sem prepotência.

IHU On-Line - Como avalia os dois anos do pontificado de Francisco? O que faz com que ele seja aclamado por pessoas tão diferentes, desde cristãos a ateus? Que mudanças espera dele?

Pablo Bonavía – As mudanças dependem do conjunto da Igreja. O Papa está nos convidando a não esperar dele o que todos temos de fazer. Portanto, a melhor maneira de seguir o Papa é escutar-nos uns aos outros e, sobretudo, escutar aqueles que não têm autoridade na Igreja. Então, o Papa está dizendo que a sua autoridade serve para autorizar a todos os cristãos a tomarem suas experiências e as experiências dos demais e, a partir disso, viver a sinodalidade. Isso significa que as decisões na Igreja devem ser tomadas sem deixar de lado o conjunto da comunidade e das pessoas.

IHU On-Line - Qual a importância de o Papa recuperar a categoria "povo de Deus", a qual o senhor sempre lembra?

Pablo Bonavía – É muito importante recuperá-la, porque de alguma maneira se deixou de lado essa categoria, porque se considerava que ela estava mesclada com questões ideológicas e políticas. O Papa volta a usar essa expressão do Vaticano II e, sobretudo, insistindo no que se chama de "*sensus fidei*". Quando se diz que tem de escutar a todos os cristãos, não se diz isso apenas como uma estratégia pedagógica, mas porque há a convicção de que a unção e a ação do Espírito Santo estão presentes em cada cristão e em cada grupo de cristãos. E, portanto, não escutá-los significa não escutar o Espírito Santo.

IHU On-Line - Como foi o processo de responder aos questionários do Sínodo Extraordinário sobre a Família no Uruguai?

Pablo Bonavía – Parece mentira, mas no momento em que uma proposta chega a um país, o desenvolvimento dela depende também da maior ou menor repercussão que ela tem. No Uruguai, os meses de dezembro, janeiro e fevereiro são meses de desativação de instituições e comunidades, e o primeiro questionário chegou nesse momento, por isso as respostas ao questionário foram respondidas de modo apressado e não deu tempo de processá-las adequadamente. Em relação ao segundo questionário, não sei como foi a repercussão.

IHU On-Line - Quais são os discursos mais importantes feitos pelo Papa Francisco nesses dois anos?

Pablo Bonavía – Sua mensagem principal sugere voltar ao Jesus dos Evangelhos, ao elementar de Jesus, e isso não somente no sentido de recuperá-lo no mais original e radical cristianismo, mas também de atualizá-lo e *ressignificá-lo*, e de pôr em atenção o que se vive na sociedade de hoje. Portanto, ele nos convida a superar os conflitos em torno do Concílio, porque a principal mensagem do Concílio foi voltar à fonte, voltar a Jesus pelos Evangelhos, mas de uma forma contextualizada.

IHU On-Line - Qual é a diferença de se ter um papa mais pastoral e menos teólogo? Que lugar a doutrina e a pastoral devem ocupar na Igreja?

Pablo Bonavía – Esse é um dos grandes aportes de Francisco: colocar o doutrinal a serviço do anúncio e da vivência original da fé. Não é que o doutrinal não tenha um papel no sentido de precisar aquilo que queremos. Sim, tem um lugar, mas não é um lugar principal; tem um lugar importante de apoio, de confirmar e convidar a revisar a forma como se vive o Evangelho, mas a vivência do Evangelho tem o primeiro lugar. A pastoralidade que ele vive e aplica envolve não subordinar a vida da Igreja ao doutrinal, mas colocar o doutrinal a serviço do pastoral.

IHU On-Line - Que avaliação faz do ex-governo Mujica?

Pablo Bonavía – O governo de Mujica foi um bom testemunho de alguém que governou sem esquecer o seu passado, sem deixar de escutar o povo, principalmente os mais pobres. A vida dele é uma mensagem positiva para a vida política. Como governante, também teve suas dificuldades, sobretudo no que se refere a questionar seus objetivos enquanto governante. Nesse sentido, ele deixou uma série de tarefas, umas incompletas e outras que ainda precisam ser feitas. Apesar das dificuldades que teve, como qualquer governo, ele passou a mensagem de que hoje precisamos recuperar a sensibilidade de uns para com os outros, num mundo em que a prática propõe a indiferença. Por outro lado, foi consciente de que as necessidades de financiar seus projetos sociais o fizeram entrar no que é a vida econômica mundial. Portanto, ao mesmo tempo em que proclamou uma volta ao essencial, se deu conta de que precisava negociar com grupos poderosos e que, nesse sentido, garantir trabalho para os uruguaios implicava ter investimentos, e isso significava não questionar muito os custos ecológicos e sociais dos processos.

#DossiêVaticanoII

A vida, a história e as lições do professor O'Malley

John O'Malley sempre soube que sua missão seria ensinar. Acabou se tornando jesuíta, historiador, mas, ao longo de toda vida, sempre foi professor

Por João Vitor Santos | Tradução: Luís Marcos Sander

FOTO: João Vitor Santos/IHU

Quando se pensa em padres jesuítas, logo associamos às missões e à educação, ao ensino. A história de vida do padre americano John O'Malley também tem muita relação com esse imaginário. Bastam cinco minutos de conversa com esse senhor sempre bem-humorado, de sorriso largo, para perceber o quanto respira história e faz questão de contá-la, como um professor. Muito mais acostumado a falar das origens da Companhia de Jesus e do passado da própria Igreja, O'Malley fica meio sem jeito ao falar de si. Mas conhecê-lo mais de perto é mergulhar em História, misturada à narrativa de uma vida inspiradora.

Com 88 anos de idade, recorda que aos 18 anos escreveu uma carta pedindo para entrar no seminário. Nascido numa pequena cidade do estado de Ohio, nos Estados Unidos, era único filho. Sempre frequentou escolas públicas, até que surgiu essa curiosidade em saber mais da vida de jesuítas. "Nunca tinha me encontrado com um jesuíta, mas tinha lido a respeito e sabia que eram missionários e atuavam na área de ensino. Sabia que queria ser um sacerdote, mas não diocesano. E os jesuítas me pareciam ok", conta.

Embora acesa a chama vocacional para o sacerdócio, O'Malley se assustava com a forma de vida de padres em paróquias. "Os sacerdotes viviam sozinhos e tinham muitas atividades. A rotina deles é demais para o meu gosto." Foi aí que, como ele mesmo diz, resolveu "dar um tiro no escuro" e tentar ingressar na Companhia de Jesus. "Foi uma coisa meio maluca", brinca.

A carta foi lida e ele foi aceito na ordem. Tudo bem? Não. Ficou chocado já no primeiro dia. "Achei que tinha cometido um erro enorme. Mas como era orgulhoso demais para abandonar no mesmo dia, resolvi ficar mais um dia e depois ir embora." Mas esse dia faria toda a diferença. "Esse foi o erro que fiz", ironiza em meio a gargalhadas. "Depois desse dia, vieram os outros, as coisas já me pareciam melhores e fui me sentido em casa."

O que O'Malley sentiu, na verdade, era um grande medo do desconhecido. "Me parecia tudo tão isolado, diferente de tudo que conhecia." Passado esse "susto", o professor olha para esse tempo e faz piada. "Até hoje, não sei por que meus pais permitiram que fizesse isso." A verdade é que se sentiu acolhido na Ordem. Além disso, se aproximou do mestre dos noviços. Ele era historiador e passou a inspirar o jovem seminarista. "Eu gostava de história minha vida inteira, meus pais gostavam muito de história. Mas o meu encontro com aquela pessoa confirmou tudo isso. A partir de então, os jesuítas me incentivaram a ser historiador."

As leituras e a formação

Ainda sobre a época de noviço, O'Malley recorda alguns professores de teologia que foram importantes para sua formação. "Entre os teólogos jesuítas que mais me influenciaram estão William Miang, o mestre dos noviços, e John L. McKenzie[1], um dos melhores pro-

1 **John Lawrence McKenzie** (1910-1991): foi o primeiro estudioso da Bíblia Católica de meados do século XX. Depois de se formar,

fessores de Antigo Testamento". Ele ainda recorda que um dos primeiros livros que leu como um jovem jesuíta foi de um dominicano francês, intitulado *A Vida Intelectual* (La vie intellectuelle, de A.-D. Sertillanges). Entre os autores que o influenciaram, também destaca Henri de Lubac[2] e Karl Rahner[3].

No entanto, o que O'Malley aponta como fundamental na sua formação foram os três anos em que lecionou História numa escola de Ensino Médio em Chicago. "Aprendi como simplificar as coisas e me comunicar. Eu me dei conta de que conseguia fazer isso. Consegui atingir os ouvintes", destaca. Estava, assim, pela primeira vez, cristalizada sua essência de professor. "Eu sempre tive essa sensação. A sensação de que eu era professor", recorda, enquanto aperta suavemente os olhos. É um olhar de quem encontrou o seu caminho e é feliz por isso. E como nunca perde o humor, logo dispara em meio a risadas: "E também é só o que sei fazer".

Mais tarde, foi para a Áustria com o objetivo de se dedicar à História da Alemanha. "Só que, durante esse período, passei uma semana na Itália e isso acabou mudando tudo." Sobre a Itália, não esconde que foi seduzido pela comida, a beleza natural e artística, a arquitetura.

Encantado com os estudos da História Italiana, voltou aos Estados Unidos, desta vez em Harvard. E, na universidade, tem como "mentor" outro grande apaixonado pela História da Itália. O resultado foi sua tese de doutorado sobre um reformador italiano da Igreja do século XVI. Assim, nunca mais deixou de ser professor e historiador.

História e "A" História dos Estados Unidos

Agora, imagine O'Malley, um *expert* em História Italiana, num lugar onde os norte-americanos consideram como "A História" mais importante a dos Estados Unidos. "É verdade. Valorizam demais. Até porque não falam outra língua", brinca. Mas, na realidade, gosta da História norte-americana. O que houve com a italiana foi uma paixão. "Achei muito mais interessante."

Francisco nos Estados Unidos

Ao ser questionado sobre sua expectativa quanto à visita do Papa Francisco aos Estados Unidos, O'Malley dá um profundo suspiro, sorri e dispara: "oh, Deus. Quem sabe?! Não há como saber. Mas será interessante". A reação é cheia de significados, pois ele sabe que há nos Estados Unidos certa resistência à forma bergogliana de conduzir a Igreja. Tanto por parte do episcopado quanto na questão política. "Por isso será interessante a fala dele ao Congresso. Muitos não compactuam com sua visão sobre os pobres, a imigração, entre outros temas". Há católicos tanto entre republicanos como entre democratas, embora as posições dos democratas pareçam mais alinhadas com as do Papa. Por isso, brinca: "quando o Papa encerrar sua fala, certamente terá muita gente desapontada. Seja de um lado ou de outro".

Outro ponto curioso da visita do Papa é com relação ao próprio presidente Barack Obama. O'Malley considera que há um alinhamento entre os dois. Um exemplo é a proposta de reforma na saúde, defendida pelo presidente e, de certa forma, apoiada por Bergoglio. No entanto, essa reforma não é aceita pelos bispos norte-americanos. "Não sei se devo falar isso, mas não sei do que os bispos estão falando". Isso no sentido de que há crítica ao projeto com relação ao controle de natalidade. "Não é um plano perfeito. Mas pelo menos é algum. E ele ajuda os pobres."

A Companhia de Jesus

O'Malley também é profundo conhecedor da história dos jesuítas, tanto que escreveu a obra Os primeiros Jesuítas (São Leopoldo/Bauru: Editora Unisinos/Editora Edusc, 2004). Ele vê a Companhia de Jesus como uma ordem dentro da Igreja Católica, como outras tantas. No entanto, com muitas particularidades. "A primeira delas é que todos os dez primeiros jesuítas, encabeçados por Inácio de Loyola, haviam estudado na Universidade de Paris. Isso é importante porque tinham a melhor formação, de cultura mais elevada, para sua época. Não havia outro grupo semelhante a eles", explica.

---

em 1928, ele entrou na Província de Chicago da Companhia de Jesus e foi ordenado sacerdote em 1939. Atuou como professor durante 19 anos, no teologado jesuíta em West Baden, Indiana, antes de se transferir para Loyola University Chicago. Deixou Loyola para se tornar o primeiro membro Faculdade Católica na Universidade de Chicago Divinity School. Após isso, ele lecionou na Universidade de Notre Dame, em Seton Hall University, e na Universidade DePaul. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schrifften zur Theologie* (Escritos de Teologia). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, edição 446 da **IHU On-Line**, de 16-06-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto. Dez anos atrás, a edição número 102 da **IHU On-Line**, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em http://bit.ly/maOB5H. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em http://bit.ly/o2e8cX. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também **Cadernos Teologia Pública** nº 5, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em http://bit.ly/18XbPcU. Em 2014 a **IHU On-Line** publicou a edição 446 intitulada *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, disponível em http://bit.ly/112CjfG. (Nota da **IHU On-Line**)

Essa formação foi fundamental para fundação da Companhia. É nessa perspectiva que se consolida a visão dos jesuítas. Além disso, há dois livros singulares para o grupo. O primeiro é *Os Exercícios Espirituais*, de Inácio de Loyola. "É um clássico. Criou um novo ministério, o do retiro espiritual. Teve um efeito profundo sobre os membros da ordem, pois todos que entram na Companhia têm que passar pelo retiro de 30 dias, ou seja, completar os exercícios espirituais", pontua. O resultado é um estímulo para o estado de oração, motivação e profunda orientação espiritual.

O segundo livro é a Constituição dos jesuítas, redigida pelo próprio Inácio de Loyola. "É um documento importante, mas que é insuficientemente estudado. E também não havia nada comparável nas outras ordens", considera. Isso porque, na maioria das ordens, a constituição era formada por um conjunto de regras. Já a Constituição dos Jesuítas tem uma progressão psicológica, estabelece ideais e apresenta uma certa flexibilidade. Há cláusulas fixas, mas há certa liberdade "Acompanha o jesuíta desde que entra na ordem até que professe os votos. E ela pressupõe uma ideia de evolução, progresso. Assim, aquilo que é próprio para um noviço não é necessariamente apropriado para um membro mais maduro."

O Concílio Vaticano II

Os jesuítas estiveram entre os arquitetos do Concílio Vaticano II. O'Malley destaca nomes como John Courtney Murray[4], Henri de Lubac, Jean Daniélou[5], entre outros. "Por um lado, eram os arquitetos do Concílio. E, por outro, também foram afetados pelo Concílio", destaca. Isso significa que foram levados a refletir sobre suas origens.

Para exemplificar, o professor retoma o documento do Vaticano II, A Igreja no Mundo de Hoje[6]. Os princípios desse documento funcionam como uma espécie de atualização da própria ordem, "podendo assim aplicar a ideia de 'os jesuítas' no mundo de hoje e não mais como no século XIX, com a resistência à modernidade, contra o mundo". O'Malley reluta ao afirmar que *Gaudium et Spes* é o documento do Vaticano II mais importante para os jesuítas. No entanto, reconhece que é o mais significativo para a Companhia. "É simbólico, como um símbolo do que aconteceu com os jesuítas", pontua.

Relacionando ao atual pontificado, lembra que Bergoglio é o primeiro Papa que não participou do Concílio. "Então, não tem aquelas memórias anteriores — e mesmo durante — do Vaticano II. E parece ter tido ótimos professores e captado muito bem a mensagem básica do Concílio." Isso significa dizer que a compreensão que tem da Igreja é a do Concílio Vaticano II, tomando a experiência do encontro eclesial como algo dado. Assim, a partir dele estruturando sua perspectiva. Nas ações do Papa, segundo O'Malley, é possível perceber o espírito do Concílio. Por exemplo, as ações diante de outras religiões, a colegialidade, entre outros aspectos. "Claro, tem a ver com o Concílio, mas também com a experiência de Bergoglio enquanto jesuíta", frisa.

O'Malley durante o Vaticano II

O professor é um dos especialistas em Vaticano II, escreveu o livro *What Happened at Vatican* II (Harvard, 2008)[7]. Mas o que fazia durante o Concílio? "Oh, escrevia minha dissertação para a Universidade de Harvard, mas estava em Roma", brinca. No entanto, revela que conseguiu sim acompanhar alguns movimentos muito de perto. "Pude assistir às sessões públicas e também às coletivas de imprensa. Mas nunca achei que escreveria profissionalmente sobre o Concílio, já que era especializado no século XVI". No entanto, em 1971 escreveu o primeiro artigo sobre o Concílio. E nunca mais parou. "Em 2008, escrevi o livro e achei que era suficiente. Mas depois vieram os aniversários e jubileus. E aqui estou eu no Brasil."

Marcas do Brasil

Estando no Brasil pela primeira vez, o historiador diz que quando pensa no país não consegue dissociar das imagens de Francisco no Rio de Janeiro. Perguntado o porquê, ele brinca: "um observador da viagem do Papa ao Rio disse que presenciou dois milagres: um argentino humilde e um brasileiro devoto, religioso". Esse é o jeito John O'Malley de ser. Um senhor encantador, de sorrisos largos e apaixonado por história, da atualidade ou antiga. Nessa passagem pelo Brasil, terminou um livro sobre um barco chamado Lusitânia, que foi naufragado por um submarino alemão na guerra. E começou outro sobre a atual suprema corte dos Estados Unidos. ■

4 **John Courtney Murray** (1904-1967): ingressou na Companhia de Jesus em 1920. Foi ordenado padre em 1933 e recebeu o doutorado em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, em 1937. Posteriormente, assumiu o teologado jesuíta em Woodstock, Maryland, onde foi professor de teologia até a morte. Além disso, Murray editou a revista *America* e a revista acadêmica *Theological Studies*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Jean Daniélou** (1905-1974): foi um jesuíta francês e também cardeal. Teólogo e historiador, também foi membro da Académie Française. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento muitíssimo importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma), "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Edição traduzida em português: O'MALLEY, John W. O Que Aconteceu No Vaticano II. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

#DossiêVaticanoII

Do sul da América para o centro do mundo. O novo Papa e a Igreja hoje

Massimo Faggioli reflete sobre o catolicismo na atualidade, dos avanços aos desafios da Igreja e do Papa

FOTO: João Vitor Santos/IHU

Por João Vitor Santos | Tradução: Marcos Luiz Sander

A agitação chega juntamente com Papa Bergoglio ao Vaticano. Suas ações e discursos provocam, imprimem outra lógica à Igreja. E isso se dá depois de um período visto por muitos como sombrio e de dúvidas. Afinal, para onde vai a Igreja? Como atualizar essa instituição com mais de dois mil anos sem perder a tradição? Tais questões não desaparecem com a chegada de Francisco. São oxigenadas e há linhas que podem indicar caminhos. Para o doutor em História da Religião, Massimo Faggioli, a Igreja "muda de posição" com a chegada do novo Papa. Isso reorienta a ideia de religião na sociedade. "Francisco fala muito sobre tudo. Isso é importante porque ninguém tocava nesses pontos enquanto papa. Por outro lado, isso também gera oposição", avalia.

Faggioli também destaca que o jeito Francisco de ser Papa aguçou a curiosidade do mundo sobre a Igreja. Esse interesse pode ser mensurado na própria trajetória do historiador. Embora de família católica, Faggioli não figurava frequentemente nos bancos da Igreja. "É, minha família não era particularmente religiosa", conta. No entanto, teve a aproximação através dos Escoteiros Católicos, grupo muito forte da juventude católica na Itália. Nasce aí seu interesse, que culmina academicamente na influência de professores como Giuseppe Alberigo[1]. "Trabalhei com ele na Universidade de Bologna por 12 anos, de 1996 a 2008".

1 **Giuseppe Alberigo** (1926-2007): historiador da Igreja Católica e teve como mestre Don Giuseppe Dossetti, teólogo e jurista. Foi um dos fundadores da Faculdade de Ciência Política da Universidade de Bologna. Sua obra mais importante foi a direção da iniciativa editorial Storia del Concilio Vaticano II (Bologna: Il Mulino, 2012). (Nota da **IHU On-Line**)

Em busca de mais oportunidades de emprego deixou a Itália e foi para os Estados Unidos. Na época, sequer imaginava que, depois de se mudar para a América, um bispo sairia lá do sul do continente para assumir o trono de Pedro. Sopra um vento de mudança sobre Roma e reascende o interesse mundial sobre a Igreja. "Esses dois anos têm sido produtivos. Aconteceram essas coisas todas, renúncia do Papa Bento XVI, o Conclave e a Eleição do Papa Francisco. Acompanhei isso tudo muito de perto", recorda.

Por isso Faggioli passou a ser muito solicitado a pensar a Igreja nos dias de hoje. Uma Igreja que, segundo ele, pela primeira vez tem um Papa que pensa a partir do Concílio Vaticano II. "Ele não discute ou faz leituras do Vaticano II, o toma como algo dado. Seu pontificado é estruturado a partir daí", sustenta. Por ocasião de sua participação no II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade, o historiador conversou com a **IHU On-Line**. Provocado, refletiu sobre a Igreja Católica na atualidade, através do olhar sobre o atual pontificado.

Massimo Faggioli é doutor em História da Religião e professor de História do Cristianismo no Departamento de Teologia da University of St. Thomas, de Minnesota, Estados Unidos. Seus livros mais recentes são *Vaticano II: A luta pelo sentido* (Paulinas, 2013); *True Reform: Liturgy and Ecclesiology in Sacrosanctum Concilium* (Liturgical Press, 2012); e, em espanhol, *Historia y evolución de los movimientos católicos. De León XIII a Benedicto XVI* (Madrid: PPC Editorial), 2011.

O papel da religião

Faggioli percebe uma reorganização do conceito de religião no mundo, especialmente depois do atentado de 11 de setembro. De um lado, religião passou a ser entendida como algo dos malucos, os fanáticos. "E isso é profundamente contrário à natureza daquilo que a religião, e em especial o cristianismo, é. Coloca a religião numa situação muito difícil. Impõe a necessidade de se afastar dessa ideia e, ao mesmo tempo, apresentar um significado racional do que a religião — e o cristianismo — pretende, mas também sem cair num racionalismo", pondera. O problema é que na experiência da modernidade essa atualização é quase sempre levada à racionalidade tecnológica. "O que nem sempre é associado a uma ideia de respeito ao ser humano", completa. Ou seja, somos colocados diante de dilemas da economia mundial, ditadura do mercado financeiro, a escravidão dos seres humanos a uma máquina que decide o que pode ser descartado ou não.

Para o historiador, a religião está entre esses dois extremos. "Neste cenário, o papel da Igreja Católica é particularmente importante porque é a única igreja realmente global. Existem outras igrejas disseminadas em toda parte, mas a Católica tem uma compreensão global de si mesma que a diferencia das demais", destaca, ao pontuar que esse é um dos motivos de haver tanto interesse das pessoas sobre as posições dos Papas. E agora, em especial, com Francisco. "Querem saber o que os Papas pensam".

A novidade Francisco

Na opinião do pesquisador, de certo modo a Igreja Católica se conecta com a atualidade na medida em que se relaciona com os assuntos do mundo. Isso ocorreu diante de temas da atualidade nos dois últimos pontificados. Mas, claro, de formas distintas. "Com Bento XVI a estratégia foi muito mais de retirada e de não fazer parte do debate global em questões específicas. Tenho dificuldade de entender, mas sei que é uma postura profundamente europeia". Isso porque a Igreja na Europa tem uma preocupação muito mais voltada a manter o seu legado cultural, tradições. "Como se a Igreja fosse constituída de monumentos e de pouca coisa viva."

Perspectiva essa que foi mudada com o Papa Francisco. O pontífice passa a participar de discussões globais em torno da economia e do meio ambiente, por exemplo. "Isso explica porque há tanta oposição a ele. Se falasse somente sobre Deus, não haveria problema", alerta. Ou seja, o Papa tem falado de temas intensos e que provocam intenso debate, além de se encontrar com pessoas que alguns católicos preferiam que não se encontrasse. "É emblemático o que está acontecendo, e a interpretação que Francisco está fazendo do momento que vivemos é muito corajosa e interessante".

Faggioli ainda destaca que ninguém fala desses temas que o Papa aborda e tampouco da forma como aborda. "As outras pessoas que fazem isso não recebem a atenção que a Igreja Católica recebe do mundo todo", pondera. Para ele, através de Francisco a Igreja empresta sua voz a muitos que não são ouvidos. "É exatamente o que o Vaticano II queria que a Igreja fosse já há 50 anos". O que não quer dizer que a Igreja não viesse fazendo isso ao longo desses 50 anos. No entanto, agora com um latino-americano no comando, houve uma "espécie de salto para essa consciência global". "E também porque o Papa foi padre, sacerdote de verdade, efetivamente. Esteve em contato com pessoas reais e com problemas reais. Passou por experiências que nenhum papa antes dele passou", completa.

A diferença de João Paulo II

Para o historiador, João Paulo II teve uma relação com o comunismo a partir da posição de bispo. E na Polônia a Igreja Católica era oficialmente contra o comunismo. Já na Argentina a posição era ambígua. "Mover-se em meio a essa ambiguidade foi muito mais uma experiência de aprendizado para Bergoglio. A Igreja era vista como parte do regime, mas não queria ser."

E ainda há diferenças do ponto de vista eclesial. Bergoglio era um jovem sacerdote quando a encíclica *Humanae Vitae*[2] foi publicada. Acompanhou a recepção da encíclica junto aos estudos que fez e não do ponto de vista de um bispo, ou de alguém já centrado em Roma. "Tem algo a ver com sua biografia, mas também com sua origem cultural. Como historiador, diria que, para ele, a história anterior ao Vaticano II é simplesmente algo que passou. Uma situação para a qual não queríamos voltar."

Vaticano II: caminho para atualização

Passados 50 anos da conclusão do Concílio Vaticano II, ainda podemos tomar seus documentos como principal via para atualização da Igreja? "É exatamente isto que o Vaticano II é para o Papa Francisco e para a maioria dos católicos", responde Faggioli. "O Vaticano II não é um momento de criação de uma nova teologia, e sim uma espécie de síntese da experiência pela qual a Igreja Católica global estava passando. Quando fala do Vaticano II, há coisas típicas de um latino-americano. Mas ele fala pouco do Vaticano II. Toma como base o que a Igreja já é. E é interessante ainda observar que não tem a intenção de rediscutir o Vaticano II ou reinterpretar questões-chave".

Com relação aos documentos conciliares, Faggioli considera as quatro constituições – *Dei Verbum*, Revelação divina e Tradição; *Lumen Gentium*, Igreja; Gaudium et Spes: Pastoral e a relação da Igreja com o mundo moderno

Sacrosanctum Concilium: Liturgia extremamente importantes. No entanto, destaca que Francisco dá claros sinais de que *Gaudium et Spes*[3] é, para ele, a fundamental. "Interessante que esse documento é o menos citado pelo Papa Bento XV. Isso já é uma mudança interessante", acrescenta.

A Reforma de Francisco

O Papa Francisco tem condições de promover uma reforma sem mexer no Direito Canônico.[4] É o que acredita Massimo Faggioli. "O Direito Canônico pode ser mudado aos poucos. Ele já está fazendo alguma coisa. Está fazendo mudanças na estrutura sem dizer que todo pontificado se resume a esse aspecto". Assumir isso colocaria o Papa numa situação complicada, potencializando seus opositores. "Está em busca de reformas, mas a maioria das coisas que faz não está relacionada a isso."

Segundo o historiador, isso fica mais claro quando se observa a condução que Bergoglio faz nos sínodos. Pela primeira vez, bispos puderam se manifestar sobre assuntos que lhes eram reais e presentes. É dessas reformas que Faggioli fala. Movimentos que parecem pequenos, mas têm grande significado. "Para fazer isso, não precisou mudar o Direito Canônico. Mas mudou todo o espírito, o clima", pontua.

A maior mudança, para Faggioli, é o fato de estar governando sem a cúria romana. Isso o diferencia crucialmente dos dois antecessores. "É o caso do Santo Ofício. Qual sua função?", questiona. O episódio envolvendo o cardeal Müller[5] também é significativo sob esse aspecto. "O que ele disse já teve reações. Ninguém acredita no que disse. Ninguém acredita nele". Na visão do historiador, é uma tentativa de marcar presença, "uma declaração de impotência".

A Igreja nos EUA e a resistência

Os bispos italianos têm uma boa aceitação de Bergoglio, na opinião de Faggioli. "Só acho que muitos estão confusos. Acham que o que ele está fazendo é algo ingênuo. Na verdade, quem não gosta simplesmente ignora". Claro, ignora de uma forma "benigna", como que tirando o foco das questões levantadas pelo Papa. "Já nos Estados Unidos é completamente diferente", assinala. Para ele, porque nesse país o catolicismo é muito mais ideológico. "Os católicos conservadores votam em um partido. Já os progressistas votam em outro. Numa divisão muito clara".

A essência da divisão, para o historiador, se dá porque a Igreja nos Estados Unidos se fixou basicamente no debate sobre sexo,

2 **Humanae Vitae** (em português "Da vida humana"): encíclica escrita pelo Papa Paulo VI. Foi publicada a 25 de Julho de 1968. Inclui o subtítulo Sobre a regulação da natalidade, descreve a postura que a Igreja Católica faz em relação ao aborto e outras medidas que se relacionam com a vida sexual humana. Segundo alguns geraria polêmica porque o Papa nela definiu que a contracepção exclusivamente por meios artificiais é proibida pelo Magistério da Igreja Católica. Leia no sítio do IHU: Martini: "Humanae Vitae" excluiu muitas pessoas da igreja. Reportagem com Carlo Maria Martini, publicada nas Notícias do Dia, de 08-11-2008, disponível em http://bit.ly/1SE35ks; Devemos ir além do impasse da "Humanae Vitae". Editorial da *National Catholic Reporter*, publicado nas Notícias do Dia, de 26-01-2015, disponível em http://bit.ly/1LMhuG6. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma) "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em http://bit.ly/9lFZTk, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Sobre o tema leia as entrevistas: *O Papa que deixa os livros e se volta à humanidade*. Entrevista com Felix Wilfred publicada na IHU On-Line 465, de 18-05-2015, disponível em http://bit.ly/1Hydk15; e *Os ouvidos abertos de Francisco*, depoimento de Luiz Carlos Susin publicado na IHU On-Line 465, de 18-05-2015, disponível em http://bit.ly/1LLzAZA. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Em abril de 2015, o cardeal **Gerhard Ludwig Müller**, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, declarou que como Bergoglio não é teólogo, a função da Congregação é dar estrutura teológica para o pontificado. Confira a notícia sobre o tema publicada no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1LasZH4 (Nota da **IHU On-Line**)

aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, tendo, assim, os favoráveis e os contrários. O que o Papa tem dito é mais ou menos a mesma coisa, mas num contexto muito mais amplo do ensino social da Igreja. "Assim, os católicos que estavam acostumados a ver seus bispos falarem sempre sobre esses mesmos assuntos de repente ouvem o Papa falando sobre outros assuntos. Então, acham que é um liberal e até um traidor da fé católica. Isso em todos os níveis, mesmo entre bispos e cardeais". No entanto, reconhece que de modo geral, entre as pessoas, é muito popular nos Estados Unidos. O problema é que há um círculo de pessoas, como empresários mais conservadores, que não pactuam com esses discursos mais igualitários do Papa. "E os bispos estão nesse fogo cruzado, entre essas pessoas, os que gostam dele e o próprio Papa".

São fatores que fazem da próxima visita de Francisco aos Estados Unidos um momento extremamente importante. "Porque vai ser a mais difícil. Especialmente quando falar no Congresso, onde há muitos políticos católicos que não gostam dele e que dizem isso", destaca. O fato de assuntos políticos estarem na agenda da Igreja e serem levados por Francisco potencializa isso ainda mais. "Ele é um agente muito político". Além disso, irá aos Estados Unidos exatamente depois de sua passagem por Cuba. "No meu livro sobre o Papa Francisco[6], tem um capítulo inteiro dedicado ao problema americano do Papa...". Para completar, ainda há a nomeação de novos bispos cuidadosamente articulada por Bergoglio. Bispos que "são completamente diferentes dos anteriores". E, com relação à visita, "há expectativa de que estabeleça uma linha de comunicação com o episcopado".

6 Pope Francis: Tradition in Transition (New York: Paulist Press, 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

Traições e traduções

Além de todas as particularidades da Igreja nos Estados Unidos, ainda há outro elemento que potencializa o conflito. É a tradução equivocada da fala de Francisco. Faggioli explica que muitos jornalistas da imprensa norte-americana não dominam o italiano em profundidade. Isso os leva a incorrer no erro de perder o contexto no instante da tradução e, assim, acabam traindo a mensagem.

Um exemplo é o que houve no encontro do Papa com Mahmoud Abbas, presidente palestino. "O Papa disse a ele: 'eu desejo que você possa ser um anjo da paz'. Nos Estados Unidos, foi dito que o Papa Francisco o havia chamado de 'anjo da paz'. Isso acontece o tempo todo, com muita frequência", explica. O que aumenta a expectativa também sobre a tradução da fala do Papa durante a visita aos Estados Unidos. "Eu não sei que língua vai falar! Espero que fale em Espanhol...". ■

#DossiêVaticanoII

Reconhecimento do outro: do inter-religioso à inculturação da fé

Gilles Routhier destaca como o Vaticano II trata dos temas relacionados a Igrejas locais e como essa experiência aparece no atual pontificado

FOTO: João Vitor Santos/IHU

Por João Vitor Santos | Tradução: Vanise Dresch

Ao longo do **II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade**, conferencistas e público entenderam a reunião eclesial como uma atualização da Igreja. Isso porque, sob vários aspectos, traz à luz assuntos e temas que não era tratados de forma clara entre os católicos. Minutos antes de sua conferência, Gilles Routhier, professor doutor da Universidade Laval do Canadá, conversou com a **IHU On-Line** sobre alguns pontos do Concílio que possuem esse caráter modernizador. Nesse bate-papo de cerca de meia hora, o professor relaciona temas como o diálogo inter-religioso com o que considera o maior legado do Concílio e muito presente do pontificado bergogliano: a colegialidade e o respeito às diferenças nas comunidades em que a Igreja está inserida.

Routhier lembra que, no momento do Vaticano II, a questão do diálogo inter-religioso era algo novo. "Padres e teólogos estavam mal armados, mal preparados para abordagens dessa questão", destaca. E não era por menos. Pela primeira vez se reuniram bispos de diferentes continentes, que tinham muito presente no cotidiano o contato com outras religiões. Era o caso de bispos da Ásia, por exemplo, mas também da Europa. Nesse segundo caso, a preocupação se centrava mais entre a relação cristão/judeus. "Na primeira montagem do documento, tratava apenas dessa relação entre judeus e cristãos. Mas foi aí que os bispos de outros continentes sentiram que era preciso dizer alguma coisa sobre o budismo, o hinduísmo, os muçulmanos, outras religiões. E felizmente o Concílio se expressou nesse sentido", explica.

O professor destaca essa mudança como salutar. Se a abordagem não tivesse sido ampliada, atualmente não se teria instrumental para abordar o tema e encarar o momento em que estamos vivendo. "Claro, como não estavam bem preparados, o Concílio não disse tudo sobre o assunto e também não se alcançou a

maturidade", pontua. Porém, para Routhier, o mais importante dito naquela época e que ainda serve para hoje é que se passou a "falar dos outros não como inimigos, mas considerando-os como membros da família humana". É este primeiro movimento que destaca: o reconhecimento do outro.

Lacunas conciliares

O que o Concílio deixou a desejar, na opinião de Routhier, foi o fato de não ter pensado numa espécie de "teologia das religiões". Isso porque até não tinha o objetivo de fazer isso. Lembra, por exemplo, que *Nostra Aetate*[1] não está entre os documentos conciliares mais divulgados. Não chegou a ser recebido no Canadá e nem na Europa. Foi muito mais remetido à Ásia, Oriente Médio, Índia. "Era como se não dissesse respeito aos ocidentais." Assim, é possível entender porque a teologia das religiões emergiu principalmente na Índia.

Mesmo assim, o professor entende que o Vaticano II abriu as portas para as discussões em torno de questões sobre o inter-religioso. "Isso permitiu que, nos últimos 50 anos, progredíssemos nesse caminho." Assim, agora no mundo ocidental, começou a se levar em conta a importância desse diálogo. E Francisco pode ser um motivador para evolução dessas discussões. "Francisco sempre teve, de fato, diálogo profundo com um rabino (Abraham Skorka[2])". Por outro lado, reconhece que, de certa forma, prossegue na tradição de João Paulo II. "Porque, na Polônia, os judeus foram muito perseguidos e João Paulo ajudou a esconder judeus. Conhecia judeus e foi o primeiro a entrar numa mesquita. Também foi ele que iniciou os encontros de Assis, onde as religiões se uniram para orar pela paz."

A novidade em Francisco

Gilles Routhier reconhece os avanços de Francisco em suas ações de diálogo inter-religioso. No entanto, destaca que não é sobre esse tema que estão as maiores inovações. O que lhe chama atenção é a liberdade que dá aos bispos na tomada de decisão. Isso tem seu significado. Como se as decisões não partissem de Roma, mas sim do lugar onde está o bispo, a Igreja. É outro princípio do Vaticano II: a colegialidade. "É uma liberdade de palavra e que confere mais importância às conferências episcopais."

O fato de deixar com que as decisões partam do local é, de certa forma, respeitar a particularidade, as diferentes formas de uma mesma Igreja. Em Francisco, é o que aparece sob o conceito de inculturação da fé. "Francisco tem experiência pastoral. É um pastor que conhece a mentalidade popular. A primeira imagem que se tem dele é quando vai à sacada e faz milhares de pessoas na Praça de São Pedro orarem. Ele tem a capacidade de sentir e perceber a mentalidade popular", destaca.

Para Routhier, esse espírito pastoral se articula na ideia de colegialidade, na medida em que convida os bispos e padres a serem pastores e se aproximarem do povo. "Quando teve encontro com bispos da América Latina, durante viagem ao Rio de Janeiro, disse: 'vocês têm que ser pastores do povo de vocês'. Convida para toda uma conversão pastoral e não somente permanecer como um administrador", explica. O professor acredita que se bispos e padres atenderem a esse chamado e estiverem "próximos de suas ovelhas", poderão de fato entender e inculturar seu povo.

Rota para tornar a Igreja viva

É importante observar esse movimento de inculturação como algo que não impõe uma forma de religiosidade, mas sim deixa a religiosidade, a fé, se manifestar essencialmente na forma da cultura. É diferente da ideia de catequizar. É conhecer um povo e entender como relaciona com a fé. Para Routhier, esse conceito tão presente em Francisco pode ser o novo ar que deixa a Igreja viva. Isso porque o Papa vai ao povo e os escuta, verdadeiramente. "Ele é simples. Não tem linguagem ideológica. É em sua autenticidade e espontaneidade que é possível perceber isso. Ele realmente quer tocar as pessoas."

Ainda relacionando à experiência do Concílio, o professor destaca que Francisco não fala muito do Vaticano II. No entanto, põe em movimento as ideias do Concílio. "O modo de agir dele está presente nos documentos do Concílio", enfatiza. Significa, então, afirmar que agora, de fato, o Vaticano II acontece na Igreja? Para Routhier, a Igreja já mudou e algo está acontecendo nos últimos 50 anos. Assim, hoje, falamos menos em Vaticano II, mas o temos muito mais presente no modo de agir. "É exatamente isso. Não tem que falar o tempo todo do Concílio, e sim agir. É isso que o Papa está fazendo."

Porém, considerar que age enquanto Concílio não quer dizer que não terá mais desafios. Para Routhier, a Igreja na atualidade ainda tem incontáveis desafios. "Vamos ouvir falar muito na reforma da Cúria. E de fato precisa ser reformada. Mas também falamos de bispos e padres, para que se tornem pastores. Está aí outro grande desafio. E falamos de viver como cristãos num mundo secularizado. Todo desafio então está em conseguir pronunciar o Evangelho diante de todas as questões políticas do mundo atual. E como dizer, com que linguagem." Desafio que para o professor está posto a Francisco, que divide e chama cada um para caminhar e buscar a superação dos desafios. ■

1 **Nostra Aetate** (em português, No nosso Time): é a Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs-do Concílio Vaticano II. Foi promulgada em 28 de outubro de 1965, por Papa Paulo VI. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Sobre Abraham Skorka leia: **"Compartilhamos muitos sonhos com o Papa", afirma rabino Skorka.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 17-01-2014, sítio do IHU disponível em http://bit.ly/1ENWrom; **O sonho do rabino amigo de Francisco**. Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 20-12-2013, sítio do IHU disponível em http://bit.ly/1eLkjNu; **"Em maio levarei Bergoglio a Jerusalém". Entrevista com Abraham Skorka, por Marco Politi.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia, de 08-01-2014, sítio do IHU disponível em http://bit.ly/1a8YBdj. (Nota da **IHU On-Line**)

#DOSSIÊVATICANOII

Esperança, reforma e comunhão. Alguns olhares sobre o pontificado de Francisco

Por Leslie Chaves

As atitudes e discursos do Papa Francisco, além de simpatia, também têm desencadeado uma série de questionamentos entre religiosos, leigos, católicos ou não, e estudiosos do tema. Os gestos de Bergoglio parecem anunciar um novo tempo na Igreja, o qual simultaneamente representa a vanguarda e o retorno a valores da teologia cristã, presentes no Evangelho e sistematizados nas discussões e documentos resultantes do Concílio Vaticano II. Tais fundamentos constroem os princípios da Igreja, porém a concretização desses preceitos no exercício religioso assume diversas formas, que ora se distanciam e ora se aproximam da ontologia do cristianismo.

Certamente a essência da novidade do pensamento de Francisco reside na busca de um retorno fiel às concepções originárias da Igreja, permeado pela conciliação e o diálogo entre os diferentes, pela compaixão, misericórdia e comunhão, interna e externamente, em um esforço de inspirar nos religiosos um espírito pastoral e na comunidade um sentimento de fraternidade. Tarefa que não é simples, pois envolve a redescoberta dessas concepções, o rearranjo de estruturas de organização, poder e comportamentos.

Esse tema foi amplamente discutido no **II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade**, realizado na Unisinos entre os dias 19 e 21-05-2015. O evento reuniu religiosos, teólogos, pesquisadores de diferentes áreas e a comunidade. Confira agora as impressões e expectativas acerca do pontificado de alguns dos participantes das reflexões e debates realizados no encontro.

Eis os depoimentos.

"Para mim, é importante perceber que as discussões, em nível teológico, de estudos científicos são muito importantes, mas também que Francisco traz a Igreja para perto do povo. É uma busca que o povo tem de se aproximar dessa Igreja e de Francisco. Acredito que esse seria o principal diferencial desse Papa."

Marli Wandelbruck, funcionária do Centro de Cidadania e Ação Social da Unisinos.

"Pessoalmente eu diria que é um momento de esperança, por uma série de fatores. Pela forma como o Papa age e fala, pela forma como ele tem conduzido a Igreja nesse período de pontificado. Ele faz com que retomemos questões fundamentais, coloca elementos novos, mas que são da tradição antiga da Igreja, que porém também não deixam de ser novos, como, por exemplo, a misericórdia e a acolhida, que nos estimulam muito. Naturalmente que, entre os jovens, há diferentes posições e formas de perceber. É muito comum posturas mais conservadoras também, que de alguma maneira enxergam com certa resistência a forma dele ser Papa nesse tempo. Mas, por outro lado, tem muita esperança, muita alegria, abertura àquilo que ele está propondo. É a minha reflexão pessoal, mas também de muitos que nós escutamos, de que se trata de um Papa deste tempo. Portanto, aberto, de diálogo,

que se aproxima, que sabe falar a linguagem até das novas tecnologias, não só porque tem uma conta no Twitter, mas porque tem uma linguagem que consegue atingir as pessoas. Tudo aquilo que ele faz, acaba sendo também fato jornalístico, no sentido de que abre as pessoas para a reflexão por conta de romper com certas coisas; isso gera a necessidade de uma reflexão, de verificar se algo era realmente fundamental ou não. Então, eu vejo com muita esperança."

Marciano Guerra, graduado em Teologia pela PUC-RS, atuando na Paróquia de São Marcos, Diocese de Caxias do Sul - RS. Ele será ordenado padre no dia 29-11-2015.

"O Papa Francisco é uma agradável surpresa, é um grande sinal de esperança para uma multidão de homens e mulheres, que talvez tenha diminuído sua presença na Igreja hoje, mas que efetivamente acredita que a Igreja deve ser luz, sal e fermento. Ele nos estimula cada vez mais a ser uma Igreja aberta para o mundo, em diálogo com a sociedade, revendo papéis e conceitos. Então eu só desejo que nós façamos uma grande corrente no mundo inteiro para apoiar as iniciativas dele, para dizer que não é só algo dele. É o desejo de tornar efetivo o projeto de uma Igreja em diálogo com o mundo, do Concílio Vaticano II. Aqui nas discussões alguém disse que Francisco é o primeiro Papa pós-Vaticano II, que efetivamente traz no seu coração e na sua prática as propostas do Concílio. Então nós queremos somar com ele, com as comunidades, com os religiosos e religiosas, com os presbíteros e os bispos nessa grande causa. Temos encontrado dificuldades efetivas e reais, não só o Papa Francisco tem encontrado obstáculos na cúria romana, como nós temos encontrado nas dioceses, e nas próprias congregações religiosas, um movimento que quer frear esse processo da Igreja com a sociedade. Mas acreditamos que isso não só é possível, como necessário. Desafios temos muitos. Eu penso que esse congresso do IHU está nos abrindo cada vez mais as perspectivas de esperança e a convicção de que temos que continuar encarando a mudança como algo necessário. Transformações nas estruturas da Igreja, na nossa percepção, na forma de realizar o diálogo com outras religiões, com outros grupos dentro da própria Igreja e com a sociedade civil."

Afonso Murad, irmão Marista e professor de Teologia na Faculdade Jesuíta – Faje e no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, em Belo Horizonte - MG.

"Eu avalio que a figura do Papa Francisco é indubitavelmente muito positiva para a Igreja. Há, contudo, um perigo de ficarmos olhando para o Papa Francisco e não conseguirmos perceber em profundidade o que as atitudes dele implicam em mudanças para a nossa vida, porque mais do que um exemplo para ser admirado, ele é um exemplo pra ser seguido. Então, eu vejo o perigo de aplaudirmos o Papa e não copiarmos no nosso dia a dia as atitudes dele. Por exemplo, a renovação, de ir ao encontro das pessoas, conforme ele vem falando de uma Igreja em saída. Até fizemos um discurso parecido com o dele, mas não conseguimos seguir as atitudes que ele tem. Se a gente vai olhar hoje para os nossos seminários é ali que se encontra uma grande ala de rejeição à figura do Papa. Porque quando ele fala em mudança, em saída, isso pode gerar uma certa instabilidade e alguns medos, e a nossa tendência natural é quanto mais dentro de casa ficarmos, compreendendo a Igreja e a estrutura, mais seguros nós podemos nos sentir. Então percebo que, embora haja uma simpatia pelo que o Papa diz, há uma dificuldade em seguir o que ele faz. Creio que a grande questão é o contato com o mundo. Aqui na conferência se falava justamente sobre isso. O Concílio quis colocar a Igreja em consciência de que ela está no mundo, e tudo o que acontece no mundo repercute na Igreja. Então a Igreja não fala para o mundo, trabalha para o mundo, mas ela fala de dentro do mundo, de dentro do mundo ela trabalha, e tem que ter essa atitude de diálogo que só é possível estando dentro da realidade. Ser cristão não é fugir do mundo, mas é entrar no mundo. Por isso na formação dos futuros padres a gente tenta trabalhar essa parte, um profundo contato de dentro das comunidades, com as realidades sociais também e não apenas religiosas, porque onde está o ser humano, ali é o lugar da Igreja estar."

Eduardo Haas, padre, reitor do Seminário São João Batista, em Viamão, Diocese de Montenegro – RS.

"Eu acho que houve uma mudança dentro desses 50 anos do Concílio Vaticano II. É possível ver que houve uma caminhada na Igreja, claro que ainda não é uma mudança do tamanho que gostaríamos, mas no dia a dia a gente percebe os esforços do Papa Francisco para que os fiéis acompanhem as transformações. Entretanto, essa trajetória ainda deixa muito a desejar, é preciso modificar algumas coisas na Igreja, como ampliar o diálogo e incentivar mais a participação dos leigos no trabalho das pastorais, pois eles são uma grande força. Também acho que o papel da mulher na Igreja poderia ser revisto, e deveria receber mais destaque. As mulheres têm um trabalho muito importante na Igreja, que começa já nas pastorais, junto às comunidades, mas seria interessante que elas ocupassem novos espaços. Tenho esperança de que o Papa Francisco examine essa realidade e dê uma resposta para as gerações futuras."

Maria Laura Almeida de Oliveira, teóloga e integrante da pastoral da Paróquia Santa Rita de Cássia, de Guaíba – RS.

"Acho que Francisco é um Papa moderno, que está compreendendo as coisas que ainda não foram compreendidas, está querendo relê-las. É um 'Papa pé no chão', povo, ele é um pastor, vai ao encontro das ovelhas, dos menos favorecidos, dos pobres num sentido geral. Ele valoriza muito a mulher, o jovem e as minorias. Esse é o grande diferencial dele. As mudanças que Francisco está propondo, aos poucos já estão refletindo nos jovens, nos grupos que eles participam na Igreja. Eles estão mais alegres, mais despojados. Parece-me que após a vinda do Papa ao Brasil esses jovens se soltaram, espiritualmente eles estão diferentes, até pra tratar com as pessoas."

Terezinha de Fátima Medina, catequista de crisma da pastoral da Paróquia Santa Rita de Cássia, de Guaíba – RS.

"Basicamente olhando para o Papa Francisco, penso que ele está levando muito a sério todas as intenções do Papa João XXIII. Eu diria que particularmente seriam três as grandes ênfases de revisitação do Concílio por parte de Francisco. Primeiro a questão da pobreza, a Igreja que leva a sério a opção pelos pobres, não simplesmente materiais, mas também as pobrezas espirituais. Depois, um outro aspecto é a questão da reforma. O Papa Francisco está muito preocupado com uma reforma, não só institucional, mas profundamente espiritual. A ideia de reforma que teve início fortemente com João XXIII convocando o Concílio, também é retomada pelo Papa Francisco. E um terceiro aspecto é a colegialidade. Sem dúvida nenhuma, olhando o Papa Francisco, conseguimos perceber essa intenção dele de trabalhar de forma colegial. Ele como Bispo de Roma, e assim ele se pronunciou desde o primeiro dia em que foi eleito, mas também no incentivo às conferências episcopais, e a liberdade que ele dá para o grupo dos nove que o está ajudando a governar a Igreja enquanto conselho consultivo. Pobreza, reforma e colegialidade, segundo meu parecer, são palavras chaves para entendermos que o Papa Francisco está profundamente em sintonia com as intuições de João XXIII e do Concílio Vaticano II."

Fabiano dos Santos Barbosa, padre e professor do curso de teologia do Centro Salesiano de São Paulo – UNISAL – SP.

"Para mim o Papa Francisco traz à tona todo o desejo do documento *Gaudium et Spes*, de uma Igreja que se encarna na história, que não tem medo do mundo, apesar dos riscos que ela corre, porque uma Igreja que não corre riscos não é uma Igreja do próprio Senhor Jesus. Essa é a metáfora que ele usa de uma Igreja doente versus uma Igreja acidentada, que corra riscos, que vá para as periferias existenciais e geográficas, para que possa levar a misericórdia, a alegria do Evangelho. Então nesse sentido me parece que ele é um autêntico herdeiro do Concílio Vaticano II, por conta do seu gesto, da sua fala bem centrados na *Gaudium et Spes*, e isso me parece ser a grande atualização do Concílio hoje com o Papa Francisco."

Sérgio Ricardo Coutinho, professor de História da Igreja no Instituto São Boaventura e do curso de Serviço Social do Centro Universitário IESB, em Brasília - DF.

"Acho que o pontificado do Francisco está sendo muito interessante pela quebra do estilo monárquico. Em matéria de estética e de governo da Igreja, ele está aplicando o que o Concílio Vaticano II chama de povo de Deus. Se entende o Papa não mais como um monarca, um soberano, mas como um grande Bispo que governa e ajuda a Igreja a crescer na fidelidade ao Evangelho. Esse esquema é totalmente novo, e isso está surgindo totalmente a partir de Francisco. Ele é o primeiro Papa que não esteve no Concílio, mas é o primeiro a aplicar o Concílio na prática."

Paulo Fernando Dala Dea, professor de Filosofia da Universidade UNESP – SP.

"O primeiro e grande desafio desse papado é que a Igreja abra os olhos de novo, como o Papa vem fazendo, para as grandes angústias do mundo de hoje. Questões como o tema da guerra, e Francisco tem se empenhado para que converse quem não conversava, como foi Cuba e os Estados Unidos, e a mesma coisa com o Oriente, Irã e Síria; e a acolhida aos imigrantes, que passam por momentos trágicos, como o caso de Lampedusa. Então ele está convocando a Igreja para que ela se debruce sobre o grito dos pobres, que ela se torne protagonista ativa em favor da justiça e da paz, acho que esse é o grande desafio. Depois chama para uma Igreja de misericórdia, para fora e para dentro, que faça com que as pessoas voltem com alegria no coração. A sua primeira exortação, Alegria do Evangelho, conecta-se com o discurso de abertura do Concílio, que também fala da alegria, *Gaudet mater ecclesia* — Que se alegre a mãe Igreja. Então, tanto João XXIII quanto Francisco fazem essa ligação. Em um lugar que é alegre, aberto, misericordioso, compassivo e justo você tem gosto de ficar."

José Oscar Beozzo, padre, teólogo, doutor em História Social, coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – Cesep e integrante do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA/Brasil. ■

#DOSSIÊVATICANOII

E se você recebesse uma ligação do Papa, o que lhe diria?

Por Leslie Chaves

Os esforços do Papa Francisco para aproximar a Igreja das pessoas têm sido notáveis desde o início do pontificado. Nessa postura estão em jogo discursos mais profundos e a busca por colocar em prática os ensinamentos do Evangelho e os preceitos expressos nos documentos do Concílio Vaticano II. Entretanto, algumas das atitudes de Bergoglio expressam a simplicidade e o espírito pastoral com que o pontífice trata de temas sérios e de acontecimentos cotidianos. Um exemplo é o costume do Papa de telefonar para as pessoas.

Esse comportamento inusitado para uma figura tão importante já foi tema de diversas reportagens na mídia. Algumas revelaram que Francisco costuma ligar para confortar pessoas doentes, responde a apelos de fiéis que estão passando por dificuldades e deixam mensagens com pedidos de ajuda, e também telefona para quem o critica publicamente. Esse foi o caso do jornalista argentino Alfredo Leuco, que, em uma carta aberta publicada em abril de 2015, desaprovou a reunião marcada entre o pontífice e a presidente da Argentina, Cristina Kirchner, para o mês de junho deste ano. O Papa relata que esse é um hábito antigo, que vem desde os tempos em que vivia em Buenos Aires, quando respondia aos bilhetes, cartas e ligações da comunidade que o procurava em busca de apoio. Costume que demonstra sua disposição para o diálogo e seu modo de conviver com as pessoas.

Inspirada nesse comportamento de Francisco, a **IHU On-Line** procurou saber dos participantes do **II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade,** o que diriam se recebessem uma ligação do Papa.

"Eu agradeceria a ele a ligação que fez para mim, e diria a ele que continuasse nessa busca de abertura ao diálogo inter-religioso. Na própria *Evangelii Gaudium* ele salienta uma Igreja muito próxima das pessoas, uma Igreja em saída. Então eu diria que essa é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, uma Igreja próxima das pessoas, que está atenta à necessidade do outro. Ele diz que quando nós vamos em busca do outro, nós não sabemos como vamos encontrá-lo, então por isso sempre devemos ter uma palavra de consolo, saber escutar e saber falar. Eu diria a ele para continuar sempre renovando, apesar de ele não trazer essencialmente nada de novo, o que ele faz de fato é colocar em prática o Vaticano II, que representa uma Igreja aberta e atenta aos apelos do outro e do mundo contemporâneo."

Jordan Carvalho, teólogo, pré-noviço Lassalista da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Porto Alegre – RS.

"Papa Francisco, estou muito feliz com a sua ligação, me sinto privilegiada e lisonjeada. Também quero lhe agradecer pela sua missão profética. Nós estamos aqui no colóquio em São Leopoldo, retomando o documento *Gaudium et Spes*, e nesse momento oportuno de sua ligação me deixa muito mais feliz."

Carmélia Chaves Soares dos Santos – estudante de teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Catequista da Paróquia São Carlos, em Curitiba – PR.

"Primeiramente eu agradeceria pelo testemunho que ele é, com certeza um exemplo de pessoa, de cristão, que nos inspira enquanto religiosos e católicos. Também diria pra ele que a Igreja se aproximasse mais dos jovens, e que se fizesse o esforço de trazer esses jovens para a Igreja, fazendo esse duplo movimento

de aproximação. Isso significa talvez mexer na própria liturgia, na forma de culto e celebração para atrair a juventude, que sabemos que também é responsável pelas mudanças e por esse diálogo com a cultura."

Marcelo Cesar Salami, irmão Lassalista, em Porto Alegre – RS.

"Se eu recebesse uma ligação do Papa eu ficaria muito feliz e diria a ele que estamos aqui no colóquio retomando a *Gaudium et Spes* e seguindo as suas orientações, vivenciando o que ele está propondo para a Igreja hoje, para toda a sociedade e para a transformação de mentalidades, principalmente a respeito da nossa visão sobre aquelas pessoas mais necessitadas, os excluídos, porque é aí que temos que alimentar e suscitar a vida."

Vilma Tereza Rech, irmã Pastorinha e integrante da coordenação do setor de animação bíblico catequética da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, regional 3, em Porto Alegre – RS.

"Eu agradeceria a revolução que ele vem fazendo na Igreja. São necessárias mudanças, e abertura da Igreja, para que ela entre em diálogo com outras vozes, outras religiões e até mesmo com outras ramificações cristãs. Então essa é uma grande revolução que o Papa Francisco vem fazendo na Igreja, que é alegria não só para os católicos, mas para os cristãos de outras denominações e também para fiéis de outras religiões. Ele vem fazendo esse diálogo muito aberto."

Leandro Sousa Brito, teólogo, pré-noviço Lassalista da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Porto Alegre – RS. ■

LEIA MAIS...

— A matéria que inspirou a reportagem é intitulada "Cinco minutos com o Papa Francisco. O que você diria?", publicada nas Notícias do Dia, de 19-05-2015, no sítio do IHU, disponível em http://bit.ly/1GRsxhU.

V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica
III Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação
XVII Simpósio Internacional IHU

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CONTEMPORANEIDADE

21 a 24 de Setembro de 2015

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br

O envio de trabalhos poderá ser feito até o dia 15/05/2015
para o e-mail simposioihu@unisinos.br

#DOSSIÊVATICANOII

As complexidades contemporâneas abertas pela chave da teologia

Por Ricardo Machado | Foto: João Vitor Santos

Pensar o agir em termos teológicos na perspectiva do Vaticano II requer, como propôs Karl Rahner ao analisar o evento conciliar há 50 anos, pensar os movimentos que a prática implica na fé: "Se as toneladas de papel do Concílio não provocarem uma grama de fé ou caridade a mais, o Concílio então não será nada" — Karl Rahner. Sob a luz cinquentenária da provocação de Rahner, Johan Konings, Olga Consuelo Velez Caro e Érico Hammes[1] (foto ao lado) participaram da **Mesa-redonda – O novo teologizar a partir do Vaticano II**, que reuniu, novamente, um grupo de mais de cem pessoas no Auditório Central da Unisinos, em São Leopoldo, durante o **II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade**.

Superar o substantivo Teologia pelo verbo teologizar é um dos desafios mais presentes à Igreja e que volta ao cenário católico com os insistentes pedidos do Papa Francisco para que a Igreja saia à rua. Isso implica observar a palavra Jesus e pensar seu significado menos como objeto de culto e mais como de seguimento. "Na época da *Nouvelle Théologie*, voltar às origens foi o apelo à teologia. Naqueles anos, ser tradicional sem ser conservador era não voltar ao Concílio de Trento e à medievalidade, mas, sim, voltar aos primórdios de Paulo", explica Johan Konings, professor doutor das Faculdades Jesuítas de Belo Horizonte.

É da natureza dos verbos suscitarem ação. Nesse sentido, Érico Hammes, professor doutor da Pontifícia Universidade Católica – PUCRS, sustenta que a teologia tem muito que progredir. "A verdade dos fatos não se reduz à forma como a Igreja Católica Apostólica Romana vive os fatos. Um dos grandes ganhos do Concílio Vaticano II foi possibilitar que as pessoas aprendessem não somente sobre a própria teologia, mas sobre as outras. Não se admite que um estudante de teologia não saiba que os luteranos creem na Santíssima Trindade", pontua.

Ao relacionar os "novos" teólogos ao atual período histórico, Hammes os classificou metaforicamente como "nativos do Vaticano II" e apresentou os paradoxos na postura de alguns mais jovens. "Os nativos do Vaticano II têm, às vezes, uma sensação nostálgica de uma liturgia de que jamais participaram, o que gera um anseio de restauração. Para quem passou do pré para o pós-Concílio a relação com o Vaticano II permanece como um grande ganho", avalia o professor.

O Norte do Sul

"Vou partilhar desde o 'Norte' do Sul". Assim Olga Consuelo Velez Caro, professora doutora da *Pontificia Universidad Javeriana*, na Colômbia, começou sua avaliação sobre os rumos da teologia com seu jeito tipicamente latino de ser. Com um sorriso nos lábios e um português marcado pelo sotaque espanhol, Olga faz um olhar prospectivo sobre a teologia desde um outro tipo de sensibilidade, a feminina. "As verdadeiras luzes do Vaticano II

1 Erico Hammes é autor do Caderno de Teologia Pública nº 5 intitulado *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, disponível em http://bit.ly/1KAZq4H. (Nota da **IHU On-Line**)

são o novo olhar eclesial, um novo olhar social, um novo olhar sobre a história, um novo fundamento da teologia cristã. A opção pelos pobres é o novo paradigma teológico", defende a professora.

Olga chamou atenção para o fato de que ainda há muita resistência ao que foi proposto pelo Vaticano II, e que a sua impressão é de que a mentalidade entre os estudantes de teologia é a do Vaticano I. "Ouvi recentemente de um padre do Peru, que falava contra a Teologia da Libertação, que a Igreja deveria fortalecer o capitalismo, porque o capitalismo gera empresa e a empresa gera emprego", recorda Olga. "Por isso nosso desafio de conversão é constante e seria bom que fosse uma conversão atenta ao pluralismo cultural, religioso e da teologia com outras ciências", sugere.

Miragem do mar tranquilo

De acordo com Erico Hammes, uma falsa impressão que se tem ao ler os documentos do Vaticano II é que se está navegando em um mar tranquilo. "Imediatamente após o Concílio começaram as críticas. Isso fica evidente quando lemos os documentos da Congregação da Doutrina da Fé e, mesmo na prática, na forma como as pessoas que buscaram novos caminhos foram torpedeadas", retoma Hammes.

Para Hammes uma nova forma possível de fazer teologia passa pela transformação dos padres. "Os alunos (de teologia) devem ser levados a conhecer melhor as Igrejas e as Instituições cristãs. Uma característica de destaque da teologia pós-conciliar é a aprendizagem da teologia a partir de outras religiões", frisa.

Sentido vivo

"No Concílio coloca-se a Bíblia em relação com a liturgia, o que dá um lugar de honra à Bíblia. Então a renovação litúrgica deverá ter a primazia na escuta da palavra", propõe Johan Konings. "A Bíblia não ilumina apenas a doutrina, mas deita o olhar sobre a sociedade que oferece os temas que devem ser iluminados por ela. O estudo da sagrada escritura deve ser a alma da teologia, e o próprio sentido metafórico da palavra alma é respiração, a Bíblia é a respiração da teologia", complementa.

Ao repensar a importância da Bíblia às análises prospectivas da teologia, Konings sugere que se faça uma leitura mais hermenêutica e menos argumentativa. "Fazer uso da Bíblia para empoderar determinadas teses teológicas não faz jus ao sentido de ouvir palavra, portanto deixe-a falar por si mesmo, no sentido da memória que Deus fez com seu povo", indica o teólogo. "A obediência da palavra não pode se basear somente no estudo da letra, mas em ouvir o mundo, que é, ao mesmo tempo, o destinatário e quem dá um sentido vivo aos textos", analisa. ■

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

#DOSSIÊVATICANOII

Cobertura Colóquio

Entre os dias 19 e 22 de maio, a IHU On-Line acompanhou as conferências e mesas de debate do **II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade**. Confira trechos das reportagens publicadas no sítio IHU durante o evento.

Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. Conferência com John O'Malley

Vivemos um tempo forte na nossa igreja, que começou com a vacância da sede episcopal de Roma, quando Bento XVI renunciou, em fevereiro de 2013. Desde então, a Igreja retoma pontos e tópicos da agenda pós Concílio Vaticano II, obnubilados no debate da recepção conciliar nos últimos 25 ou 30 anos. As observações são do Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, SJ, reitor da Unisinos, na abertura solene do II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade, na manhã de 19 de maio, no Auditório Central da Unisinos.

Em seguida o historiador norte-americano John O'Malley, SJ, um dos nomes mundialmente reconhecidos na historiografia da Igreja, professor na Universidade de Georgetown, em Washington, iniciou sua conferência Concílio Vaticano II: Crise, Resolução, Conclusão. Segundo ele, Francisco é o primeiro papa em 50 anos que não participou do Concílio Vaticano II. "Ele marca o início de uma nova era. Para quem estuda o Concílio isso é uma oportunidade que enseja um estudo minucioso".

A reconciliação era o objetivo do concílio, observa O'Malley, referindo-se ao evento iniciado em 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Seu modo de condução era pautado pela compaixão, misericórdia e amor. "Um evento complexo assim não pode ser resumido a uma palavra e fórmula simplista. Os documentos do Concílio formam uma unidade coerente, e alguns temas e orientações o atravessam como fios condutores. Tais documentos transmitem uma mensagem maior do que seus documentos pensados isoladamente", observou O'Malley.

Lei mais em http://bit.ly/1FRILa6

A Gaudium et Spes 50 anos depois e o Papa Francisco como o parteiro de uma igreja global. Conferência de Massimo Faggioli

"Gaudium et Spes" 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente foi o tema da conferência de Massimo Faggioli na manhã de 20-05-2015. Professor na University of St. Thomas, nos Estados Unidos, o historiador italiano iniciou sua fala no II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade recuperando a importância do resgate do Concílio Vaticano II por ocasião de seu 50º aniversário.

Faggioli questionou se a eleição do Papa Francisco não mudou o papel do Vaticano II na Igreja Católica. Para ele, muitas das mudanças que temos presenciado desde sua escolha em março de 2013 estão relacionadas com o papel da Gaudium et Spes, a constituição pastoral sobre a Igreja no mundo moderno. "Agora está claro que o pontificado do Papa Francisco produziu uma das mais surpreendentes inversões de destinos referentes ao legado teológico de um concílio ecumênico, e isso se aplica especialmente à constituição pastoral Gaudium et Spes, cuja história no Vaticano II e cuja recepção após o Vaticano II são particularmente significativas para entender todo o Vaticano II."

Documento que ficou praticamente "esquecido" durante o papado de Bento XVI, a Gaudium et Spes é citada com frequência pelo Papa Francisco. "Não há muita dúvida de que a constituição pastoral é o documento-chave do Vaticano II para orientar nossa compreensão do Papa Francisco e sua relação tanto com o próprio Concílio quanto com o período pós-conciliar. O renascimento de Gaudium et Spes é visível em tudo que ele diz e faz, e especialmente em seus dois mais importantes atos: no título do mais importante documento de seu pontificado até agora, desde a exortação Evangelii Gaudium (24 de novembro de 2013) até a bula Misericordiae Vultus de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (13 de março de 2015)."

Leia mais em http://bit.ly/1RuG1mK

A experiência que transforma

Para além dos documentos resultantes do Concílio Vaticano II, o foco das análises e investigações de Gilles Routhier são as vivências e aprendizados que as experiências trazem. O tema foi objeto de debate da conferência Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja. Três processos no coração da experiência: a liturgia, uma leitura contextualizada das Escrituras e o diálogo, que aconteceu na manhã de 20-05-2015, durante o II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade.

O canadense Gilles Routhier, doutor em teologia, especialista na recepção do Concílio Vaticano II, e professor na Université Laval, do Canadá, justifica sua escolha pela experiência conciliar como ponto de análise em função da importância das práticas vividas para o contexto de construção e reconstrução da Igreja. "A experiência da comunhão para a formação da eclesiologia foi fundamental no Concílio. Levou à formulação da colegialidade e produziu nos padres a diferença de horizontes culturais, a partir do convívio. Esses momentos de encontros, debates, e liturgia, os fez 'homens novos'", ressalta.

Para o teólogo, os participantes do Concílio tiveram uma oportunidade valiosa de sentir a universalidade e catolicidade da Igreja, além de terem se transformado nesse processo. "Até o Concílio, os padres eram marcados por uma postura anti-modernista, e depois do evento se sentiram impelidos a mudar. Os bispos também não eram mais os mesmos, descobriram-se possuidores de uma realidade própria. Os discursos saíram da defensiva e tornaram-se ofensivos de uma maneira cristã, passaram a evitar a negação e a condenação. Então, quando os debates em torno da construção dos documentos se iniciaram eles estavam transformados pela experiência da convivência, adquirindo novas conscientizações sobre os temas a serem debatidos.

Leia mais em http://bit.ly/1FkgqoU

Por uma teologia que enfrente os desafios da fé na contemporaneidade

O ato de produzir racionalidade para interpretar o mundo, compreendendo as complexidades de maneira clara e fazer as relações que nos permitam compreender o certo e errado se chama discernimento. Se fôssemos resumir os ecos e as potencialidades dos 50 anos do Concílio Vaticano II em uma única palavra ela seria justamente a junção das cinco sílabas que forma o enunciado "discernimento". Fácil de escrever, difícil de executar. Foi em torno deste eixo que Christoph Theobald, professor doutor do Centre Sèvres, Facultés Jésuites de Paris, na França, debateu os devires da Gaudium et Spes (Alegria e Esperança), durante a conferência As potencialidades de futuro da Constituição pastoral Gaudium et spes. Por uma fé que sabe interpretar o que advém – aspectos epistemológicos e constelações atuais, que integrou o II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade.

Discernir é também o modo como interpretamos o mundo. Se temos uma compreensão vulgar do que isto significa, consequentemente teremos uma interpretação vulgar do que quer que estejamos olhando, seja os fenômenos culturais ou religiosos, entre tantos outros. Perceber e conhecer as dimensões históricas permite que se observe os processos históricos a partir de suas particularidades e que se leia o Concílio Vaticano II com inteligência. "O discernimento em 1965 consistia em articular as dimensões do humano e de uma outra a doutrina cristã da vocação humana, deixando transparecer no pano de fundo desta articulação aquilo que o povo chama de vocação humana da visão messiânica. Esse ponto de vista representa uma segunda potencialidade do texto hoje, que se insere em uma constelação cultural espiritual suficientemente diferente da década de 60 e do ultimo século", explica Theobald.

Leia mais em http://bit.ly/1LNzAr7

As três ecologias: Francisco, a Igreja e a Contemporaneidade

O diálogo possível entre a Igreja e a contemporaneidade conta, há dois anos, com o elemento Francisco. A simples (na verdade nem tão simples assim) escolha do nome Francisco por Bergoglio coloca na pauta uma série de elementos contemporâneos. "Quando Bergoglio escolhe Francisco ele faz isso em nome da simbologia que a nomenclatura suscita em favor da paz, em favor dos pobres e porque ele se importa com a natureza", sublinha John O'Malley, professor doutor na Georgetown University, nos Estados Unidos.

Pensar o papel de uma instituição duas vezes milenar como a Igreja Católica na contemporaneidade é um exercício não somente teológico e social muito difícil, como no âmbito comunicacional exige, ao mesmo tempo, sofisticação e simplicidade. "Ao falar sobre o mundo contemporâneo nós precisamos ter uma resposta simples, clara e direta. Mas ao mesmo tempo a Igreja precisa ser ouvinte, pois parte do ato de ouvir consiste em ler amplamente as complexidades que estão em jogo e criar uma linguagem sofisticada para a 'Inteligência'", defendeu O'Malley, referindo-se aos formadores de opinião pública, mais especificamente à revista New Yorker Reviews. Esta publicação em 50 anos publicou poucos conteúdos relacionados ao catolicismo e mesmo em relação ao cristianismo, mas em 2013 publicou uma capa com o Papa Francisco.

Leia mais em http://bit.ly/1FwLo0D

Para além dos muros do Vaticano. A periferia como o centro da Igreja

A própria arquitetura do Palácio Apostólico, cujas suntuosas portas abrem-se empurrando-as para dentro do prédio, sugere que aquele é um espaço onde as pessoas devem entrar, não sair. A estética monárquica de séculos que se ergue na margem dos tapetes vermelhos que levam direto ao Trono de Pedro, operam na contramão de um pontificado que subverte a lógica, inclusive, da arquitetura dos palácios vaticanistas e ultrapassa os muros de Roma. A Igreja, a partir do Papa Francisco e sob influência do Concílio Vaticano II (re)descobre o belo – ou o bem na perspectiva estética sustentada por Santo Agostinho – nos últimos, nos descartáveis, nos marginalizados, naquilo que a sociedade joga fora.

O hiato de 50 anos entre o Concílio Vaticano II e a atualidade é marcado por uma série de nuances e complexidades que se misturam à própria história da América Latina no contexto mundial. O próprio Papa Francisco pode ser considerado a materialidade de uma Igreja que transforma a periferia em centro, afinal é o primeiro Bispo de Roma que veio do "fim do mundo.

Leia mais em http://bit.ly/1EYdrS9

A busca pela compreensão da mensagem

Embora tenha sido assunto corrente nos três dias do II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade, o pontificado de Bergoglio foi dissecado durante o encontro entre Gilles Routhier, Christoph Theobald e Massimo Faggioli. E mais do que isso: os três pesquisadores refletiram sobre a conjuntura eclesial e como a chegada de Francisco movimenta a Igreja. Entender o que significa a chegada do Papa argentino e também o que de fato diz e o que quer com suas mensagens foi o exercício desenvolvido com o público ao longo da manhã de quinta-feira, dia 21-05.

Routhier, professor doutor da Universidade Laval do Canadá, deteve-se em analisar como a figura do Papa é tirada de uma centralidade pelo próprio Francisco. É a manifestação de mais um dos princípios do Vaticano II: a colegialidade. E não só uma colegialidade que divide as decisões com os pares, mas aquela que incita todos a participarem e a exercerem seu papel evangelizador. "É preciso organismos vivos no corpo eclesial", pontua.

Theobald, professor doutor do Centre Sévres – Facultés Jésuites de Paris, seguiu numa linha similar. No entanto, destacou os desafios de se entender as mensagens de Francisco e também de tornar tais ideias ações concretas. O primeiro obstáculo é encarar o conservadorismo doutrinal. Algo que tenta minimizar Francisco, considerando-o "apenas" pastoral e pouco teológico. "É assim que se chega a um grande mal-entendido no espaço doutrinal da Igreja", destaca, ao apontar que a pastoralidade não é contrária à ideia de doutrina.

Já o professor doutor Faggioli, da University of St. Thomas, EUA, buscou entender o atual pontificado pela perspectiva da historicidade. Por isso foi até o conclave que elegeu Bento XVI, e que teve Bergoglio entre os votados. São momentos significativos para se entender Francisco que, enquanto cardeal que perdeu o conclave, teve um tempo de preparação e maturação. Como se visse os desafios da Igreja, avaliasse as posturas de Ratzinger e pensasse como agiria naquela situação. "Por isso digo que Francisco foi um presente de Bento. E digo, também, que Bergoglio de 2013 é diferente do conclave anterior", avalia.

Leia mais em http://bit.ly/1FkguVQ

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

IHU ON-LINE

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

IHU em Revista

Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas Unisinos entre os dias 02-06-2015 e 08-06-2015

Escola Ibérica da Paz. A consciência crítica da conquista e da colonização da América

Minicurso: Com que Direito? Contribuições da Escola Peninsular da Paz
Conferencista: Profa. MS Sílvia Silveira Loureiro – Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Minicurso: A Consciência Crítica na Colonização da América
Conferencista: Prof. Dr. Pedro Simões Calafate – Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal
Horário: 14h às 17h
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Saiba mais em http://bit.ly/1G39ZMO

Lançamento do Livro *A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora (Século XVI)*, de Pedro Calafate

Conferencistas: Prof. Dr. Pedro Calafate – Universidade de Lisboa – Portugal
Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino – UNISINOS
Prof. Dr. Vicente Barretto – UNISINOS
Horário: 19h às 21h30min
Local: Galeria Cultural da Biblioteca
Saiba mais em http://bit.ly/1FHECHm

Exposição com quadros de estudantes portugueses e espanhóis, relatando o pensamento da Escola Ibérica da Paz

Local: Galeria Cultural da Biblioteca – UNISINOS
Saiba mais em http://bit.ly/1G39ZMO

Escola Ibérica da Paz. A consciência crítica da conquista e da colonização da América

Minicurso: A Tradição Jesuíta no Brasil Colonial
Conferencista: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues – UNISINOS
Minicurso: A Contribuição da Escolástica Ibérica ao pensamento econômico
Conferencista: Prof. Dr. Alfredo Culleton – UNISINOS
Horário: 14h às 17h
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Saiba mais em http://bit.ly/1G39ZMO

O uso do corpo, a filosofia das formas de vida na obra de Giorgio Agamben

Conferencista: Prof. Dr. Selvino José Assmann – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Horário: 19h30min às 22h
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Saiba mais em http://bit.ly/1GGNSug

ENTREVISTA DE EVENTOS

A dignidade da pessoa humana como fundamento da comunidade internacional

Pedro Calafate apresenta o surgimento e o pensamento defendido pela Escola Ibérica da Paz nos séculos XVI e XVII

Por Ricardo Machado

"Em matéria de soberania e liberdade, vale tanto a coroa de penas como a de ouro e tanto o arco como o cetro", escreveu o jesuíta Antônio Vieira ainda no século XVII. No mesmo período, mais precisamente entre os séculos XVI e XVII, a Escola Ibérica da Paz, que reunia uma série de mestres renascentistas, também tratava a ciência jurídica medieval a partir de pressupostos menos teocráticos e mais humanistas.

Ao discutir o livro *A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora - Séculos XVI e XVII* (Coimbra: Almedina, 2015), Pedro Calafate, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, descreve a obra. "Trata-se de momentos relevantes da doutrina ibérica da paz e dos mais esclarecedores comentários sobre as relações entre infiéis e cristãos, sociedade e pessoa humana, formas de associação, fundamentação democrática do poder civil, relações entre os poderes do Estado e da Igreja, nação e comunidade internacional, natureza ministerial do Estado, direito de resistência ativa, objeção de consciência, princípio de autodeterminação dos povos, limitação do poder do imperador romano-germânico e crítica à tradição decretalista da teocracia", explica.

O momento histórico de expansão ultramarina dos países ibéricos, Espanha e Portugal, suscitou questões relacionadas ao reconhecimento e ao direito do outro, que eram povos absolutamente distintos aos europeus. Já à época, mais ainda hoje, uma questão presente no Direito Internacional, levar em conta os danos à cultura dos povos descobertos era um ponto importante. "Outra questão não menos relevante era a da equação dos danos que tal intervenção pudesse causar: se os danos dessa intervenção fossem maiores que os males que se pretendia evitar, devia prevalecer um juízo de prudência. Repare-se que esta questão coloca-se ainda hoje com toda a evidência, e o juízo de prudência tem cada vez mais que ser reforçado e garantido pela multilateralidade da decisão", destaca.

Pedro Calafate é licenciado em História, metre e doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dedicou-se a estudar os autores portugueses. Dirigiu a publicação *da História do Pensamento Filosófico Português* (Ed. Caminho, Lisboa, 1999-2004, cinco volumes), o primeiro grande trabalho de âmbito universitário realizado neste domínio. É co-coordenador da edição das *Obras Completas do Padre António Vieira* (Círculo de Leitores, Lisboa, 2013), cujos três primeiros volumes já foram publicados no Brasil pela Editora Loyola.

O Programa de Pós em Graduação em Filosofia da Unisinos realiza entre os dias 2 e 3 de junho o evento **Escola Ibérica da Paz. A consciência crítica da conquista e da colonização da América**, em que Pedro Calafate apresentará a conferência *A Consciência Crítica na Colonização da América* e o lançamento do livro *A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora - Séculos XVI e XVII* (Coimbra: Almedina, 2015). Mais informações em http://bit.ly/1d3tojt. O Instituto Humanitas Unisinos é apoiador do evento.

Confira a entrevista.

> ***Em matéria de soberania e liberdade, vale tanto a coroa de penas como a de ouro e tanto o arco como o cetro***

IHU On-Line - Sobre o que se debruçam e o que discutem os dois volumes do livro A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora - Séculos XVI e XVII (Coimbra: Almedina, 2015)?

Pedro Calafate - No primeiro volume trata-se do resgate de textos inéditos, até então manuscritos e em latim, das lições dos mestres renascentistas das Universidades de Coimbra e Évora (Pedro Simões, Luís de Molina, Fernando Pérez e António de São Domingos) sobre as questões da guerra e da paz, pensadas em estreita articulação com os problemas éticos, políticos, jurídicos e teológicos da edificação dos impérios peninsulares.

Partindo da reflexão de S. Tomás de Aquino[1] sobre as matérias da guerra, estes textos acabaram por se constituir numa apologia da paz, pela afirmação da legitimidade das soberanias indígenas, do primado da solidariedade sobre a soberania, da Razão da Humanidade sobre a Razão de Estado e da consciência sobre a vontade. Nestes manuscritos se vislumbra, sob influência da Escola de Salamanca, fundada por Francisco de Vitória,[2] a construção de um *jus gentium* que não se circunscreve à esfera restrita dos interesses estatais, afirmando a dignidade da pessoa humana como primeiro fundamento da comunidade internacional.

No segundo volume traduzimos pela primeira vez em língua portuguesa a obra de três eminentes professores das mesmas Universidades (Martín de Azpilcueta,[3] Martín de Ledesma, Francisco Suárez[4]), ao longo dos séculos XVI e XVII, atinentes à ciência jurídica medieval e moderna. Trata-se de momentos relevantes da doutrina ibérica da paz e dos mais esclarecedores comentários sobre as relações entre infiéis e cristãos, sociedade e pessoa humana, formas de associação, fundamentação democrática do poder civil, relações entre os poderes do Estado e da Igreja, nação e comunidade internacional, natureza ministerial do Estado, direito de resistência ativa, objeção de consciência, princípio de autodeterminação dos povos, limitação do poder do imperador romano-germânico e crítica à tradição decretalista da teocracia.

Dedicamo-nos também à tradução do original latino da obra que o professor da Universidade de Évora Fernando Rebelo escreveu, em 1608, sobre os títulos legítimos e ilegítimos da escravatura, em busca da sempre difícil conciliação entre a tese da igualdade natural dos homens e a escravatura legal, partindo daí para a condenação do tráfico negreiro dos portugueses na África, rumo ao Brasil, que considerou ilegítimo, por desrespeitar os títulos jurídicos então estabelecidos.

Procuramos anteceder cada um destes volumes por estudos introdutórios suficientemente esclarecedores, não só sobre a matéria dos textos agora transcritos, traduzidos e publicados, mas também sobre a sua importância e atualidade na elaboração de um *jus gentium* verdadeiramente universal, muito para além de um *jus inter gentes* fragmentário, protegido pelo consentimento, como hoje, em termos práticos, ainda sucede.

Estamos perante uma tradição escolástica que fez assentar o direito num quadro *principista*, próprio do jusnaturalismo, e não num quadro voluntarista e positivista, triunfante desde meados do século XVII, sobretudo depois de Westfália[5] (1648), até 1945.

O primeiro volume, por se fundar na transcrição paleográfica e tradução de manuscritos latinos, é bilíngue, latim/português. Já o segundo volume, por incidir na tradução de textos latinos impressos nos séculos XVI e XVII, inclui apenas a tradução portuguesa.

IHU On-Line - De que forma a Escolástica das Universidades Ibéricas, sobretudo de Coimbra e Évora, nos séculos XVI e XVII ques-

1 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Francisco de Vitória** (1483-1512): teólogo espanhol neoescolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada "Escola de Salamanca", sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Martin de Azpilcueta** (1492-1586): um dos mais importantes intelectuais do seu tempo. Em 1509 ele começou a estudar filosofia e teologia na Universidade de Alcalá, por ordem do imperador foi para a Universidade de Coimbra (Portugal). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Francisco Suárez** (1548-1617): padre jesuíta, teólogo, filósofo e jurista espanhol, conhecido também como Doctor Eximius. Na escolástica fundou uma escola que recebe seu nome, o suarismo, independente do tomismo. De suas obras, destacam-se *Disputationes Metaphisicae*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Paz de Westfália** (século XVII): conjunto de tratados de paz, assinados entre 15 de maio e 24 de outubro de 1648, que pôs fim a Guerra dos 30 Anos em que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618. As motivações dos conflitos eram rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. (Nota da **IHU On-Line**)

tionaram os fundamentos éticos, jurídicos e políticos da conquista e colonização da América?

Pedro Calafate - Conciliando a origem divina do poder temporal com a tese da soberania inicial do povo, consideravam estes mestres jesuítas e dominicanos que Deus era a origem do poder temporal enquanto autor da natureza social do homem, e que quem dá a natureza de uma coisa dá também o que dela se segue. Ora, como o homem não pode realizar a sua natureza social sem um poder temporal ou civil instituído, pode então dizer-se que Deus é a causa universal do poder temporal. Todavia, Deus não é a causa próxima e imediata do poder com que os reis governam, pois este lhes é transferido ou conferido pela comunidade dos homens, no qual naturalmente radica. Partindo de teses sugeridas por Tomás de Aquino, considerava-se que todas as entidades dotadas de fim próprio deveriam possuir as faculdades necessárias para o atingir e realizar e que sendo a comunidade uma entidade, cujo fim próprio é o bem comum, deveria também possuir, constitutivamente, as faculdades necessárias para o realizar. Logo, o poder era constitutivo das comunidades humanas formadas pelos homens em qualquer parte do orbe, radicada na natureza social dos homens e na razão natural.

Ora, quando se fala aqui de *natureza*, para qualificar o direito, invocamos um referencial de universalidade, de inteligibilidade, de ordem e de racionalidade que a todos aproxima numa base comum, estabelecendo direitos e deveres universais e, por isso, iguais para todos.

Portanto, eram da mesma natureza o poder com que os reis governavam e o poder com que poderiam governar-se a si próprias as cidades livres, não podendo impor-se unilateralmente o quadro ou modelo de soberanias imperante numa determinada parte do mundo, porque quando um povo não possuía chefe ou guia ele era o seu próprio guia e chefe.

Logo, pensava-se a legitimidade do domínio de jurisdição e propriedade, bem como os demais direitos naturais à preservação da vida, integridade física, autodefesa e dignidade, em termos universais, independentemente da fé ou da caridade, do grau de desenvolvimento cultural ou civilizacional, do local do mundo em que se exerçam, da raça, da cor e dos costumes razoáveis.

E se o domínio de jurisdição e posse era constitutivo das comunidades humanas livremente formadas pelos homens em todo o orbe, só poderia compreender-se o domínio de um povo pelo outro em caso de guerra justa ou de eleição e livre consentimento, expresso sem temor ou ignorância. Sucede que a guerra justa era, sobretudo, a resposta a uma agressão e a uma grave injúria, e como os povos americanos não tinham agredido os europeus nem os tinham injuriado gravemente, concluía-se que quando as armadas espanholas chegaram à América, nenhum direito levavam para ocupar aquelas terras, escravizar os seus moradores e espoliar os seus bens.

> *Trata-se de momentos relevantes da doutrina ibérica da paz*

Como dizia Martín de Azpilcueta em Coimbra, em 1548, as leis imperiais não podiam suprimir as providências naturais. Logo, onde houvesse comunidades organizadas politicamente, a transferência de domínio tinha que fundar-se em títulos jurídicos justos (livre aceitação ou guerra justa) e não foi isso que sucedeu.

Em conclusão, o império era uma expectativa jurídica dependente de um pacto entre livres.

IHU On-Line – Qual era a questão de fundo que estava em jogo naquela época?

Pedro Calafate - Era o reconhecimento de que o direito das gentes era verdadeiramente universal, e por isso era necessário tratar estas questões da relação entre povos de coordenadas culturais e civilizacionais distintas fora do contexto estrito do direito positivo nascido das realidades europeias, transferindo-o para o direito natural, que era o fundamento do direito das gentes e, mesmo, retirando-o do controle estrito dos juristas, passando-o para a esfera bem mais ampla e abrangente dos teólogos, bem mais capazes de se alçarem às questões éticas, antropológicas e metafísicas subjacentes.

Passávamos, então, a abordar a diversidade dos homens à escala da redondeza da terra, na base de um direito igualmente válido para todos os lugares e tempos, afirmando um sistema de convivência humana independente de crenças e formas de organização política, a todos aproximando na base da razão natural e da comum paternidade divina. Sublinho muito este aspecto porque o direito internacional que viria a triunfar posteriormente, a partir de Westfália, não era verdadeiramente universal, e tinha como modelo o quadro civilizacional europeu e as suas soberanias estatais, impondo o seu domínio aos povos considerados mais atrasados.

De modo que, com o passar do tempo, com a afirmação do individualismo de viés liberal ou do absolutismo estatal, os escolásticos ibéricos ficaram em terra de ninguém, pois nem eram liberais nem absolutistas, verificando-se um claro retrocesso ou involução rumo a um direito internacional estadocêntrico, em que os indivíduos e povos

são *objeto da proteção* que os Estados lhes concedem e não *sujeitos de direitos* naturais inalienáveis; em que os direitos humanos dizem apenas respeito a indivíduos e não já também a povos e comunidades; em que, fora do quadro das soberanias estatais estabelecidas na Europa, o mundo ultramarino passa a ser *res nullius*; em que o direito internacional passa assentar numa ideia de equilíbrio entre os Estados europeus e não num exercício da razão universal em face da diversidade dos povos; em que a ordem internacional vigente entre as potências europeias assentava na exclusão de todos os não europeus e em que as rivalidades entre potências europeias no Novo Mundo não eram analisadas à luz das regras que regulavam os conflitos entre essas potências na Europa.

Vários Mundos

Havia, pois, vários mundos dentro do nosso mundo, marcados por relações de domínio e de imposição de modelos civilizacionais, legitimando a guerra pela hegemonia e pelo domínio. Acresce que as teorias escolásticas dos mestres peninsulares abriam ainda o necessário espaço conceitual para equacionarmos a *titularidade coletiva de direitos*, ao nível do povos e comunidades, de tanta importância nos nossos dias, no contexto da diversidade dos povos americanos.

Portanto, do lado dos autores ibéricos, a ideia fundamental, tal como a definia Francisco Suárez no seu tratado *Das Leis,* era a de que o poder dos príncipes pagãos, em si mesmo, não era de menor nem de distinta natureza do poder dos príncipes cristãos, pois tinham a mesma natureza e o mesmo fim. Todavia, como ensinava Luis de Molina em Évora, no *De iustitia et Iure* (1593), fundado em Tomás de Aquino, a graça não contraria a natureza, mas a aperfeiçoa, logo: o poder dos príncipes cristãos é mais perfeito do que o poder dos príncipes pagãos. Mas dizer isto não era o mesmo que defender a imposição desse maior grau de perfeição pela força, porque o cristianismo era uma religião de paz, e Cristo enviou os seus apóstolos como ovelhas entre lobos, e não como lobos entre ovelhas.

> ***Se os danos dessa intervenção fossem maiores que os males que se pretendia evitar, devia prevalecer um juízo de prudência***

IHU On-Line – O que foi e como funcionava o princípio de intervenção humanitária em defesa dos direitos naturais dos homens?

Pedro Calafate - Em linguagem dos nossos dias diríamos tratar-se da gênese da consagração do princípio da titularidade jurídica internacional do ser humano, no quadro de direitos que não sofrem prejuízo com base em argumentos de relativismo cultural, tão ao jeito da conveniência dos poderosos e sempre propalados pelo positivismo jurídico. Por outras palavras: a pessoa humana é *sujeito* de direito tanto interno como internacional.

Era, no fundo, uma consequência da tese da universalidade do gênero humano, marcada pelo sentimento de pertença a uma comunidade universal de que emergem direitos e deveres para todos, nomeadamente o direito à vida dos inocentes (não condenados à morte em punição de um crime à luz do direito) e o dever de socorro e prestação de auxílio. Neste contexto e em situação de grave violação dos direitos da pessoa humana, ninguém está sozinho, pois essa mesma dignidade de cada um de nós é o fundamento da comunidade internacional.

Queria isto dizer que antes de sermos cidadãos de um Estado ou súditos de um príncipe todos éramos cidadãos do mundo, criados à imagem e semelhança de Deus, por não haver para Ele, como dizia S. Paulo, distinção entre judeu e grego. Então, os nossos direitos não eram apenas aqueles que o Estado nos quisesse conceder, não dependiam da vontade do Estado, mas da consciência jurídica universal que, como sempre diz o Professor Cançado Trindade[6] em seus numerosos votos na Corte Interamericana de Direitos Humanos - CIDH, é a fonte material última de todo o Direito.

Acima dos Estados, acima da vontade do príncipe há uma autoridade universal que, à falta na época de instituições que a exercessem e representassem, radicava na consciência de cada homem. Se os súditos de um príncipe fossem injustamente supliciados e violados nos seus direitos naturais, quem pudesse intervir e não o fizesse atentava contra si próprio, porque a agressão a um ser humano era também uma agressão ao gênero humano a que todos pertencíamos. Pela mesma razão, qualquer Estado poderia e deveria intervir militarmente contra outro, em defesa dos súditos deste último injustamente supliciados.

Todavia, os mestres jesuítas de Coimbra e Évora tinham o cuidado de alertar que essa intervenção tinha exclusivamente como fim o restabelecimento da dignidade humana e não o domínio dos bens do Estado ou comunidade invadidos. Ou seja,

6 **Antônio Augusto Cançado Trindade** (1947): jurista brasileiro, membro do Tribunal Internacional de Justiça, com mandato de 2009 a 2018. É graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, mestre em Direito Internacional pela Universidade de Cambridge e doutor em Direito Internacional pela mesma instituição. É professor titular na Universidade de Brasília - UnB desde 1978 e do Instituto Rio Branco desde 1979. Foi juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos entre 1994 e 2008, ocupando sua presidência entre 1999 e 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

a causa e a intenção da guerra tinha que ser claramente definida e legítima, e a defesa dos direitos da pessoa humana não poderiam ser pretexto para alargamento do império e da luta pelas hegemonias.

Outra questão não menos relevante era a da equação dos danos que tal intervenção pudesse causar: se os danos dessa intervenção fossem maiores que os males que se pretendia evitar, devia prevalecer um juízo de prudência. Repare-se que esta questão coloca-se ainda hoje com toda a evidência, e o juízo de prudência tem cada vez mais que ser reforçado e garantido pela multilateralidade da decisão.

IHU On-Line – O que estava se discutindo, à época, sobre a ordem internacional e os limites à soberania do Estado? O que era, exatamente, o "bem comum universal" defendido pela Escola Ibérica?

Pedro Calafate - Tudo depende do modelo de homem e da reflexão filosófica e teológica sobre a dignidade e finalidade da vida humana. Ao nível do poder temporal e da vida em comunidade, o fim a alcançar era o da paz, a paz universal. A paz de cada um consigo, do próximo com próximo, do reino com reino e do reino com o império (se fosse esse o caso). Essa paz era a condição da felicidade dos homens, mas não era uma paz podre, imposta aos fracos pelos tiranos. Por isso se dizia justiça e paz e não paz e justiça, pois, dado que a política não era independente da ética, primeiro estava a justiça e só depois a paz.

Não se tratava, pois, de uma felicidade fugaz, dependente da espuma dos dias e da leveza do que desdura: o bem comum universal era a paz universal, fundada na justiça, logo, com forte enquadramento ético.

O desrespeito pela justiça levava assim a equacionar o direito de resistência armada, pois não estava vedado aos cristãos empunharem a espada em defesa do que era justo, ou seja, em garantia das condições da paz. Cristo ao ordenar a Pedro que embainhasse a espada estava apenas a invocar a lei vigente entre as autoridades que naquele momento o prendiam, não estava a condenar em absoluto o uso da espada em defesa da justiça. Aliás, como dizia o Padre Antônio Vieira,[7] o próprio Cristo, ao esmagar o Demônio, enquanto usurpador dos reinos da terra, exerceu plenamente esse direito de resistência à tirania, contra um tirano por usurpação.

> ***Em conclusão, o império era uma expectativa jurídica dependente de um pacto entre livres***

IHU On-Line - Qual a importância da península Ibérica para o surgimento do conceito de Comunidade Internacional? Como essa ideia se constitui em um dos conceitos base à modernidade?

Pedro Calafate – É, sobretudo, o da consagração do princípio da jurisdição universal, fundada numa ideia de justiça objetiva. Foi talvez Francisco de Vitória quem mais contribuiu para esta ideia ao defender na sua *Relectio de Indis*, proferida em Salamanca na década de trinta do século XVI, que o orbe inteiro deve ser considerado como "uma única República" à qual devemos reconhecer poderes para promulgar leis justas para todos os povos, como eram as leis do direito das gentes. Para Vitoria, o direito das gentes (falando em gentes no sentido de nações) fora promulgado pela "*autoridade de todo o orbe*", uma autoridade virtualmente instituída, baseada na consciência jurídica universal. Como ensinava Suárez, em Coimbra, a consciência era a obra da razão que nos diz se agimos bem ou mal consoante nos aproximamos ou distanciamos do ditame natural da "*recta ratio*", de matriz ciceroniana.

Portanto, não era lícito a um reino particular não querer ater-se ao direito das gentes e, ao contrário do que defenderam depois os chamados fundadores do direito internacional, como Pufendorf,[8] a comunidade internacional não estava fundada sobre os interesses privados das partes que a compõem.

Em 1560, o jesuíta Martín de Ledesma ensinava em Coimbra que se a guerra fosse útil a uma república ou reino em detrimento e com prejuízo de todo o orbe, essa guerra seria, por isso mesmo, injusta e não poderia ser tolerada. Se compararmos estes princípios com os que vingaram no direito internacional na Europa a partir de meados do século XVII, veremos o retrocesso e a involução que se efetuou.

7 **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia as invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da **IHU On-Line**, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*, disponível em http://bit.ly/ihuon244. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Samuel Pufendorf** (1632-1694): jurista alemão. No campo do direito público, ensina que a vontade do Estado é a soma das vontades individuais que o constituem e que tal associação explica o Estado. Nesta concepção *a priori*, Pufendorf demonstra ser um precursor de Jean-Jacques Rousseau e do "contrato social". Defende a noção de que o direito internacional não está restrito à cristandade, mas constitui um elo comum a todas as nações, pois todas elas formam a humanidade. (Nota da **IHU On-Line**)

Sublinho ainda este primado da autoridade universal baseada na consciência na afirmação de outro princípio essencial: o da objeção de consciência. A esta luz, qualquer soldado, por mais baixa que fosse a sua condição, poderia e deveria recusar-se a combater se estivesse plenamente convicto de que a guerra era injusta. Logo, não poderia, neste caso, invocar o cumprimento de ordens superiores para se escusar de crimes contra o gênero humano.

Se assim não fosse, também poderíamos escusar os soldados que crucificaram Jesus Cristo.

Quem parte para uma guerra contra a autoridade universal do orbe, ou seja, contra as leis do direito das gentes e contra os princípios da justiça, e disso esteja convicto e suficientemente informado, parte para matar inocentes, logo será sempre culpado, tanto no foro externo como, sobretudo, no foro interno da consciência.

IHU On-Line - Que princípios teológicos, filosóficos e jurídicos orientavam a relação entre povos e culturas civilizacionais tão distintas, como europeus, americanos e africanos? Como a Escola Ibérica da Paz os colocou em causa?

Pedro Calafate - Num enunciado rápido dos princípios de larga vigência a que se opuseram os autores a que nos estamos a referir, e deixando para mais tarde a questão do poder universal do papa, poderia enunciar: os povos menos cultos e menos civilizados podem ser dominados por outros povos mais cultos, à luz do princípio da escravatura natural desenhado por Aristóteles[9] na política; se a guerra justa é a resposta a uma ofensa grave, sendo a idolatria uma ofensa a Deus, podem os cristãos vingar tais ofensas recorrendo à guerra; os crimes contra a natureza comum dos homens, como o canibalismo, a poligamia, a homossexualidade, a sodomia ou a morte de inocentes para serem sacrificados aos ídolos e outros pecados desta natureza são também uma ofensa ao gênero humano que pode ser impedida pela guerra; a escravatura dos africanos e o seu envio à América pode ser justificado com base no argumento da salvação e do batismo; se um povo impedir pela força o *jus praedicandi*, ou seja, o direito de evangelização universal concedido por Cristo aos seus Apóstolos, pode o papa invocar o auxílio do braço armado dos príncipes cristãos; em ordem à eficácia da evangelização, cumpre conquistar primeiro e evangelizar depois.

> ***A ideia fundamental era a de que o poder dos príncipes pagãos, em si mesmo, não era de menor nem de distinta natureza do poder dos príncipes cristãos***

Com mais ou menos intensidade, todos estes princípios foram objeto de forte crítica. Nenhum destes autores, que eu saiba, concordou com a interpretação mais gravosa do texto de Aristóteles sobre a escravatura natural. O jesuíta Joseph de Acosta[10] chegou a dizer que a este respeito Aristóteles não falou como filósofo, mas como adulador de Alexandre o Grande. Domingo de Soto entendia que o Estagirita estava se referindo a certos homens que viviam nas cercanias das comunidades humanas, à maneira de feras, sem respeitarem as leis ou os pactos, podendo estes ser "repelidos pela força" ou, em alternativa, "submetidos à ordem" para que não invadissem o que é alheio por onde quer que passassem. Las Casas perguntava a Sepúlveda se lhe parecia justo e razoável que os romanos, sendo mais cultos que os hispanos quando invadiram a Península, reduzissem os seus avós à escravatura com base nesse argumento de Aristóteles? Isto porque os princípios que se aplicam no continente europeu são os mesmos que se aplicam ao conjunto dos povos do orbe.

Quanto à ofensa a Deus pela idolatria, cumpre apenas a Deus castigá-la e a nós só nos deu o direito de responder a ofensas perpetradas contra nós próprios. Dizer o contrário seria não reconhecer a grandeza e onipotência de Deus.

No que se refere aos crimes contra a natureza comum do gênero humano, apenas se reconhecia o direito de intervir contra a morte de seres humanos inocentes ou para serem comidos ou para serem sacrificados aos ídolos. Quanto aos demais crimes, que também eram praticados na Europa, não constava que o rei de Espanha pudesse atacar a França em punição de crimes desse gênero.

Enviar escravos negros, sem título justo de escravatura, para a América, com o argumento de que se salvarão ao serem batizados,

9 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas — por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **José de Acosta** (1539–1600): foi um jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol que foi para o Peru em 1571. Desempenhou trabalhos missionários na América, regressando à Espanha em 1587. Escreveu *Historia Natural e Moral das Índias*, em 1590. (Nota da **IHU On-Line**)

significava praticar o mal para obter o bem, contrariando os princípios evangélicos.

Quanto ao *jus praedicandi*, não cumpre conquistar primeiro para evangelizar depois, porque a fé resulta de uma aceitação livre e consciente de cada homem. E, como defendia Francisco Suárez, se o direito de evangelizar for obstaculizado pela força, poderíamos removê-lo pela força apenas se fosse parte da comunidade a erguer esse obstáculo, mas se fosse a totalidade da comunidade, não. Outros autores foram mais radicais, como Las Casas ou António de São Domingos em Coimbra. Este último defendia que o direito de evangelização universal, não sendo um direito plenamente natural, não podia ser imposto, pois devíamos reconhecer o direito aos povos americanos de não se convencerem por argumentos não estritamente naturais, os quais definiam a base comum de entendimento inicial entre povos tão distintos.

IHU On-Line – Quais eram os principais nomes da Escola Ibérica da Paz? Como surgiram? Quais foram seus papéis?

Pedro Calafate - Penso que poderíamos remontar ao sermão do 4º Domingo do Advento, proferido na igreja de Santo Domingo, na Ilha Espanhola (hoje República Dominicana e Haiti). Um sermão sublime, onde o frade dominicano se questionava sobre o direito que legitimava a escravatura daqueles povos, dando claramente a entender que o mesmo não existia. Mais tarde, em 1535, o catedrático de Salamanca e teólogo do rei em Trento, dirigindo-se aos seus alunos em Salamanca, fazia exatamente a mesma pergunta: "Se me perguntarem com que direito mantemos sobre nosso domínio os territórios ultramarinos que recentemente temos descoberto, respondo: — Na verdade não sei". Assim escreveu na sua *Relecto de Dominio* (1535).

Mas são as *Relectiones* de Francisco de Vitória, sobre a guerra, o poder civil e os índios, proferidas nos anos de trinta do século XVI também em Salamanca, que dão a pauta desta consciência de colapso ético no que se refere ao desrespeito pelas normas universais do direito das gentes. Vitória foi secundado por Domingo de Soto em Salamanca e outros se seguiram, ao longo de várias gerações (Diego de Covarrubias,[11] Melchor Cano,[12] Juan de la Peña,[13] Vasquez de Menchaca,[14] entre outros). Na América destacaram-se os missionários como Joseph de Acosta, Las Casas, Vieira, ou ainda o professor da Universidade do México Alonzo de Veracruz,[15] a par de Juan Zapata y Sandoval,[16] este último bispo da Guatemala (1630). Em Portugal, nas cátedras de Coimbra e Évora destacaram-se Martín de Azpilcueta, Martín de Ledesma, Francisco Suárez, Luis de Molina, Fernão Rebelo, Pedro Simões e António de São Domingos.

Na Espanha prevaleceu a ordem de São Domingos e em Portugal os jesuítas. A todos unia a tese de que o Deus da paz e do perdão não enviaria os cristãos para derramarem o sangue dos que não comungavam na sua Igreja e de que importava fazer o que era justo, mas de maneira justa.

IHU On-Line - Qual a relevância dos intelectuais jesuítas no período?

Pedro Calafate - Em 1555 o rei de Portugal, João III, entregou o Colégio das Artes de Coimbra à Companhia de Jesus, expulsando os mestres bordaleses que então nele ensinavam. Tal fato marcou uma viragem decisiva da política cultural da coroa, no contexto do que se viria a designar como contrarreforma. Poucos anos depois seria fundada, em 1559, a Universidade de Évora, claramente marcada pela matriz jesuítica. Assim, os mestres da Companhia de Jesus se estabeleceram no coração de Coimbra e Évora e marcaram decisivamente, até à sua expulsão por Pombal, em 1759, o saber academicamente institucionalizado em Portugal.

IHU On-Line – Que tensionamentos surgiram entre os autores da Escola Ibérica da Paz e a Igreja, sobretudo na restrição dos poderes do Papa para com os povos indígenas, por exemplo?

Pedro Calafate - Estes autores não eram defensores da teocracia, ou seja, para eles o Papa não era o detentor pleno das duas espadas. Possuía apenas poder espiritual sobre os batizados, poder temporal direto sobre os estados papais e poder indireto sobre as coisas temporais em ordem ao fim espiritual, desde que este fim se perspectivasse *direta e principalmente*; não possuía poder espiritual sobre os não batizados; não possuía poder temporal direto, nem sobre os cristãos nem sobre os não cristãos.

Neste sentido era constantemente invocada a afirmação de São Paulo (I Cor 5) quando dizia não possuir autoridade sobre "*os que estão de fora*". Então, também o Papa não podia jugar os que estão de fora, que eram, neste caso, os

11 **Diego de Covarrubias y Leyva** (1512-1577): jurista, político e eclesiástico espanhol. Representante da Escola de Salamanca em sua época de ouro. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Frei Melchior Cano** (1509-1560): teólogo espanhol nascido em Tarancón, em Castela, entrou na Ordem dos Pregadores no convento de Salamanca onde em 1546 sucedeu a Francisco de Vitória na cátedra de teologia. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Juan de la Peña** (1513-1565): foi um teólogo dominicano espanhol e professor da Universidade de Salamanca. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Fernando Vazquez de Menchaca** (1512-1569): foi um jurista espanhol e humanista. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Alonso Gutierrez** também conhecido como **Fray Alonso de la Vera Cruz** (1507-1584): foi a figura mais importante da filosofia no México durante o século XVI. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Juan Zapata y Sandoval**: nascido na Cidade do México, entrou para a Ordem de St. Augustine no College of San Pablo do México, onde recebeu a formação teológica e jurídica. Em 1602 foi para a Espanha, onde foi Reitor do Colégio de San Gabriel de Valladolid. Foi consultor científico e humano para o Rei. Eleito bispo de Chiapas, em 1612, ele foi promovido a arcebispo de Guatemala em 1622. (Nota da **IHU On-Line**)

povos estranhos à Cristandade, por não possuir autoridade sobre eles.

Em relação à Bula de Alexandre VI[17] (1493), o que o Papa podia conceder era o monopólio dos portugueses e espanhóis no envio de pregadores àquelas terras, e como para custear tal missão era necessário dinheiro, navios e proteção dos pregadores, determinava o Papa que, em virtude deste fim espiritual da evangelização e salvação daqueles povos, nenhum outro príncipe cristão aportasse àquelas terras, fosse para estabelecer relações comerciais, fosse para predicar o Evangelho. Podia ainda o Papa estabelecer um imperador naquelas terras na estrita condição de defensor único da Igreja naquilo que diz respeito aos assuntos espirituais, tal como o fez na Europa relativamente aos príncipes cristãos, sempre no pressuposto de que é legítimo o poder de um príncipe cristão sobre os fiéis ou infiéis que aceitem livremente reconhecê-lo como rei.

IHU On-Line – Qual a importância de Antônio Vieira na Escola Ibérica da Paz? De que forma se aproximava e se distanciava dos pressupostos teóricos e práticos desta escola?

Pedro Calafate - Para Vieira o Papa também não era senhor do mundo no espiritual e no temporal. O seu poder possuía os mesmos limites que acima enunciei. Também para ele os imperadores romanos, bem como os seus sucessores romano-germânicos não foram senhores do mundo inteiro, que, aliás, na sua maior parte lhes era desconhecido. A pregação universal teria que fazer-se pacificamente, o direito ao domínio de jurisdição e propriedade dos povos estranhos à fé teria que ser respeitado na sua legitimidade natural, e mesmo depois da conversão tal direito permanecia, pois assim como os Reis Magos vieram a Cristo como reis e reis partiram, assim deveria suceder aos demais povos que aceitaram Cristo: a fé não obriga em absoluto à vassalagem política, embora no caso de um príncipe cristão, tal se recomende.

Talvez o texto mais contundente de Vieira a este respeito seja o que proferiu em 1694, no colégio jesuíta de São Paulo, o *Voto sobre as Dúvidas dos Moradores de São Paulo*, ao dizer que assim como o espanhol ou o genovês, cativo em Argel, permanecia vassalo do seu rei e da sua república, assim não deixava de ser o índio posto que cativo, rematando no final uma afirmação extraordinária: "Em matéria de soberania e liberdade, vale tanto a coroa de penas como a de ouro e tanto o arco como o cetro".

Ou seja, o poder temporal e as soberanias de todos os povos e comunidades do mundo radicavam na razão natural, comum a todos. Portanto, o império universal por que se bateu seria o resultado de um acordo e pacto universal entre os reis e os príncipes dos povos previamente evangelizados.

Em todo o caso, permanecia como fator de ruído a questão da escravatura dos negros, que em vários momentos e circunstâncias defendeu, mas que em tantos outros também condenou. Partindo de uma fé única e universal de todos os povos através do conhecimento de Cristo, os reis e príncipes do mundo, que receberam dos povos o direito da paz e da guerra, reunir-se-iam para se submeterem a Deus, consumando-se o Reino de Cristo na terra.

Vieira vai além dos temas mais característicos da Escola Ibérica da Paz, pois o significado complexo da consumação do Reino de Cristo na terra extrapola esse domínio da Escola, pelo menos nos termos em que o expôs na *Clavis Prophetarum*, onde adquire uma dimensão privilegiadamente espiritual.

Em todo o caso, na *História do Futuro* e sobretudo na *Defesa Perante o Santo Ofício*, textos da década de sessenta, entende que, na sua dimensão política e temporal, o império universal resultaria de um pacto entre os reis, que concederiam a um imperador universal parte da soberania de que eram detentores, a fim de melhor se conservar a sempre custosa irmandade entre os homens. E mesmo depois dessa década, em escritos da década de oitenta e mesmo noventa, continuará a defender o império político do mundo e uma missão redentora para Portugal.

Em todos os casos, o império, tal como nos tempos medievais, era a expressão política da unidade entre os homens, a qual se projeta, sublimando-se, numa unidade ontologicamente superior, de natureza espiritual e religiosa. A sua expressão seria a paz, assente na justiça.

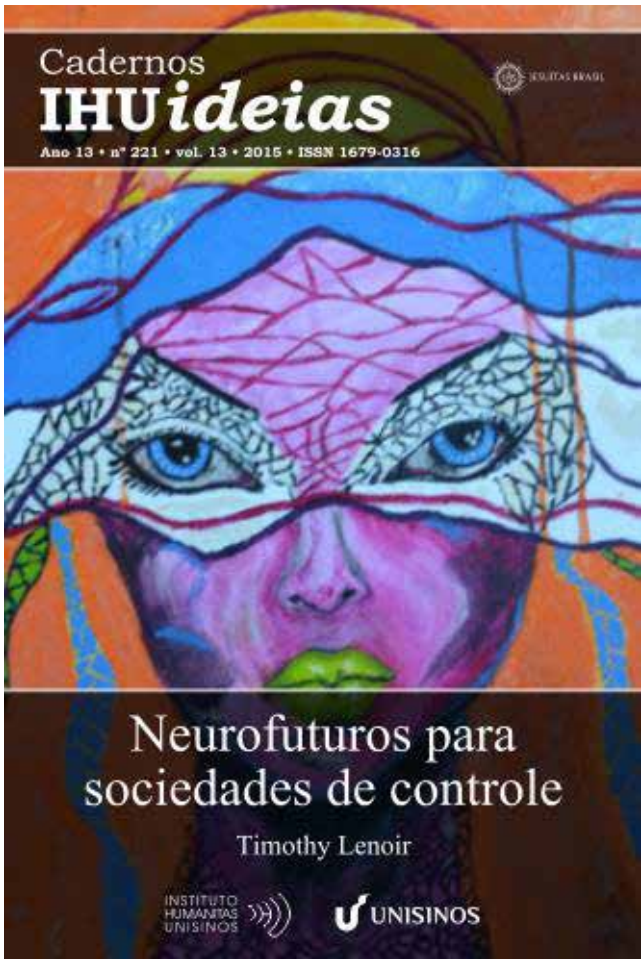
17 **São Francisco de Borja**: Bisneto do Papa Alexandre VI e de Fernando II de Aragão, era aristocrata espanhol. Foi governador da Catalunha até que, em 1546, larga tudo para ingressar na Companhia de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- **O imaginário antijesuíta em Portugal – Origens, Evolução e Metamorfose.** Entrevista com José Eduardo Franco publicada na IHU On-Line 458, 10-11-2015, disponível em http://bit.ly/1uEeBS2;
- **Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil.** Cadernos IHU ideias edição 220 de autoria de José Eduardo Franco, disponível em http://bit.ly/1PQ7NwI.

PUBLICAÇÕES

Neurofuturos para sociedades de controle



Cadernos IHU ideias, em sua 221ª edição, traz o artigo *Neurofuturos para sociedades de controle*, de Timothy Lenoir, atual ocupante da Cátedra J. Jenkins para Novas Tecnologias em Sociedade da Duke University.

Neste trabalho, são sistematizadas linhas de sinergia e convergência entre várias áreas da neurociência, genética, engenharia e mídia computacional, que deram origem a interfaces entre cérebro, computador e máquina, as quais podem estar mais próximas do que se imagina das visões radicais das sociedades de controle de Deleuze. Nas sociedades de controle o importante não é mais uma assinatura ou um número, mas um código. A linguagem numérica do controle é feita de códigos que marcam o acesso à informação ou o rejeitam. Inicialmente são abordadas as interfaces cérebro-máquina e neuroprotética terapêutica. Em seguida, é explorada a convergência do trabalho nas neurociências cognitivas, acerca do papel desempenhado pelo afeto na tomada de decisões e do alavancamento de mídias sociais de nova geração. Em consonância com a noção de Deleuze, de que a operação do mercado é o motor e instrumento primordial de domínio nas futuras sociedades de controle, são discutidos os esforços para aplicar no neuromarketing esse trabalho de mapear neurocircuitos e o afeto. De acordo com Lenoir, se essas especulações estiverem corretas, talvez nós queiramos ser cautelosos em investir nos "neurofuturos".

Esta e outras edições dos **Cadernos IHU ideias** podem ser adquiridas diretamente no **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Ou, ainda, na versão digital, disponível em http://bit.ly/1QMznYM.■

SALA DE CINEMA

Ensaio sobre as complexidades e desafios econômicos do Brasil em Um sonho intenso

Documentário de José Mariani faz um apanhado histórico do país para compreender nossa atual conjuntura

Por Ricardo Machado

Um sonho intenso (2014) é um filme para muitos que certamente será visto por poucos. O documentário revisita a história econômica, política e social do Brasil, começando por Getúlio Vargas, na década de 1930, e concluindo no final do governo de Lula, em 2010. Dirigido por José Mariani, que também fez "Cientistas Brasileiros - César Lattes e José Leite Lopes" (2002) e "O Longo Amanhecer - Cinebiografia de Celso Furtado" (2007), o filme reúne uma série de pensadores brasileiros, tais como Carlos Lessa, Francisco de Oliveira, José Murilo de Carvalho, Luiz Gonzaga Belluzzo e Maria Conceição Tavares, que desta vez compensa uma possível "autocensura" nos palavrões por inúmeros cigarros que fuma enquanto faz seus depoimentos.

Lançado *no Festival É tudo verdade 2014*, ***Um sonho intenso*** (2014) mantém a verve de José Mariani que busca compreender o Brasil a partir de um pensamento acadêmico profundo e histórico. Aí está o que há de melhor e pior em seu filme. O paradoxo que emerge é uma certa ausência de conflito interno entre os depoentes, que convergem todos a uma mesma perspectiva de abordagem. Por outro lado tem a seu favor análises absolutamente profundas de pessoas que conhecem de modo amplo as nuances que teceram, e tecem, a história do Brasil.

O documentário revisita a história econômica, política e social do Brasil

O grande trunfo do diretor foi não ter caído na sedutora "saída tecnocrática", apontando uma solução para o momento de crise que vivemos. O que o documentário apresenta é um profundo diagnóstico da atual situação econômica nacional que foi construída ao longo de mais de 80 anos. Para tanto a história do Brasil é recuperada para analisar os movimentos e escolhas políticas nacionais, passando por nossa industrialização tardia, a construção de empresas estatais, o alinhamento dos militares aos Estados Unidos em um momento de forte polarização internacional, deixando escapar a oportunidade do Brasil de ser uma via alternativa e protagonista no cenário mundial.

Depois, passa-se pelas mobilizações em torno da redemocratização, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, a Constituinte, a escolha econômica pelo liberalismo internacional e congelamento das poupanças na era Collor, o Plano Real, as privatizações e as tímidas políticas de transferência de renda no governo Lula. Ainda que os entrevistados façam uma crítica aos processos políticos e tecnológicos que desencadearam a diminuição do peso de indústria no Brasil, a opção econômica pela manutenção da hegemonia do sistema financeiro internacional, que já conta quase duas décadas, é pouco debatida.

Um Sonho Intenso

Direção: José Mariani
Ano: 2014
Gênero: Documentário
Nacionalidade: Brasil

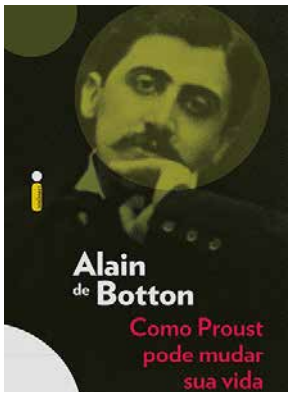
Cinematograficamente, ***Um sonho intenso*** (2014) é dinâmico, ágil, bem feito esteticamente. Entremeado por imagens aéreas e os clássicos enquadramentos com o entrevistado em primeiro plano, Mariani busca provocar uma certa sensação da complexidade que envolve as dimensões continentais do Brasil e as particularidades minúsculas nas análises individuais.

Um sonho intenso (2014) se inscreve na categoria de filmes que trazem uma interpretação do Brasil atual e que, por isso mesmo, deveria ser visto por muitos. O documentário, entretanto, não é exibido na maior parte das salas de cinema no Brasil. Em Porto Alegre, duas semanas após a estreia nacional, podia ser visto em apenas uma sala, no CineBancários. Os desafios da economia do Brasil se inserem num contexto tão complexo e amplo que afetam também a economia do audiovisual, restringindo a exibição de filmes como este. Em última medida, isso é só mais uma dimensão da lógica de desigualdade que se reflete em todos os campos, inclusive o do conhecimento.

Sala de Leitura

Leia as dicas de leituras de professores da Unisinos.

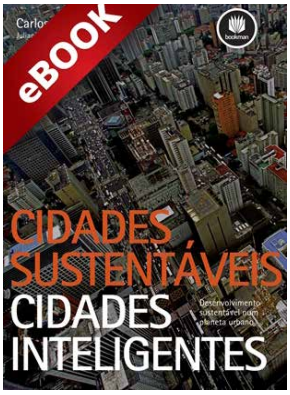
Botton. Alain de. Como Proust Pode Mudar Sua Vida. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.



NOME DO LIVRO PODE SER EM ATÉ DUAS LINHAS, EDITORA, ANO

"Há poucas coisas a que os seres humanos se dedicam mais do que a infelicidade", afirma Alain de Botton, inspirado no homem que escreveu um dos mais longos romances da história sobre como parar de desperdiçar a vida e começar a apreciá-la. Como Proust pode mudar sua vida é um ensaio sobre a trajetória e a obra de Marcel Proust para dialogar com o leitor a respeito de nossa existência. Dividido em nove partes que iniciam com a palavra "como" — amar a vida hoje, ler para si mesmo, não se apressar, sofrer com o sucesso, expressar suas emoções, ser um bom amigo, abrir os olhos, ser feliz no amor e abandonar os livros — Botton usa a dor do doente, sensível e problemático Proust para nos fazer refletir sobre a capacidade que temos ou não para lidar com as infelicidades. Mas a grande contribuição de Botton não é fazer um livro leve, ainda que perspicaz e de análise cuidadosa, mas sim ser uma ponte para *Em busca do Tempo Perdido*. Improvável ler Alain de Botton e não ter vontade de percorrer os sete apaixonantes volumes de Proust - porque esse sim, vai mudar sua vida (se você deixar).

Cybeli Moraes é professora nos cursos de Comunicação Social da Unisinos.



NOME DO LIVRO PODE SER EM ATÉ DUAS LINHAS, EDITORA, ANO

Leite, Carlos. Awad, Juliana di Cesare Marques. Cidades Sustentáveis Cidades Inteligentes. Porto Alegre: Bookman, 2012.

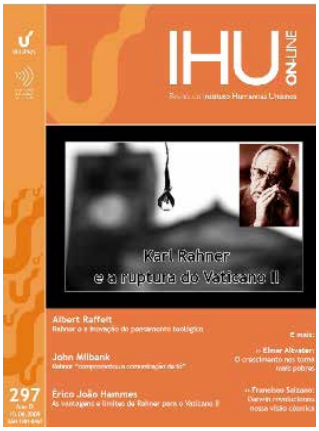
Com o contínuo crescimento das cidades e de suas demandas, torna-se enriquecedor ler este livro e conhecer um pouco mais das estratégias e ações que algumas cidades vêm utilizando para se reinventarem num cenário global competitivo. Também se encontrará o mapeamento de inúmeros projetos de impacto social e urbanístico em alguns territórios observados, além de uma compilação de depoimentos de profissionais, gestores e pesquisadores que se destacam na área. O conceito de cidades inteligentes é estruturado a partir de referências baseadas na inovação, sustentabilidade, criatividade e tecnologia, numa defesa consistente de que as cidades são o maior artefato já criado pelo homem, pois são e sempre foram objetos de desejos, desafios, oportunidades e sonhos. Nas palavras do autor, o livro busca lançar um pouco de luz nova no tabuleiro urbano, partindo da ideia central de que nada é pior do que um jogo não jogado, em que todos perdem, numa referência às cidades que pouco inovam ou que pouco se movimentam, não jogando e perdendo muito. Afinal, diz ele, novas ideias são formadas pela combinação das velhas ideias e da riqueza de inspiração dentro de áreas urbanas densas, que permitem a fertilização intelectual mais facilmente. Para quem se interessa pelo tema, o livro Cidades Sustentáveis Cidades Inteligentes é um excelente material de estudo e consulta.

Fabricio Tarouco é professor do Bacharelado em Design e pesquisador do PPG em Arquitetura e Urbanismo da Unisinos.

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II



Edição 297 - Ano IX - 15-06-2009

Disponível em http://bit.ly/1qbApmg

Desde o Concílio do Vaticano II, realizado há mais de 40 anos, a Igreja traçou novas perspectivas, renovou-se, marcou sua entrada oficial na modernidade. A construção desse novo paradigma contou com a participação de um dos teólogos mais importantes do século XX, Karl Rahner. Por ocasião do centenário de nascimento de Karl Rahner, em 2004, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o Simpósio Internacional sobre Teologia Pública. Agora, quando se celebra o 25º ano do falecimento do teólogo alemão, a edição de número 297 da **IHU On-Line** debate o legado da sua obra teológica que marcou a trajetória da Igreja.

Contribuem neste número Rosino Gibellini, John Milbank, Aeron Riches, Albert Raffelt, Érico João Hammes, João Batista Libânio, e Heidi Russell.

A crise capitalista e a esquerda

Edição 287 - Ano IX – 30-03-2009

Disponível em http://bit.ly/1FRELpQ

A crise internacional do capitalismo é o tema de capa da edição 287 da **IHU On-Line**. Nas edições anteriores a crise foi abordada, alternadamente, retomando as inspirações de J. M. Keynes e Karl Marx. Neste número publicado em 30-03-2009 o objetivo é buscar compreender o diagnóstico e os prognósticos que especialistas, identificados com o amplo campo da esquerda, descrevem. As contribuições de David Harvey, geógrafo marxista e autor do já "clássico" *A condição pós-moderna*, bem como de Robert Kurz, Reinaldo Gonçalves, Paul Singer, Ricardo Abramovay, Eric Toussaint, Michael Hardt, Mario Deaglio e James Petras, permitem visualizar os desafios que a crise internacional do capitalismo representa para a esquerda, hoje.

Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? *Gaudium et Spes*:40 anos

Edição 157 - Ano VII – 26-09-2005

Disponível em http://bit.ly/1F5R12h

O concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, foi um evento que ultrapassou as fronteiras eclesiais. Muitos estudiosos do tema partilham da opinião de que esse foi um dos maiores acontecimentos do século XX. Entre os documentos mais relevantes emanados das discussões do Concílio, foi a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que trata da presença da Igreja no mundo contemporâneo. A edição 157 da **IHU On-Line** reconstrói a memória dessa passagem histórica a partir de depoimentos de testemunhas que viveram aquele momento. Jornalistas, historiadores, agentes de pastoral e Bispos ajudam a compreender a complexidade do Concílio e do contexto vivido pelo mundo e pelo Brasil nos anos de 1960. Contribuem para a edição Giancarlo Zizola, José Maria Vigil, Ernanne Pinheiro, Giovanni Turbanti, Peter Hünermann, Oscar Beozzo, e Aloísio Lorscheider.

Cadernos IHU Ideias

O Ser Humano na Era da Técnica

A edição 218 do Cadernos IHU ideias traz o texto de Umberto Galimberti em que o autor analisa como a técnica deixou ser apenas um instrumento humano para se tornar o sujeito da história. "Se, então, a técnica passou a ser o sujeito da história e o ser humano seu servo obediente, o humanismo pode ser dado por concluído e as categorias humanísticas se tornam insuficientes para interpretar a época iniciada com a era da técnica", defende o autor.

Leia mais em http://bit.ly/1JjVNOJ.

Neurofuturos para sociedades de controle

Timothy Lenoir é o autor da edição 221 do Cadernos IHU ideias em que debate as linhas de sinergia e convergência entre neurociência, genética, engenharia e mídia computacional que originaram interfaces entre cérebro/computador/máquina mais próximas do que se imagina às visões radicais das sociedades de controle longamente discutidas por Deleuze. "Nas sociedades de controle, o importante não é mais uma assinatura ou um número, mas um código", ressalta o autor.

Leia mais em http://bit.ly/1ctHoCv.

10 de junho - 19h45min
As Metrópoles e a Política da Multidão
Palestrante: Prof. Dr. Adriano Pilatti – Instituto de Direito/PUC-Rio
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

twitter.com/_ihu
medium.com/@_ihu
youtube.com/ihucomunica
bit.ly/ihuon